

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ALESSANDRA APARECIDA MACON ROCHA

CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS:
A AVALIAÇÃO SOCIAL E LINGUÍSTICA ENTRE OS MORADORES DO MUNICÍPIO
DE NOVA ESPERANÇA-PR E SEU DISTRITO BARÃO DE LUCENA

Maringá
2024

ALESSANDRA APARECIDA MACON ROCHA

CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS:
A AVALIAÇÃO SOCIAL E LINGUÍSTICA ENTRE OS MORADORES DO MUNICÍPIO
DE NOVA ESPERANÇA-PR E SEU DISTRITO BARÃO DE LUCENA

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Jacqueline Ortelan Maia Botassini

Maringá
2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

R672c

Rocha, Alessandra Aparecida Macon

Crenças e atitudes linguísticas : a avaliação social e linguística entre os moradores do município de Nova Esperança-PR e seu distrito Barão de Lucena / Alessandra Aparecida Macon Rocha. -- Maringá, PR, 2024.

123 f.: il. color., figs., tabs., maps.

Orientadora: Profa. Dra. Jacqueline Ortelan Maia Botassini.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Língua Portuguesa, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2024.

1. Sociolinguística. 2. Status e desprestígio linguístico. 3. Crenças e atitudes linguísticas. 4. Preconceito linguístico. 5. Lealdade e deslealdade linguística. I. Botassini, Jacqueline Ortelan Maia , orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Língua Portuguesa. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 23.ed. 401.41

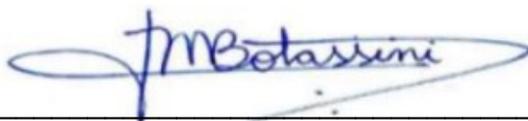
ALESSANDRA APARECIDA MACON ROCHA

CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS:
A AVALIAÇÃO SOCIAL E LINGUÍSTICA ENTRE OS MORADORES DO MUNICÍPIO
DE NOVA ESPERANÇA-PR E SEU DISTRITO BARÃO DE LUCENA

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Aprovado em: 21 de dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Jacqueline Ortelan Maia Botassini
Universidade Estadual de Maringá

Documento assinado digitalmente

gov.br

HELCIUS BATISTA PEREIRA

Data: 19/02/2024 18:20:15-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Hércius Batista Pereira
Universidade Estadual de Maringá



Prof.^a Dr.^a Dircel Aparecida Kailer
Universidade Estadual de Londrina

A Mercedes Macon (em memória) e Irene Biazzi (em memória), por tudo que suportaram para que eu estivesse aqui hoje.

AGRADECIMENTO

À Professora Jacqueline, por sua generosidade e conhecimento compartilhado. Aprender com você foi uma das experiências mais enriquecedoras da minha vida.

Ao professor Hélcio Batista e à professora Dirce Aparecida Kailer, pelas inúmeras contribuições na qualificação.

A Tiago, meu marido, que aguentou firme em todos os momentos em que eu pensei que não daria conta; todas as vezes que eu quis desistir pelos motivos que só você conhece. Obrigada pela parceria de vida. Eu te amo!

A Lívia e Luísa, amores da mamãe, tão pequeninhas e com uma fonte de força, amor e energia inesgotáveis. Obrigada por me dar força sem nem mesmo saber que o faziam. Eu amo vocês!

À Iasmim, minha amiga e incentivadora. Como você me inspirou! Quero tanto ser como você quando eu crescer que cá estou.

À minha família, minha rede de apoio, com quem eu pude contar tantas e tantas vezes. Sem vocês, mãe, pai, Rafa, Andréia, sogra, eu não conseguiria me dedicar e concluir esse processo.

A Deus, que, por motivos que eu ainda desconheço, deu-me força e perseverança durante esses anos, preparando-me para seus planos, tão perfeitos e inexplicáveis.

É preciso sair da ilha para enxergar a ilha. Não nos vemos se não saímos de nós.

José Saramago

RESUMO

Língua e sociedade são elementos indissociáveis e, conseqüentemente, influenciam-se mutuamente; desse modo, toda avaliação social se reflete na língua, assim como toda avaliação linguística se reflete na sociedade. Estudos de crenças e atitudes linguísticas têm mostrado que as opiniões que os indivíduos carregam a respeito de uma língua refletem as opiniões em relação aos usuários dela. Assim, o prestígio ou o desprestígio que se atribui a uma língua acaba sendo atribuído também ao indivíduo que dela faz uso. Esta pesquisa, fundamentada nos princípios da Sociolinguística e nos estudos de Crenças e Atitudes linguísticas, propôs-se a investigar a fala de dezesseis moradores da região Noroeste do Paraná – mais especificamente, oito do município de Nova Esperança e oito do distrito Barão de Lucena – com o objetivo de verificar as crenças e atitudes linguísticas em relação às suas falas e às falas do outro. Objetivou, ainda, averiguar as diferenças e as semelhanças que se estabelecem nessas crenças e atitudes quando considerados os fatores extralinguísticos sexo, faixa etária, grau de escolaridade e localidade. A análise dos dados das entrevistas indicou que não há um aspecto linguístico marcadamente diferente na fala dos moradores das duas localidades; apesar disso, tanto os moradores de Nova Esperança quanto os de Barão de Lucena mostram que há um desprestígio em relação à fala dos moradores do distrito, ainda que velado, e que a fala do município tem maior *status*.

Palavras-chave: Sociolinguística. Crenças e Atitudes linguísticas. Lealdade e deslealdade linguística. *Status* e desprestígio linguístico. Preconceito linguístico.

ABSTRACT

Language and society are inseparable elements and, consequently, mutually influence each other; thus, all social evaluation is reflected in the language, just as all linguistic evaluation is reflected in society. Studies on language beliefs and attitudes have shown that individuals' opinions about a language reflect opinions regarding its users. Therefore, the prestige or stigma attributed to a language ends up being attributed to the individual using it as well. This research, based on the principles of Sociolinguistics and studies of Language Beliefs and Attitudes, aimed to investigate the speech of sixteen residents from the Northwest region of Paraná – more specifically, eight from the municipality of Nova Esperança and eight from the district of Barão de Lucena – with the goal of examining linguistic beliefs and attitudes regarding their own speech and the speech of others. The analysis of interview data indicated that there isn't a markedly different linguistic aspect in the speech of residents from the two locations; nevertheless, both Nova Esperança and Barão de Lucena residents demonstrate a certain devaluation regarding the speech of the district residents, albeit subtle, and that the municipality's speech holds higher *status*.

Keywords: Sociolinguistics. Linguistic Behaviors and Beliefs. Linguistic loyalty and disloyalty. Linguistic *status* and stigma.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Relação entre crença e atitude, segundo López Morales.....	30
Figura 2 – Mapa com a localização de Nova Esperança, no Noroeste do Paraná...48	48
Figura 3 – Mapa do Caminho de Peabiru.....	49
Figura 4 – Foto da primeira pensão de Nova Esperança.....	52
Figura 5 – Foto das primeiras lavouras de café do município de Nova Esperança..	54
Figura 6 – Imagem de Barão de Lucena atualmente.....	55
Figura 7 – Mapa que indica o trecho de acesso aos distritos de Nova Esperança...55	55
Figura 8 – Imagens da avenida principal de Barão de Lucena, em 1980 e 2022.....	57

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Avaliação geral e por localidade em relação à pergunta “Como você acha que falam os nova-esperancenses?”.....	74
Tabela 02 – Respostas à pergunta “Como você acha que falam os nova-esperancenses?”, segundo os fatores sociais.....	76
Tabela 03 – Avaliação geral e por localidade em relação à pergunta “Como você acha que falam os moradores de Barão de Lucena?”.....	80
Tabela 04 – Respostas à pergunta “Como você acha que falam os moradores de Barão de Lucena?”, segundo os fatores sociais.....	82
Tabela 05 – Avaliação geral e por localidade em relação à pergunta “Falam melhor as pessoas de Nova Esperança ou de Barão de Lucena?”.....	86
Tabela 06 – Respostas à pergunta “Falam melhor as pessoas de Nova Esperança ou de Barão de Lucena?”, segundo os fatores sociais.....	89
– Avaliação geral e por localidade em relação à pergunta “Você acha que as pessoas que moram na zona rural falam da mesma forma que as pessoas que moram na cidade”.....	91
Tabela 08 – Respostas à pergunta “Você acha que as pessoas que moram na zona rural falam da mesma forma que as pessoas que moram na cidade”, segundo os fatores sociais.....	94
Tabela 09 – Avaliação geral e por localidade em relação à pergunta “Você acha que fala bem?”.....	96
Tabela 10 – Respostas à pergunta “Você acha que fala bem?”, segundo os fatores sociais.....	98
Tabela 11 – Avaliação geral e por localidade em relação à pergunta “Alguém já corrigiu a sua fala?”.....	100
Tabela 12 – Respostas à pergunta “Alguém já corrigiu a sua fala?”, segundo os fatores sociais.....	102
Tabela 13 – Avaliação geral e por localidade em relação à pergunta “Você já corrigiu a fala de alguém?”.....	103
Tabela 14 – Respostas à pergunta “Você já corrigiu a fala de alguém?”, segundo os fatores sociais.....	105

Tabela 15 – Avaliação geral e por localidade em relação à pergunta “Você já passou por alguma situação constrangedora devido ao seu modo de falar?”.....	106
Tabela 16 – Respostas à pergunta “Você já passou por alguma situação constrangedora devido ao seu modo de falar?”, segundo os fatores sociais.....	108
Tabela 17 – Avaliação geral e por localidade em relação à pergunta “Em alguma situação, estando a passeio, a trabalho ou em viagem, você já modificou a sua forma de falar para adaptar à forma de falar das pessoas do lugar onde você estava?”.....	109
Tabela 18 – Respostas à pergunta “Em alguma situação, estando a passeio, a trabalho ou em viagem, você já modificou a sua forma de falar para adaptar à forma de falar das pessoas do lugar onde você estava?”	111
Tabela 19 – Avaliação geral e por localidade em relação à pergunta “Se tivesse oportunidade de se mudar, você se mudaria? Para onde e por que se mudaria?”..	112
Tabela 20 – Respostas à pergunta “Se tivesse oportunidade de se mudar, você se mudaria? Para onde e por que se mudaria?”.....	114

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Naturalidade dos primeiros colonos de Nova Esperança e seus distritos.....	59
Quadro 2 – Norte Novo de Maringá: naturalidade dos cônjuges segundo as principais unidades da Federação – 1944-1980.....	60
Quadro 3 – Distribuição dos participantes de acordo com as variáveis sociais.....	65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FE1	Faixa Etária 1
FE2	Faixa Etária 2
EF	Ensino Fundamental
ES	Ensino Superior
NE	Nova Esperança
BL	Barão de Lucena.
F	Feminino
M	Masculino EF

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 SOCIOLINGUÍSTICA	19
2 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS	28
2.1 <i>STATUS</i> /PRESTÍGIO LINGUISTICO	33
2.2 PRECONCEITO LINGUÍSTICO	35
2.3 IDENTIDADE LINGUÍSTICA.....	37
2.4 LEALDADE E DESLEALDADE LINGUÍSTICA	38
2.5 ALGUMAS PESQUISAS SOBRE CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS NO BRASIL.....	40
3 HISTÓRIA, LOCALIZAÇÃO E CARACTERÍSTICAS DE NOVA ESPERANÇA E DE BARÃO DE LUCENA	48
3.1 NOVA ESPERANÇA.....	48
3.2 DISTRITO DE BARÃO DE LUCENA	55
3.3 OS PIONEIROS	57
4 CORPUS E METODOLOGIA	61
4.1 O <i>CORPUS</i>	61
4.2 OS PARTICIPANTES	63
4.3 METODOLOGIA	66
5 ANÁLISE DE DADOS	70
CONCLUSÃO	116
REFERÊNCIAS	119

INTRODUÇÃO

A língua é o principal meio de comunicação entre os indivíduos, que dela se valem para diversas finalidades: interação social, expressão dos sentimentos, mediação de conflitos, construção dos pensamentos, convencimento, persuasão, opressão, estigmatização, inclusão e exclusão social, entre outras.

Na verdade, língua e sociedade são elementos indissociáveis, razão pela qual Labov (1976), ao tratar do termo Sociolinguística, ressaltou “Durante anos, recusei-me a falar de sociolinguística, pois este termo implica que poderia existir uma teoria ou uma prática linguística fecunda que não fosse social” (Labov, 1976, p. 37).

Por serem indissociáveis, língua e sociedade influenciam-se mutuamente; desse modo, toda avaliação social se reflete na língua, assim como toda avaliação linguística se reflete na sociedade. Enquanto fator social, a língua é constituída por processos socioculturais e históricos, que influenciam os indivíduos e que se revelam nas suas crenças e atitudes linguísticas em situações de interação com grupos de que fazem parte, bem como na interação com grupos distintos.

Nessas interações, as semelhanças e as diferenças têm muita importância no modo como se avaliam os grupos. Assim, grupos que possuem a mesma identidade linguística são, normalmente, bem avaliados; enquanto grupos com diferente identidade linguística tendem a ser mal avaliados.

De acordo com Moreno Fernández (1998, p. 180), identidade é “aquilo que permite diferenciar um grupo do outro, uma etnia de outra, um povo de outro”. Cada comunidade linguística tem uma maneira própria de perceber o mundo e seu entorno, e isso traz reflexos para a identidade dos grupos, para o reconhecimento de pertencimento a um grupo social.

Segundo Botassini (2013, p. 59), “Esse sentimento de pertença se revela por meio do uso da linguagem, em que as representações de crenças e diferentes identidades sociais se mostram por atitudes linguísticas”.

Esta pesquisa, fundamentada nos princípios da Sociolinguística e nos estudos de Crenças e Atitudes linguísticas¹, propõe-se a investigar a fala de dezesseis moradores da região Noroeste do Paraná – mais especificamente, oito do

¹ Os temas Sociolinguística e Crenças e Atitudes linguísticas serão abordados, respectivamente, nos capítulos 1 e 2.

município de Nova Esperança e oito do distrito Barão de Lucena – com o objetivo de verificar as crenças e atitudes linguísticas em relação às suas falas e às falas do outro. A pesquisa pretende ainda, especificamente, investigar as diferenças e as semelhanças que se estabelecem nas crenças e nas atitudes dos falantes, quando considerados os fatores extralinguísticos (i) sexo, (ii) faixa etária, (iii) grau de escolaridade e (iv) localidade.

Apesar da pequena distância existente entre essas duas localidades – aproximadamente 12 km – o cotidiano dos habitantes é muito diferente, principalmente em relação ao trabalho, ao acesso ao comércio, à escola, às redes de relacionamento, entre outros aspectos.

Barão de Lucena é um distrito que pertence ao Município de Nova Esperança e possui cerca de mil habitantes em seu ambiente urbano e aproximadamente 500 pessoas no ambiente rural. Já Nova Esperança possui 26 mil habitantes.

Todo acesso a hospital, a Ensino Médio e Superior, a posto de combustível, a supermercado, a farmácia e a comércio em geral é feito com o deslocamento até a área central do município de Nova Esperança, por isso a convivência entre as pessoas desses locais é frequente. Existem ainda aqueles que se deslocam do distrito até a cidade para trabalhar.

As diferenças existentes nas realidades desses dois locais provocam mudanças na forma como a linguagem é transmitida e isso causa um distanciamento social que é sentido e percebido, sobretudo, por aqueles que residem no distrito de Barão de Lucena, que se sentem, muitas vezes, segundo relatos, inferiorizados e desprestigiados pelos indivíduos que moram na região central de Nova Esperança.

Esse sentimento de desprestígio pode ser resultado das diferentes condições sociais dos moradores dessas duas localidades. Por exemplo, enquanto os moradores da região central de Nova Esperança exercem profissões que têm mais prestígio social e melhor remuneração (comércio, escritórios, hospitais, escolas), os de Barão de Lucena, em sua maioria, realizam atividades pouco prestigiadas, como as rurais (plantio de mandioca, cana de açúcar, parreiras de uva) ou de setores de serviços gerais (limpeza).

O ensino, no distrito, é oferecido até o 9.º ano e são poucos os que se deslocam até o município para cursar o Ensino Médio ou Superior. Percebe-se que isso é algo cultural entre eles, pois a preferência é que busquem trabalho na zona rural antes mesmo de completar o Ensino Fundamental para que possam complementar a renda familiar.

A hipótese que se levanta é a de que a diferente organização social existente entre o Município de Nova Esperança e o Distrito Barão de Lucena pode refletir-se na maneira como os indivíduos se relacionam e se expressam. Assim, poderiam essas diferenças ser responsáveis por trazer à tona, de um lado, o senso de superioridade, *status* e prestígio e, de outro, o sentimento de inferioridade e de desprestígio nas relações entre os indivíduos?

O principal interesse em realizar uma pesquisa sobre a fala dos moradores de Barão de Lucena e Nova Esperança deve-se ao fato de que a pesquisadora desta dissertação foi moradora do distrito por mais de 20 anos e mudou-se para Nova Esperança aos 22 anos. Por ter contato com os moradores de ambos os locais, notou que havia diferenças principalmente relacionadas à forma como as pessoas viviam e se relacionavam e, com a intenção de investigar essa diferença, trouxe para o mestrado essa proposta de pesquisa.

A realização desta pesquisa se justifica (i) por possibilitar verificar o quanto essas diferenças podem interferir nas crenças e atitudes linguísticas dos moradores das duas localidades, (ii) por tentar esclarecer questões relativas ao prestígio e ao preconceito linguístico nessas localidades e (iii) por buscar trazer contribuições para os estudos de crenças e atitudes linguísticas de uma região do Noroeste do Paraná que ainda não foi estudada.

Para alcançar os objetivos desta pesquisa, amostras de fala dos participantes foram coletadas por meio de entrevistas presenciais, utilizando um questionário qualitativo, adaptado de Botassini (2013, p. 127), constituído de 13 questões abertas “para verificar como os participantes avaliam a sua variedade linguística bem como a variedade linguística de outros grupos dialetais”.

Esta dissertação é composta por introdução, cinco capítulos e conclusão. A presente seção, ou seja, a introdução, traz os objetivos, a justificativa, a contribuição esperada e as hipóteses do trabalho.

O primeiro e o segundo capítulos trazem as bases teóricas que embasam esta pesquisa, bem como alguns conceitos que se julgam necessários para a compreensão adequada do fenômeno em estudo, a saber: os conceitos relacionados à Sociolinguística, no primeiro capítulo, e os relativos aos estudos de Crenças e Atitudes linguísticas (e os elementos a elas relacionados, como *status*, preconceito, identidade, lealdade e deslealdade linguística), no segundo capítulo.

O terceiro capítulo expõe um breve histórico sobre a localização e as características de Nova Esperança e de Barão de Lucena.

O quarto capítulo detalha o *corpus*, os participantes e os procedimentos metodológicos.

O quinto capítulo versa sobre a análise dos dados que foram obtidos por meio do questionário qualitativo aplicado aos participantes. Esse instrumento constitui a base para as análises referentes às crenças e às atitudes dos participantes em relação à sua fala e à fala do outro.

Finalmente, a partir dos resultados obtidos na análise dos dados, apresentam-se as conclusões a que se pôde chegar.

1 SOCIOLINGUÍSTICA

O termo Sociolinguística surgiu em 1964, durante um congresso organizado por William Bright na Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA), onde estavam presentes muitos pesquisadores que tinham como foco o estudo da relação entre linguagem e sociedade. Entre esses pesquisadores, estavam John Gumperz, Einar Haugen, Dell Hymes e William Labov.

Os estudos apresentados pelos pesquisadores nesse congresso foram organizados por Bright e publicados em um livro intitulado *Sociolinguistics: Proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference*². Em seu capítulo autoral, *As dimensões da sociolinguística*, Bright (1974) apresenta a definição dessa nova área de estudo, conceituando o campo da sociolinguística — ainda que ele mesmo considere difícil a tarefa de conceituá-la.

A sociolinguística trouxe uma nova forma de analisar os estudos linguísticos que até então eram realizados. A proposta dos estudos sociolinguísticos consistia em inserir fatores sociais aos estudos da língua. Dessa forma, os estudos voltados à análise da língua enquanto instrumento de comunicação social passaram a analisar dados reais que eram produzidos pelos falantes de um determinado idioma.

De acordo com Bright (1974), o principal objetivo dos estudos sociolinguísticos é “demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social e, talvez, até mesmo demonstrar uma relação causal em uma ou outra direção”. O estudo sociolinguístico se diferencia dos estudos da Sociologia da Linguagem porque a preocupação central da Sociolinguística está em analisar “tanto a língua quanto a sociedade como sendo uma estrutura e não uma coleção de itens” (BRIGHT, 1974, p. 17)³.

Para Bright (1974), o objeto de estudo da Sociolinguística deve ser a diversidade linguística, de forma que as variações existentes em uma comunidade devam ser correlacionadas às diferentes estruturas sociais dessa mesma comunidade.

Bright (1974) apresenta sete fatores considerados perspectivas de interesse para a Sociolinguística e com os quais a diversidade linguística possa estar

² Publicado originalmente pela Editora Mouton, em 1966.

³ Para mais detalhes sobre essa obra, consultar BRIGHT, William. *As dimensões da sociolinguística*. In: FONSECA, Maria Stella Vieira da; NEVES, Moema Facure (orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

relacionada de alguma forma: (i) a identidade social do emissor; (ii) a identidade social do receptor; (iii) o contexto; (iv) a sincronia e a diacronia; (v) os usos linguísticos e as crenças a respeito desses usos; (vi) a extensão da diversidade; (vii) a aplicação da Sociolinguística.

O autor afirma que, mesmo tendo derivado da abordagem estruturalista, a Sociolinguística rompe com a ideia de que as línguas são uniformes, homogêneas e monolíticas. Para ele, o sociolinguista tem como principal tarefa “demonstrar que na verdade tal variação ou diversidade não é ‘livre’, mas correlacionada a diferenças sociais sistemáticas” enquanto os estruturalistas defendem a ideia de que há uma “variação livre” nas diferenças identificadas nos hábitos de fala de uma comunidade (BRIGHT, 1974, p. 18).

Segundo Borges Neto (2004, p. 59),

Uma olhada rápida no conjunto das teorias atualmente em concorrência nos permite identificar uma dicotomia que opõe, de um lado, os linguistas que, como Saussure e Chomsky, “homogeneízam” o objeto de estudo e “autonomizam” a linguística e, de outro, os linguistas que trabalham com objetos heterogêneos e “interdisciplinaram” a linguística.

Dentro da literatura, os estudos relacionados à Sociolinguística tiveram início principalmente com Labov (1976). Percursor da Sociolinguística Variacionista, o autor afirmou que, por muito tempo, recusou-se a usar o termo “sociolinguística”, pois entendia que língua e sociedade não podiam ser estudadas separadamente.

No primeiro capítulo de *Padrões Sociolinguísticos*, Labov (2008)⁴ descreve a pesquisa que realizou durante seu mestrado em uma ilha na costa nordeste dos Estados Unidos, em Massachusetts, que, na época, tinha uma população de aproximadamente 6 mil habitantes e, durante a temporada de verão, recebia muitos turistas. Por considerarem a área como um local em que o inglês americano era conservado, o principal objetivo era pesquisar a frequência e a distribuição das variantes /ay/ e /aw/ da população, considerando a faixa etária, as profissões, a etnia dos habitantes da ilha e a atitude como uma variável independente.

⁴ A obra *Padrões Sociolinguísticos* foi publicada originalmente em 1972 pela editora University of Pennsylvania. No Brasil, ela foi traduzida por Bagno, Scherre e Cardoso e publicada pela Parábola Editorial em 2008.

A pesquisa mostrou que o traço fonético da população é uma reprodução inconsciente dos ilhotas. Em suas conclusões, Labov entende que a mudança na fala ocorria como uma atitude de firmar uma identidade local em relação aos veranistas. Os moradores da ilha que usavam a forma linguística local mostravam ter sentimentos mais positivos em relação ao lugar onde viviam, já aqueles que mudavam a forma de falar, buscando uma forma linguística de maior prestígio, eram minoria, e nutriam sentimentos menos favoráveis à ilha.

Nesse estudo, Labov não demonstra apenas a interferência dos fatores sociais em relação à fala, mas as questões identitárias, trazendo à tona a questão da identidade e da lealdade linguística. Em especial, mostra o significado social de um fenômeno fonético e analisa o engajamento social no interior dos grupos étnicos que não agem de maneira coesa linguisticamente, explorando as questões identitárias dos ilhotas. Com esse trabalho, Labov tornou-se referência nos estudos linguísticos, pois desenvolveu uma metodologia para sistematizar a heterogeneidade da língua falada.

Ao propor um novo olhar sobre os fenômenos decorrentes da variação e das mudanças da língua, principalmente a respeito do andamento da fonologia do inglês dos Estados Unidos, Labov (2008) apresenta a sociolinguística, que considera os fatores sociais como agentes de mudança da forma como os falantes fazem uso da língua e mostra a linguagem como algo social e inerente à linguística.

Em seus estudos, Labov (2008) identificou três principais fatores que afetam a variação na linguagem: a região geográfica, a classe social e a situação. Além disso, ele argumenta que a mudança linguística é guiada pela motivação interna e externa, bem como pelo contato entre línguas.

A região geográfica pode influenciar as formas linguísticas usadas por alguém, dependendo do local onde vive. Por exemplo, as pessoas que vivem em uma cidade pequena ou em um subúrbio podem usar formas diferentes de pessoas que vivem em uma grande cidade; observa-se essa conclusão com o estudo de Martha's Vineyard.

A classe social também pode determinar as formas linguísticas usadas por alguém. Por exemplo, Labov (2008) observou que pessoas de alta classe social podem usar formas mais sofisticadas da língua do que aquelas usadas por pessoas

de baixa classe social. Além disso, o vocabulário e o estilo de fala podem variar significativamente com base na classe social (Labov, 2008).

Labov (2008) estudou a estratificação social do /r/ em lojas de departamento na cidade de Nova Iorque, mostrando que a competência sociolinguística daquela comunidade é composta por regras que foram condicionadas por fatores sociais. O autor identificou duas variantes do seguimento /r/ em posição pós-vocálica: [r] e [Ø]. Nessa pesquisa, verificou-se que a não realização de [r], que era uma variante com prestígio, foi sendo substituída por sua articulação, que passou a adquirir *status*.

Os dados dessa pesquisa foram coletados junto à fala de empregados de três grandes lojas de departamento de Manhattan: Sack Fifth Avenue (nível sociocultural 1), Macy's (nível sociocultural 2) e S. Klein (nível sociocultural 3)⁵. Labov (2008) acreditava que, nessas lojas, cujos preços dos produtos e a moda são diferenciados, podiam-se encontrar clientes socialmente estratificados. Da mesma forma, os empregados dessas lojas costumam imitar a conduta linguística de seus clientes. Dentre três níveis socioculturais, o mais alto foi o que realizou mais articulações de [r]: nível sociocultural 1 (nível alto), 47,7%; nível sociocultural 2 (nível médio), 37,2%; nível sociocultural 3 (nível baixo), 9,7%. Esses resultados mostram que existe uma diferença evidente entre o comportamento das pessoas que pertencem à comunidade de mais alto *status* e as demais pessoas, afirmando que

A classe média alta desenvolve o uso de (r-l) cedo na vida - como uma expressão variável de formalidade relativa a ser encontrada em níveis estilísticos. Para os outros grupos da cidade de Nova Iorque, não existe base sólida para (r-l) no estilo vernacular da fala casual; para eles, (r-l) é uma forma que requer alguma atenção ao modo de falar, se for usada (Labov, 2008, p. 85).

A terceira variável, a situação, refere-se ao contexto em que a comunicação ocorre. A linguagem é adaptada pelo falante de acordo com o ambiente, o interlocutor e o objetivo daquela comunicação. Por exemplo, é possível que alguém mude sua linguagem em uma entrevista de emprego, usando uma linguagem mais formal, ou fale informalmente em um almoço de domingo com a família.

Em seu estudo de Nova Iorque, o autor compara três lojas de departamento, sendo elas escolhidas de acordo com a classe social dos clientes que cada uma

⁵ Nesse estudo, Labov descreve minuciosamente as características que determinaram o estatuto de cada loja.

atende: uma, classe média alta; uma, classe média baixa; e uma, classe operária, com o objetivo de expor a questão da estratificação social. O objetivo com essas escolhas era analisar forma como as pessoas se apropriavam da língua em momentos em que não estavam sendo observadas.

Labov (2008) observou que as pessoas são conscientes das normas sociais e são capazes de ajustá-las de acordo com o contexto, o que demonstra a influência da situação na variação linguística. É possível observar, inclusive, que esses fatores não ocorrem de forma isolada. Existe uma interação na maneira complexa em que são utilizados.

No capítulo *O Isolamento de Estilos Contextuais* (Labov, 2008, p. 135), o autor assente que a fala dos participantes em uma entrevista sociolinguística não é feita de forma casual como no diálogo cotidiano com pessoas próximas, mas, mesmo em entrevistas em que os participantes sabem que estão sendo gravados, é possível obter falas mais espontâneas, ainda que algumas sejam mais monitoradas.

Dentro da língua, existem variações na fala que podem ser fonológicas, morfológicas, sintáticas ou lexicais. Para Labov (2008), a variação da língua é um processo natural, que muda de acordo com as mudanças sociais em um processo natural e integrado; ou seja, não há a possibilidade de separar a língua e o social.

O modelo teórico-metodológico criado por Labov consiste no estudo da coexistência de inúmeras variantes linguísticas e as diferentes possibilidades de uso que podem existir entre elas. Esse modelo apresenta-se como uma reação às “teorias da estrutura homogênea”, que, na visão de Saussure, por exemplo, entendem que variabilidade e sistematicidade se excluem mutuamente.

Não ofereceram nenhum meio efetivo para constituir uma comunidade de fala a partir de vários desses idioletos, nem sequer para representar o comportamento de um único falante com diversos idioletos à sua disposição. Tampouco ofereceram um método efetivo para constituir uma única língua a partir de estágios homogêneos cronologicamente discrepantes. No entanto, a maioria dos linguistas reconhece a evidência que demonstra que a mudança linguística é um processo contínuo e o subproduto inevitável da interação linguística (2009, p.87).

Weinreich, Labov e Herzog (2009, p.88) sugerem que a solução seria romper com a identificação da estruturalidade com a homogeneidade e, em seu

lugar, explicar a mudança linguística por meio da descrição da “diferenciação ordenada dentro da língua” (Weinreich, Labov e Herzog, 2009, p. 88).

Já para Tarallo (2002, p. 7), esse modelo é “uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo”, em que o objeto do estudo linguístico deve ser a competência linguística do falante-ouvinte ideal que é integrante de uma comunidade linguisticamente homogênea.

As dimensões subjetivas de uma mudança linguística em progresso, segundo Labov (2008), são a motivação interna e externa e o contato entre línguas. A motivação interna, ou a necessidade de se diferenciar do grupo, é a razão pela qual as pessoas escolhem formas linguísticas diferentes. A motivação externa, ou a imitação de outros membros do grupo, é outra razão pela qual as pessoas podem optar por formas linguísticas diferentes (Labov, 2008).

Além disso, Labov (2008) acredita que o contato entre línguas é um importante motor de mudança sonora, já que as línguas de origem e de destino se influenciam mutuamente. São essas motivações que dão origem às variações que ocorrem na língua.

Dentro da Sociolinguística, as variações são chamadas de variantes linguísticas. Qualquer comunidade de fala, na complexidade de suas necessidades de comunicação, utiliza variantes linguísticas que são “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade” (Tarallo, 1990, p. 8) ou, conforme Battisti, Othero e Flores (2022, p. 24), apresentam formas alternativas de dizer a mesma coisa em termos de significado linguístico ou valor funcional, com alguma eventual diferença em seu valor estilístico ou significado social.

Alkmim (2012) afirma que existe uma relação entre sociedade e linguagem que não pode ser desassociada. Essa relação passou por mudanças no decorrer do tempo que foi moldando a forma como o sujeito se apropria da língua e faz dela um meio para que a comunicação ocorra. Essas mudanças justificam os fenômenos linguísticos que ocorrem na sociedade, acarretando a variação linguística.

Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano. A história da humanidade é a história de seres organizados em sociedades e detentores de um

sistema de comunicação oral, ou seja, de uma língua (ALKMIM, 2012, p. 22).

Alkmim (2012, p.33) afirma que, “Pondo de maneira simples e direta, podemos dizer que o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isso é, em situações reais de uso”. Assim, entre outras tarefas, a Sociolinguística se ocupa em descrever, em padrões gerais, os diferentes usos da linguagem em uma determinada comunidade de fala para que seja possível discriminar a relação existente entre a diversidade linguística e os falantes que fazem uso das muitas variedades existentes dentro dessa comunidade de fala.

Considerando que “qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações” (Alkmim, 2012, p. 35), a autora mostra que nenhuma língua é homogênea, visto que qualquer língua apresenta variações. Um exemplo apontado pela autora é a própria língua portuguesa e seus muitos modos de ser falada nos diferentes países cujo idioma principal é o português.

Língua e variação são inseparáveis: a Sociolinguística encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico. Nesse sentido, qualquer tentativa de buscar apreender apenas o invariável, o sistema subjacente — se valer de oposições como “língua e fala”, ou competência e performance — significa uma redução na compreensão do fenômeno linguístico (Alkmim, 2012, p. 35).

Além da associação existente entre a língua e a variação, a autora descreve as variações linguísticas “a partir de dois parâmetros básicos: a variação geográfica (ou diatópica) e a variação social (ou diastrática)” (Alkmim, 2012, p. 36).

A variação geográfica ocorre por meio da localidade em que uma língua é falada, como, por exemplo, Brasil e Portugal, que falam o mesmo “português”, mas apresentam diferenças lexicais, morfológicas e sintáticas. Se considerarmos apenas o português falado no Brasil, haverá diferenças na fala de cariocas e nordestinos, por exemplo. Já a variação social ocorre devido a um conjunto de fatores que está relacionado à identidade dos falantes e à localidade onde vivem, podendo ser: classe social, idade, sexo, situação ou contexto social (Alkmim, 2012).

Alkmim (2012) e Mollica (2021), dentre outros estudiosos que se pautam na perspectiva da Sociolinguística, defendem que a língua falada é um sistema

heterogêneo que se relaciona com variáveis sociais existentes (sexo, faixa etária, grau de escolaridade, localidade etc.) e, por isso, evolui.

Para Mollica (2021, p.10), “A variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes. Entendemos então por variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável”. A autora ainda acrescenta que a variação é “um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente” (Mollica, 2021, p. 10).

Essas variáveis, como frisa a autora, podem manter-se estáveis nessas comunidades por um período curto ou por décadas, o que indica uma mudança em progresso dessas variantes. A Sociolinguística, de acordo com Mollica (2021, p. 11), deve “investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático”.

Isso porque, dentro de uma comunidade de fala, os falantes interagem entre si e adequam sua forma de falar a depender do interlocutor. Nesse momento de troca, a língua é usada pelo falante de modo a se adequar ao ouvinte; o que ocorre, muitas vezes, sem intenção. Dado esse fato, existe a importância de compreender que o falante tem uma bagagem linguística que vem de fatores sociais e isso interfere na forma como ele decide fazer uso da língua. Por isso, existe a necessidade de estudar a linguagem atrelada aos fatores sociais.

A Sociolinguística considera a linguagem como objeto de estudo e parte do “pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais” (Mollica, 2021, p.10).

López Morales (2004) afirma que a sociolinguística busca fundamentalmente definir os contextos linguísticos e sociais que explicam a variação, assim como analisar as atitudes que os falantes têm diante de variações linguísticas. Para o autor, em todas as sociedades é possível que se encontre a variação linguística e, mesmo em sociedades mais primitivas, conforme ocorrem transformações sociais em seus ambientes, ocorrem mudanças que levam à variação do uso da língua.

A sociolinguística, portanto, estuda a relação existente entre a linguagem e a sociedade, examinando a forma como os fatores sociais (etnia, gênero, classe

social, idade etc.) influenciam a maneira como as pessoas utilizam a linguagem e as variações que esses fatores causam no uso da língua.

2 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

Dentro dos estudos linguísticos, as investigações a respeito das crenças e atitudes linguísticas são algo relativamente recente. Na década de 70, Labov indicava que havia a necessidade de estudar esses fatores, principalmente após a publicação de seu primeiro trabalho de fonética sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard⁶.

Botassini (2013) destaca que os estudos sobre crenças e atitudes linguísticas são importantes porque têm permitido verificar que a opinião que se tem a respeito de uma língua expressa a opinião sobre os indivíduos que utilizam essa língua. Ainda de acordo com a autora,

Estudos relacionados a esse tema têm apontado pistas para a Sociolinguística na compreensão de questões que podem estar relacionadas a determinadas atitudes linguísticas manifestadas por um grupo ou por uma comunidade de fala. Também possibilitam “predizer” um dado comportamento linguístico (Botassini, 2013, p. 43).

Moreno Fernández (1998) discute a importância dos estudos sobre atitudes linguísticas já que isso possibilita conhecer mais profundamente os processos da linguagem, como o planejamento e o ensino de línguas.

Uma atitude favorável ou positiva pode acelerar a ocorrência de uma mudança linguística, fazer com que, em certos contextos, o uso de uma língua prevaleça sobre outra, melhorar o ensino e a aprendizagem de uma língua estrangeira, restringir certas variantes linguísticas a contextos menos formais e fazer com que outras predominem em estilos cuidados. Uma atitude desfavorável ou negativa pode levar ao abandono e ao esquecimento de uma língua ou impedir a disseminação de uma variante ou mudança linguística (Moreno Fernández, 1998, p. 179).

Examinar as crenças e atitudes dos indivíduos é importante para que possa haver uma compreensão em relação à forma como eles mantêm seus laços sociais e por que existe dificuldade ou facilidade em determinadas relações, como afirma Moreno Fernández (1998, p. 179), “as atitudes influem decisivamente nos processos

⁶ Conforme visto no capítulo 1, página 21.

de variação e mudanças linguísticas que se produzem nas comunidades de fala” (Moreno Fernández, 1998, p. 179).

Ao estudar crenças e atitudes, o primeiro problema com que se depara é o fato de os autores entenderem-nas de formas diversas e isso se dá pelo fato de elas estarem estreitamente interligadas. A consequência disso é que, para alguns, a crença corresponde a um dos componentes da atitude, enquanto, para outros, a atitude é um dos componentes da crença.

Lambert e Lambert (1972), por exemplo, entendem a crença como um dos componentes da atitude; já López Morales (2004) e Botassini (2013) veem a atitude como uma reação às crenças que um indivíduo possui, ou seja, nessa perspectiva, a atitude é um dos componentes da crença.

Conforme afirmam Lambert e Lambert (1972),

Atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e **as crenças**, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir (Lambert e Lambert, 1972, p. 77, grifo nosso).

Os autores asseveram, ainda, que

[...] uma atitude está formada quando esses componentes se encontram de tal modo inter-relacionados que os sentimentos e tendências reativas específicas ficam coerentemente associados com uma maneira particular de pensar em certas pessoas ou acontecimentos (Lambert e Lambert, 1972, p. 78).

Esses componentes vão sendo moldados e ajudam a desenvolver as atitudes. Depois que elas estão desenvolvidas, determinam a forma regular como o indivíduo reagirá e se ajustará socialmente, sempre que for exposto a uma situação semelhante. Nas primeiras fases de desenvolvimento, as atitudes ainda não estão tão rígidas e podem ser modificadas por novas experiências; mas, na fase adulta, “sua organização pode-se tornar inflexível e estereotipada, especialmente para aquelas pessoas que foram encorajadas, no decurso de grandes períodos de tempos, a reagir segundo processos padronizados ou ‘aceitáveis’ a determinados acontecimentos e grupos” (Lambert e Lambert, 1972, p. 78).

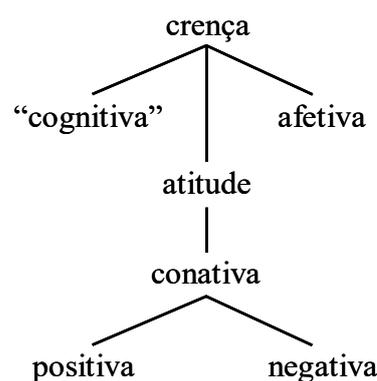
Para Lambert e Lambert (1972), a atitude pode ser definida como uma opinião ou ideia que é formada por emoções que influenciam as ações dos indivíduos a depender de situações particulares definidas pelo social. O caráter cognitivo dessas atitudes implica a compreensão e a modificação de atitudes.

As atitudes desempenham uma função essencial na determinação do nosso comportamento; por exemplo, afetam nossos julgamentos e percepções sobre outros, ajudam a determinar os grupos com que nos associamos, as profissões que finalmente escolhemos e até as filosofias à sombra das quais vivemos (Lambert e Lambert, 1972, p. 83).

Calvet (2002) afirma que as atitudes linguísticas têm influência no comportamento linguístico, principalmente porque não tem como guardar numa gaveta as atitudes e desvinculá-las da fala. De acordo com o autor, “Com efeito, existe todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que as utilizam, que torna superficial a análise da língua como simples instrumento” (Calvet, 2002, p. 65).

Contrariamente a Lambert e Lambert (1972), para López Morales (2004), as crenças geram atitudes e a atitude está dominada pelo elemento conativo. Observe o esquema abaixo elaborado por López Morales (2004):

Figura 1 – Relação entre crença e atitude, segundo López Morales.



Fonte: López Morales (2004)

A atitude, de acordo com López Moraes (2004), compõe a crença, que é constituída pela atitude (elemento conativo) e pelos elementos cognitivos e afetivos. Os elementos cognitivos abrangem as percepções, os conhecimentos e os

estereótipos que estão presentes no indivíduo. Os elementos afetivos abrangem as emoções e os sentimentos. Já a atitude é constituída pelo componente conativo. Isso indica um estado de disposição que intervém entre um estímulo que causa uma reação diante daquilo que é visto (ou ouvido). Assim, a atitude não pode ser neutra, pois ela está dominada pelo traço comportamental, por comportamentos que podem ser positivos ou negativos, de aceitação ou de rejeição (López Moralez, 2004).

Ainda em relação às crenças, de acordo com Botassini (2013), são muitas as áreas do conhecimento que recorrem a essa temática para desenvolver suas teorias e são muitos os significados atribuídos à crença.

Nos dicionários de língua portuguesa, registram-se, com mais frequência, as seguintes definições: ato ou efeito de crer; fé religiosa; convicção íntima; opinião formada; credence; superstição; forma de assentimento que se dá às verdades de fé, que é objetivamente insuficiente, embora subjetivamente se imponha com grande convicção (Botassini, 2013, p. 46).

Para Botassini (2013, p. 59), “a crença é ‘maior’, ela contém a atitude”; ou seja, para que haja a ação em relação a algo, é necessário, primeiramente, conhecê-lo, haver uma crença, afinal, “ninguém pode manifestar uma reação pró ou contra algo que é desconhecido” (Botassini, 2013, p. 53).

Labov (2008) define crenças como “um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são partilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão” (Labov, 2008, p. 176). As crenças, portanto, determinam as atitudes que os indivíduos têm frente às circunstâncias a que são expostos; a depender da crença que se tem em relação aos usos linguísticos, as atitudes poderão ser positivas ou negativas.

A crença em relação à língua acontece correlacionada à forma como um falante considera sua língua apropriada ou não diante de outras variações da língua e determina a forma como ele a utilizará; o que determina também a forma como essa variação será propagada, como afirma Moreno Fernandez (1998),

[...] atitude em relação à linguagem e seu uso se torna especialmente atraente quando vistas na sua verdadeira magnitude o fato de que as línguas não são apenas portadoras de formas e atributos linguísticos determinados, mas também são capazes de transmitir significado ou conotações sociais, bem como valores sentimentais. As regras e as

marcas culturais de um grupo se transmitem ou se destacam por meio da língua (Moreno Fernández, 1998, p.178).

As reações que os falantes têm a sua forma de falar e a dos demais falantes consistem em atitudes que são mantidas, pois estão relacionadas ao conceito que é estabelecido de acordo com a vivência que cada falante tem com as variações linguísticas. Esses conceitos podem culminar em preconceito linguístico em relação a algumas variedades linguísticas.

Assim, é possível observar, de acordo com as crenças, as atitudes linguísticas que determinam a forma de se relacionar com o outro, como afirma Moreno Fernández (1998, p. 179):

As atitudes influenciam decisivamente nos processos de variação e mudança linguística que ocorrem nas comunidades de fala. Uma atitude favorável ou positiva pode fazer com que uma mudança ocorra mais rapidamente, e que em certos contextos predomine o uso de uma língua em detrimento de outras.

Ao conceber sua atitude diante de uma variação linguística, o falante pode desenvolver uma atitude favorável ou negativa, levando ao abandono ou ao esquecimento de uma língua e impedindo que haja a propagação de uma variante linguística, ainda que isso ocorra de forma inconsciente (Moreno Fernández, 1998).

De acordo com o autor, “a atitude linguística é a consciência sociolinguística: os indivíduos forjam atitudes, quaisquer que sejam, porque têm consciência de uma série de fatos linguísticos e sociolinguísticos que se referem a eles ou lhes afetam” (Moreno Fernández, 1998, p. 181). Ou seja, muitas vezes, as atitudes das pessoas podem não ser condizentes com suas crenças. Elas podem ser forjadas se o indivíduo perceber “(i) que é proveitoso mudar para alcançar um objetivo específico, (ii) para adentrar um grupo, (iii) para ganhar *status*, prestígio, (iv) para obter vantagens, em resumo, para satisfazer uma necessidade” (Botassini, 2013, p. 58).

Para Bem (1973), as crenças e atitudes humanas são fundamentadas em quatro atividades: pensar, sentir, comportar-se e interagir com outros indivíduos. A interação com outros indivíduos corresponde a quatro partes: cognitiva, emocional, comportamental e social. Para o autor, “crenças, atitudes e valores parecem estar logicamente ligados, mas em alguns casos a lógica mais parece freudiana que

aristotélica”, e reitera que “é esta mistura de lógica e psico-lógica que constitui os fundamentos cognitivos das crenças e atitudes” (Bem, 1973, p. 12).

Os grupos aos quais uma pessoa pertence desde o seu nascimento têm crenças implícitas e explícitas e atitudes e comportamento considerados apropriados e inapropriados para cada um deles (Bem, 1973). Diante disso, o autor afirma que

Qualquer membro de um grupo que se afasta dessas normas arrisca-se ao isolamento e à desaprovação social; em outras palavras, os grupos regulam as crenças, atitudes e comportamentos através do uso da recompensa e punição social. Existe uma segunda maneira, e mais sutil, através da qual os grupos podem nos influenciar: fornecendo-nos um quadro de referência pelo qual comparamos e avaliamos nossas reações às coisas, isto é, de grupos que às vezes nos fornecem óculos através dos quais olhamos para o mundo (Bem, 1973, p. 136).

Não é possível falar de crenças e atitudes sem aprofundar essa discussão para aspectos intimamente vinculados a elas, como *status*/prestígio linguístico, preconceito linguístico, identidade linguística, lealdade e deslealdade linguística, — o que será tratado nas próximas subseções deste estudo.

2.1 STATUS/PRESTÍGIO LINGUISTICO

Quando pensamos em *status*, é comum relacionarmos isso a algo bom, bem-visto, desejável. No entanto, se formos analisar a etimologia e o significado dessa palavra, veremos que não é exatamente assim. O dicionário Priberam define que, etimologicamente, *status* é uma palavra de origem latina que significa “posição de pé, situação, estado, condição”. O Dicionário Houaiss define *status* como “Estado ou circunstância que algo ou alguém ocupa em determinado momento; condição, conjuntura”. O Cambridge Dictionary define *status* como “uma posição aceita ou oficial, especialmente em um grupo social”.

Labov (2008), ainda que não se refira especificamente à palavra *status*, utiliza os mesmos conceitos para tratar do prestígio linguístico atribuído a diferentes variedades linguísticas. Camara Jr. (1975) se refere a *status* quando afirma que a linguagem de determinado grupo se torna uma marca de *status* social pela forma como se manifesta linguisticamente tanto quanto outros comportamentos que esse grupo venha a ter.

Além desse termo, a palavra “prestígio” também é utilizada dentro dos estudos linguísticos, principalmente para indicar situações hierárquicas que existem entre os indivíduos de uma comunidade ou comparando diferentes comunidades linguísticas. Assim, neste estudo, as palavras *status* e prestígio serão utilizadas como sinônimos.

Labov (2008, p. 248) informa que quando as pessoas são indagadas sobre quais formas são características de sua fala, elas não respondem necessariamente em conformidade com aquilo que falam, mas sim de acordo com o que imaginam ter prestígio ou ser correto.

Existem diferentes julgamentos que podem ser feitos diante das ações de um grupo social. Moreno Fernández (1998) afirma que o *status* de um grupo pode ser alto ou baixo na sociedade a depender da valoração que esse grupo apresenta.

A mesma variedade pode ser objeto de atitudes positivas ou negativas, dependendo da avaliação que se faz do grupo em que se fala: as atitudes são geralmente a manifestação das preferências e convenções sociais acerca do *status* e do prestígio dos falantes (Moreno Fernández, 1998, p. 181).

Tarallo (1990) indica que as variantes de uma variável linguística podem receber uma valoração diferente, classificando-a em padrão ou não padrão, inovadora ou conservadora, de prestígio ou estigmatizada. Assim, “a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico da sociedade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade” (Tarallo, 1990, p. 12).

Dentro das comunidades de fala, Alkmim (2012) indica que há uma ordenação de acordo com o valor que a variação linguística tem em uso e isso se reflete na hierarquia dos grupos sociais. De acordo com a autora, “[...] fica evidente a existência de uma variedade de prestígio e de variedades não prestigiadas nas sociedades” (Alkmim, 2012, p. 39). Dessa forma, “a variedade alçada à condição de padrão não detém propriedades intrínsecas que garantem uma qualidade naturalmente superior às demais variedades”. Dessa forma, é possível afirmar que isso ocorre porque o que determina se uma variável é superior ou inferior está relacionado aos falantes e não à fala.

As normas que definem *status* e prestígio não são fixas e podem variar de acordo com cada grupo de falantes e comunidades linguísticas, como afirma Botassini (2013, p. 63), “essa variação depende de questões sociais, econômicas, culturais, políticas, religiosas, históricas, linguísticas com as quais os indivíduos se identificam ou, ao contrário, das quais se diferenciam”.

2.2 PRECONCEITO LINGUÍSTICO

O termo “preconceito linguístico” está relacionado às atitudes negativas tidas pelos indivíduos diante de um grupo linguístico sem razão que justifique essas atitudes. Da mesma forma, a palavra “estigma” é utilizada como sinônimo e, assim como o preconceito, esse tipo de ação é realizada por um grupo que avalia preconceituosamente outro; geralmente, grupos com pouco ou nenhum prestígio social, minorias linguísticas, que têm a fala diferente daqueles que estão “avaliando”.

Botassini (2013) concorda com a ideia de que estigma e preconceito podem ser usados em alguns contextos como palavras sinônimas, entretanto a autora destaca que existem diferenças entre os dois termos quanto ao grau da avaliação negativa.

Parece que, em relação ao preconceito, a atitude negativa frente ao elemento que está sendo objeto de avaliação é menor do que no caso do estigma. Desse modo, aparentemente, o estigma está impregnado de uma aversão ausente no preconceito (Botassini, 2013, p. 64).

Calvet (2002) afirma que existem “fórmulas pré-fabricadas” que mostram o preconceito existente contra as línguas em diferentes épocas. De acordo com o autor, existem estereótipos que estão presentes em diferentes idiomas, como francês, italiano e espanhol e “esses estereótipos não se referem a línguas diferentes apenas, mas também às variantes geográficas das línguas, frequentemente classificadas pelo senso comum ao longo de uma escala de valores” (Calvet, 2002, p. 67).

Esses julgamentos feitos em detrimento de um idioma ocorrem como uma forma de o falante defender sua língua e, para isso, pode haver atitudes que vão além da “defesa” e tornam-se formas de atacar o outro. Isso aconteceu no passado

e possivelmente acontecerá no futuro; não é algo exclusivo da época em que vivemos (Calvet, 2002, p. 68).

Quando a forma de avaliar e julgar o outro devido ao seu idioma faz que haja menosprezo, superioridade, ofensa ou quaisquer outras formas de prejudicar o outro devido ao seu idioma, é possível afirmar que há um caso de preconceito linguístico.

Relações sociais, afetivas e culturais de comunidades que, mesmo próximas, são distintas em inúmeras características podem culminar na produção do preconceito em relação à forma de falar de alguns indivíduos ou grupos que realizam alguma variação linguística considerada não culta ou desprestigiada.

Labov (2008) afirma que a língua não pertence a um indivíduo, mas a uma comunidade; desse modo, o preconceito linguístico é debatido e apontado como algo que foge do natural da sociedade, visto que o uso da linguagem como meio de comunicação se adequa às diferentes vertentes sociais a fim de permitir uma comunicação mais efetiva entre os falantes.

Mollica (2021) afirma que o preconceito reforça comportamentos discriminatórios envolvendo a linguagem e afirma que os estudos realizados pela sociolinguística “oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção do erro ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura modificar e banir como expressão linguística natural e legítima” (Mollica, 2021, p. 13).

A dissipação do preconceito linguístico só pode ocorrer com a compreensão de que a língua é um instrumento vivo, que sofre modificações constantemente devido às mudanças sociais que os falantes vivem. Nesse sentido, pesquisas que trabalhem com os princípios da Sociolinguística e com os estudos de Crenças e Atitudes linguísticas podem em muito contribuir.

De acordo com Bagno (2009), a grande extensão territorial do Brasil não é a responsável pelas muitas diferenças regionais que existem. O que mais pesa nessa diferença é o *status* social que existe entre os falantes das variedades socialmente desprestigiadas do português brasileiro e os falantes das variedades consideradas socialmente prestigiadas, o que causa um abismo entre ambas e gera sentimentos de inferioridade e de superioridade.

Bagno (2009) afirma que não é possível classificar variedade alguma – nacional, regional ou social – como mais pura, mais bonita ou mais correta, visto que

Toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam. Quando deixar de atender, ela inevitavelmente sofrerá transformações para se adequar às novas necessidades. Toda a variedade linguística é também o resultado de um processo histórico próprio, com suas vicissitudes e peripécias particulares (Bagno, 2009, p. 64).

Ainda segundo o autor, os preconceitos se entranham na mente dos indivíduos de forma tal que se convertem em “parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo” (Bagno, 2009, p. 96).

A crença e a atitude linguística condicionam os atos de preconceito linguístico devido à relação que existe entre aquilo que está internalizado nos hábitos e no que os indivíduos acreditam, ainda que de forma inconsciente, e que explicam a existência de preconceito não só relacionado à fala, mas a outros aspectos da vida social.

Neste estudo, será usado o termo preconceito para definir as ações contrárias que determinados grupos linguísticos sofrem por outro grupo “julgador”.

No capítulo de análise de dados, as ações de preconceito linguístico são observadas tanto entre os dois grupos analisados quanto entre pessoas do mesmo grupo, em que o julgamento negativo ocorre contra si mesmo e com pessoas que moram na mesma localidade do participante que está “julgando”.

2.3 IDENTIDADE LINGUÍSTICA

A identidade linguística refere-se à maneira como uma pessoa se identifica e se relaciona com as variações linguísticas ou com as línguas. A língua materna falada por um indivíduo e as diferentes variações dessa língua às quais ele tem acesso durante sua aquisição linguística serão cruciais para formar a identidade linguística desse falante.

Para Tarallo (1990, p. 16), o conceito de identidade linguística está relacionado às atitudes, que são “[...] armas usadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupos sociais separado”.

Appel e Muysken (1996) afirmam que tudo o que diferencia um grupo de outro constitui a identidade do grupo, sem haver necessariamente critérios fixos. De acordo com os autores, a língua é uma das formas mais óbvias de identidade e, se

existe uma relação interna entre língua e sociedade, deveria ser manifestada pelos indivíduos por meio de suas atitudes em relação a outras línguas e aos usuários dessa língua.

Moreno Fernández (1998) define como identidade aquilo que permite que um grupo se diferencie de outro, ou uma etnia de outra, ou um povo de outro, sendo caracterizada pelas instituições que a constituem e entendida como “[...] um estado interno do indivíduo [...] uma categoria intermediária entre um estímulo e o comportamento ou a ação individual” (Moreno Fernández, 1998, p. 182).

De acordo com López Morales (1993), para que haja a formação da identidade linguística, o indivíduo precisa ter consciência linguística e ser capaz de reconhecer e de distinguir as diferenças que existem na sua língua ou na variável com a qual se identifica. Assim, uma variável é escolhida em detrimento de outra e entende-se que há duas hipóteses possíveis: o falante conhece a existência das duas variedades; ou sua consciência linguística o ajuda a determinar qual das duas tem mais prestígio social, fazendo uma escolha consciente com a intenção de elevar-se socialmente.

A partir de sua escolha, haverá posicionamentos linguísticos que serão adotados pelo falante e que o levarão a manifestar atitudes de segurança ou insegurança linguística, lealdade ou deslealdade, prestígio ou desprestígio, estereotipação e estigmatização (López Morales, 1993).

A identidade linguística é dinâmica e pode mudar conforme o falante vai mudando. As experiências linguísticas e culturais vão determinar a formação dessa identidade, que é uma parte fundamental da identidade pessoal do indivíduo e pode influenciar a forma como ele se relacionará com os outros. Da mesma forma, um falante pode mudar sua atitude diante de seu grupo linguístico.

2.4 LEALDADE E DESLEALDADE LINGUÍSTICA

A língua ou o dialeto falado por um indivíduo faz parte da construção de sua identidade, mas, mais do que isso, podem valorizá-lo, discriminá-lo, elevá-lo ou diminuí-lo socialmente. Isso acontece porque a língua é responsável pela interação verbal dos falantes, que fazem uso da língua em diferentes contextos e com diferentes interlocutores.

Os termos “lealdade” e “deslealdade” linguística são frequentemente discutidos em contextos de sociolinguística, que explora como fatores sociais, culturais e individuais afetam o uso da língua. Apesar de serem termos que se opõem, ambos têm origem na atitude do falante especificamente diante do grupo linguístico ao qual pertence. Essas atitudes podem ser positivas (indicando lealdade linguística) ou negativas (indicando deslealdade linguística) e resultam em consequências.

Uma atitude favorável ou positiva pode fazer que uma mudança linguística se cumpra mais rápido, que, em certos contextos, predomine o uso de uma língua em detrimento de outra, que o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira seja mais eficaz, que certas variantes linguísticas se confinem aos contextos menos formais e outros predominem no estilo cuidadoso. Uma atitude desfavorável ou negativa pode levar ao abandono e ao esquecimento de uma língua ou impedir a difusão de uma variante ou uma mudança linguística (Moreno Fernández, 1998, p. 179, tradução nossa).

Lealdade e deslealdade linguística estão relacionadas às atitudes dos falantes. Mesmo dentro de seu próprio grupo, o falante pode ter atitudes diferentes em relação à própria língua; isso vai depender do contexto em que está e do cargo ou posição que ocupa no momento da fala. Isso pode acontecer por inúmeros motivos, mas é comum que seja por pertencer a uma comunidade linguística de *status* mais baixo ou por pressão de outros grupos com os quais o indivíduo convive, evitando assim atitudes de preconceito linguístico.

A resistência no uso de determinadas línguas pode, com o decorrer do tempo, causar o desaparecimento de expressões, gírias, vocabulário, a curto ou a longo prazo. No entanto, quando os falantes têm atitudes positivas em relação à sua língua, buscando formas de prestigiá-la e priorizando o seu uso, essa é uma atitude de lealdade linguística.

Frosi, Faggion e Dal Corno (2010) esclarecem que lealdade linguística está relacionada a dois objetivos: afastar a língua de possíveis interferências de outra língua que esteja próxima e a intenção de utilizá-la sempre que possível.

Assim, a lealdade linguística mostra haver orgulho da língua que se é falada e a intenção de mantê-la viva e em uso, enquanto a deslealdade linguística está

relacionada a um sentimento de constrangimento que pode levar a pessoa a usar uma fala que não própria do seu dialeto.

Os objetivos analíticos desta pesquisa buscaram compreender atitudes de lealdade e de deslealdade linguísticas conforme Botassini (2013),

[...] preceitua-se lealdade linguística como ação estreitamente vinculada ao orgulho de pertencimento a determinado grupo. Orgulho esse que geralmente está ligado ao poder e ao *status* que determinados grupos linguísticos possuem, referentes à sua posição social, econômica e/ou cultural. Na contramão, a deslealdade linguística reporta-se ao sentimento de vergonha, de inferioridade, de insegurança e, em casos mais graves, até de aversão linguística (Botassini, 2013, p. 61).

2.5 ALGUMAS PESQUISAS SOBRE CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS NO BRASIL

Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo (Alves (1979) tem como objetivo investigar as tendências nas atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo em relação às variedades linguísticas nativas e paulistas. Baseada na Sociolinguística e nos estudos de Crenças e Atitudes linguísticas, foram selecionados 116 pernambucanos e baianos, divididos em 16 grupos com base em variáveis como nível social, procedência, proveniência (capital/interior) e tempo de estada em São Paulo. A metodologia incluiu entrevistas por questionário e a audição de amostras de falas regionais paulistas e nordestinas. Por meio dos dados obtidos, concluiu-se que os nordestinos, especialmente em níveis mais altos, tendem a prestigiar as variedades linguísticas regionais nordestinas. No entanto, aqueles de níveis sociais mais baixos mostraram uma tendência a estigmatizar os falares de sua região em favor do falar de São Paulo, demonstrando uma atitude de deslealdade com a própria fala.

Dialetos em contato: um estudo sobre atitudes linguísticas (Moralis, 2000), propõe-se a realizar um estudo para explorar as atitudes linguísticas sob dois prismas: primeiro, as atitudes em relação à fala de grupos linguísticos com origens geográficas diversas em uma mesma comunidade; segundo, as atitudes sobre o papel da linguagem na atividade ocupacional dos indivíduos. O contexto escolhido

para a pesquisa é o Alto Araguaia-MT, marcado por movimentos migratórios que introduziram falares de diversas regiões do Brasil. Para isso, foram selecionados participantes de origem araguaia, goiana, mineira, baiana, paulista e gaúcha. Moralis (2000), após a análise, surpreendeu-se ao verificar que os araguienses não identificam seu falar com o falar de seu próprio estado, o Mato Grosso, mas sim com o falar do estado de Goiás; da mesma forma, os goianos declaram ter sua identidade linguística estreitamente relacionada com o falar dos araguienses. Porém, em relação à forma como apreciam os falares das outras regiões, eles se diferenciam, avaliando de forma negativa ou positiva diferentes dialetos. Com exceção do falar gaúcho, todos os outros dialetos foram avaliados positivamente pelos araguienses. Já os informantes goianos avaliam positivamente os gaúchos e avaliam negativamente o falar paulista. Os informantes baianos foram os únicos que avaliaram de forma negativa o próprio falar, revelando uma situação de deslealdade linguística, o que a autora relaciona com a incorporação da visão alheia; já, ao julgarem a fala do outro, avaliam positivamente a fala paulista e negativamente a fala gaúcha. Os mineiros avaliam seu dialeto de maneira bastante positiva; quanto aos outros falares, afirmaram que não sabem diferenciar goianos e paulistas, caracterizando-os como dialetos que se misturam; diferentemente dos gaúchos que são facilmente identificados pelo sotaque. Os paulistas também atribuem valores muito positivos ao seu dialeto; ao avaliarem os outros dialetos, afirmam que goianos, mineiros, baianos e araguienses falam de maneira semelhante, enquanto os gaúchos possuem um dialeto diferenciado. Os gaúchos avaliam seu dialeto positivamente; em relação aos dialetos goiano e mineiro, fazem avaliação negativa; já o falar paulista avaliam positivamente. Em relação ao dialeto baiano, os gaúchos mantêm-se neutros, sem realizar avaliação negativa ou positiva.

Brasilienses e a ideia do não-sotaque no processo de formação de identidade linguística (Barbosa (2002) propõe-se a investigar atitudes linguísticas de brasilienses frente à diversidade de sotaques que estão presentes em Brasília desde sua constituição diante de um processo de formação de fala próprio de quem nasce nessa localidade. Para isso, foram selecionados 12 informantes com Ensino Médio ou Superior, entre 19 e 40 anos, todos solteiros, nascido no Distrito Federal. Os participantes responderam a um questionário previamente formulado com a intenção de que eles expusessem seus saberes e estereótipos sobre a linguagem, utilizando

o termo “sotaque” como ponto de base. A autora assevera que, quando os brasilienses dizem que, na sua fala, não há sotaque, ou que sua fala é neutra, estão conferindo valor negativo à ideia de sotaque e reagindo negativamente em relação àqueles que o possuem. Esses resultados “reiteram o discurso público que constrói uma identidade linguística regional baseada em valores ideológicos de uma elite que quer se destacar nacionalmente e que, por isso, precisa se definir pela diferença”.

Crenças e atitudes linguísticas de falantes da região sul paranaense (Silva, 2009), propõe-se a descrever e analisar as respostas dadas às questões metalinguísticas que foram coletadas a partir de entrevistas realizadas pelo projeto Atlas Linguístico do Brasil com a finalidade de verificar suas crenças em relação à língua falada, as variedades faladas em sua localidade, as variedades faladas em outras localidades ou regiões do país e as diferenças observadas na fala dos mais antigos da localidade. Para tanto, foram selecionados 4 informantes, todos com Ensino Fundamental, 2 do sexo feminino e 2 do sexo masculino, divididos em faixa etária I (18 a 30 anos) e faixa etária II (50 a 65 anos). Os dados coletados na pesquisa permitiram concluir que a identidade linguística dos falantes é sempre caracterizada com estereótipos da fala, embora não apresentem atitudes pejorativas em relação à interferência dos imigrantes ou migrantes. O estudo comprovou que os descendentes dos primeiros povoadores e os descendentes de imigrantes não rejeitaram as diferenças na fala, o que pode indicar que aceitaram também os grupos de falantes.

Crenças e Atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no norte do Paraná (Botassini, 2013) propõe-se a investigar as crenças e atitudes linguísticas de falantes brasileiros de diferentes regiões em relação ao uso dos róticos em coda silábica. A pesquisa, baseada na teoria da Sociolinguística Variacionista e nos estudos de Crenças e Atitudes linguísticas, selecionou 48 participantes: 16 naturais do Norte do Paraná, 16 naturais do Rio de Janeiro e 16 naturais do Rio Grande do Sul. Os resultados da pesquisa mostraram que as avaliações positivas foram mais frequentes que as avaliações negativas e neutras juntas, sendo o valor positivo o mais destacado em relação ao informante gaúcho, evidenciando uma situação de preferência por esse dialeto. Já o dialeto carioca teve uma avaliação muito próxima da do gaúcho (aproximadamente, 2% de diferença). Quanto ao dialeto norte-paranaense, tanto a avaliação positiva quanto a negativa

trazem percentuais distantes dos outros dois dialetos, apresentando rejeição à fala dos norte-paranaenses. Quanto à avaliação feita sobre o próprio dialeto, os cariocas mostraram-se bastante leais; da mesma forma, o gaúcho realiza uma avaliação bastante positiva da própria fala; já entre os norte-paranaenses, há 50% de avaliações negativas, demonstrando que o estereótipo atribuído à fala do Norte do Paraná, considerada “caipira”, faz-se presente nas crenças que eles mesmos têm sobre a própria fala. Ao desaprovarem sua variedade linguística, ratificam o preconceito que existe em relação ao seu dialeto.

O poder de uma diferença: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas (Silva e Aguilera, 2014) tem como objetivo realizar a análise do alçamento da vogal média átona final /e/, observando como os falantes se avaliam e como julgam o falar diferente apresentado, considerando que a identidade do grupo está relacionada à variedade linguística utilizada por ele para compreender como os falantes se percebem e sentem em relação aos demais. Foram selecionados 24 informantes: 12 de Pitanga e 12 de Londrina. O levantamento de dados ocorreu mediante a leitura de um texto feita por um falante pitanguense e um falante londrinense para que o ouvinte avaliasse o falante da gravação e preenchesse uma ficha avaliativa sobre os donos das vozes. Os dados obtidos mostraram que há uma diferença dialetal, no caso, o alçamento da vogal /e/ associada às crenças difundidas na sociedade, que exerce grande influência nas atitudes linguísticas dos falantes. Essas atitudes vão desde o desprestígio do conterrâneo devido à sua fala, como observado em Pitanga, até a valorização e fidelidade à própria variedade, como ocorre em Londrina. O texto destaca que essas atitudes, influenciadas por coerções sociais, atribuem sentimentos que variam da afetividade à estigmatização, evidenciando que a avaliação linguística está mais ligada aos valores sociais do que às características intrínsecas da linguagem.

Crenças e atitudes linguísticas na sala de aula (Baronas, 2015) propõe-se a observar as crenças e atitudes expressas por alunos do ensino fundamental de 2 escolas públicas de Londrina, uma central e outra rural. Baseada na teoria da Sociolinguística Variacionista e dos Estudos de Crenças e Atitudes linguísticas, para a realização da pesquisa, foram selecionados 9 participantes do nono ano de cada uma das instituições. Os dados da pesquisa foram elaborados por meio de um questionário composto por 13 perguntas com o objetivo de investigar as crenças e

as estruturas linguísticas dos alunos de língua portuguesa a respeito de sua língua materna, considerando principalmente a valoração sobre a abordagem da variação linguística em sala de aula. A partir das respostas obtidas nas entrevistas, observou-se atitude linguística positiva quando os participantes identificavam os modos diferentes de falar português ou quando aprovavam sua abordagem em sala de aula; e atitudes negativas quando se mantinham fiéis somente à norma padrão, desconsiderando outros usos linguísticos diferentes. Esses julgamentos negativos indicam uma visão relacionada apenas à norma padrão coercitiva.

Crenças e atitudes linguísticas de descendentes de imigrantes italianos: um estudo em Pinho de Baixo, Irati/PR (Rosa e Loregian-Penkall, 2017) propôs-se a investigar as crenças e atitudes linguísticas de descendentes de imigrantes italianos em Pinho Baixo, zona rural de Irati/PR, em relação aos moradores de Irati, buscando analisar as crenças e atitudes linguísticas manifestadas pelos participantes e como elas interferem na visão de mundo, na avaliação da fala e, principalmente, na fala do outro. A pesquisa, baseada na teoria da Sociolinguística Variacionista e nos estudos de Crenças e Atitudes linguísticas, selecionou 24 participantes: 8 com menos de 45 anos, 8 entre 46 e 65 anos e 8 acima de 66 anos. Em relação à escolaridade, foram entrevistados 13 participantes com Ensino Fundamental incompleto, 2 com Ensino fundamental completo, 3 com Ensino Médio e 6 com Ensino Superior. Em relação ao sexo, foram entrevistados 18 mulheres e 6 homens. Os dados foram coletados por meio de um questionário com 6 perguntas, sendo as 3 primeiras voltadas para as crenças linguísticas dos falantes e as outras 3 exploravam as atitudes linguísticas dos entrevistados. As respostas a essas perguntas revelaram que há um grande número de atitudes positivas em relação à língua falada pelos moradores de Pinho de Baixo. Também houve a incidência de atitudes positivas em relação à fala dos moradores de Irati e das comunidades vizinhas, o que indica que os entrevistados não demonstram ser preconceituosos.

Crenças e Atitudes linguísticas: o que dizem os maranhenses sobre sua fala, (Miranda, Santos e Silva, 2018) propôs-se a analisar as crenças e atitudes linguísticas dos falantes caxienses em relação à sua própria língua, buscando compreender se seus falantes avaliam a própria língua como a melhor se comparada a de outros estados. A pesquisa, baseada na teoria da Sociolinguística Variacionista e nos estudos de Crenças e Atitudes linguísticas selecionou 36

participantes: 24 deles naturais de Caxias, 4 de Codó, 5 do Piauí e 3 do interior do Maranhão. As variáveis sociais delimitadas para a pesquisa foram sexo (feminino masculino), escolaridade (do analfabeto ao 9º ano e do Ensino Médio em diante) e faixa etária (dos 18 aos 35 anos, dos 36 aos 49, de 50 aos 65 em diante). Os dados da pesquisa foram elaborados por meio de um questionário com 3 questões-guias, relacionadas às variáveis sociais e que permitiram avaliar as crenças e atitudes linguísticas dos participantes em relação à fala dos maranhenses. Os resultados indicam crenças e atitudes positivas em favor da língua falada por maranhenses e apresentam os homens, a menor faixa etária e a menor escolaridade como os fatores que julgam serem os maranhenses aqueles que falam o melhor português. Entretanto, de acordo com os dados gerais, “não há como sustentar o mito de que o maranhense fala melhor o português do que os outros estados” (p. 126).

Diz-me como falas que te direi quem és: crenças e atitudes linguísticas de discentes e docentes no espaço escolar (Espíndola, 2019) propõe-se a investigar as crenças e atitudes linguísticas de docentes e discentes em um contexto escolar, especificamente na cidade de Florianópolis, buscando identificar e analisar as crenças e atitudes linguísticas de docentes e discentes sobre as variedades linguísticas presentes no contexto escolar nessa localidade. Para isso, foram selecionados 29 informantes, entre eles 23 alunos que frequentam o 6.º ano no turno vespertino, e 6 professores. Os dados da pesquisa foram coletados por meio de dois testes: um de crenças e outro de atitudes, ambos com afirmações que deveriam ser classificadas como verdadeiras ou falsas pelos participantes. Os resultados informam que há persistência de crenças equivocadas sobre o ensino de Língua Portuguesa, especialmente no 6.º ano do Ensino Fundamental, onde os alunos passam a ter contato mais sistemático com as regras gramaticais e a norma culta. Há uma observação sensível de que o prazer inicial em lidar com a língua escrita, como aprender a ler e a escrever, é substituído pela tensão de decorar regras, nomes e conceitos, indicando um distanciamento do amor pela língua. O estudo mostrou que docentes e discentes acreditam que o português bem falado se aproxima das normas gramaticais, e a escrita é considerada superior à fala. As crenças dos alunos refletem uma ideia de que só a escola ensina a falar e escrever corretamente. A conclusão ressalta que há um distanciamento entre a teoria e a prática, uma vez que os professores, teoricamente conscientes da variação

linguística, são percebidos pelos alunos como defensores da norma culta de forma rígida.

As crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes sobre os idiofones da variedade linguística do português falado em Cametá-PA (Silva e Furtado, 2020) é um estudo baseado na teoria da Sociolinguística Variacionista e nos estudos de Crenças e Atitudes linguísticas, que objetivou analisar se há atitudes positivas ou negativas em relação aos ideofones “bacu”, “boroca”, “gito”, “hem hem”, “malamá”, “teteé” e “xibante” por parte dos falantes cometaenses, para compreender a atuação dos fatores sexo, idade, escolaridade e procedência em relação às atitudes observáveis. Para tanto, foram selecionados 16 informantes, todos cometaenses, divididos pelas variáveis sexo (8 do sexo feminino e 8 masculino), idade (8 entre 15 e 29 anos e 8 entre 35 e 50 anos), escolaridade (8 com o Ensino Médio e 8 Ensino Superior) e localidade (8 da zona rural e 8 da zona urbana). Os dados da pesquisa foram coletados utilizando-se a técnica *matched guise* (ou técnica dos falsos pares)⁷. Os resultados revelaram que os informantes cometaenses (i) avaliaram o áudio ouvido como pertencente a uma pessoa do “interior/campo”, (ii) independentemente da variável (sexo, faixa etária, escolaridade e localidade) em análise, reagiram negativamente quando seu modo de falar foi julgado semelhante ao da fala do áudio e (iii) avaliaram que a fala ouvida é de uma pessoa com baixa escolaridade.

Crenças e atitudes linguísticas no falar de Fortaleza: elevação das vogais médias pretônicas (Mello, 2022) tem como objetivo geral avaliar as crenças e atitudes linguísticas de três grupos de falantes residentes em Fortaleza (CE) - fortalezenses, paulistas e paraenses - em relação ao fenômeno do alteamento das vogais médias /e/ > /i/ e /o/ > /u/ em posição pré-acentuada. Os objetivos específicos incluem investigar a valoração social do fenômeno no falar fortalezense, se os falantes percebem a elevação das vogais realizada por outros falantes e se as vogais médias pretônicas constituem um delimitador dialetal no âmbito das crenças e atitudes. O texto também apresenta hipóteses, como a avaliação negativa social do falante que realiza o alteamento, a possível inconsciência do fenômeno pelo falante e a incerteza quanto às vogais médias pretônicas como marcadores dialetais. Baseada na teoria da Sociolinguística Variacionista e nos estudos de Crenças e

⁷ Para detalhamentos a respeito da técnica de falsos pares, ver Lambert e Lambert (1972) e Botassini (2013).

Atitudes linguísticas, foram aplicados dois questionários (um fechado e outro fechado avaliativo) a 24 ouvintes: 8 naturais de Fortaleza, 8 paraenses e 8 paulistas, todos residentes na cidade de Fortaleza há pelo menos cinco anos. Os resultados da pesquisa sugerem que os fortalezenses têm uma autoavaliação positiva de seu próprio dialeto, enquanto paraenses e paulistas avaliam menos positivamente o alteamento vocálico pretônico no falar fortalezense. Há uma diferença nas percepções e avaliações entre os grupos, indicando uma complexidade nas atitudes linguísticas. O estudo destaca que o alteamento vocálico pretônico é percebido de maneira diferente pelos grupos analisados. Os resultados indicam que o fenômeno está acima do nível de consciência linguística dos paraenses e paulistas, enquanto os fortalezenses mostram que o fenômeno está abaixo desse nível.

Por meio da análise dos estudos desta seção, é possível observar que a pesquisa realizada para esta dissertação é inovadora em relação aos estudos de sociolinguística, considerando que as localidades estudadas são inéditas e as conclusões as quais foram possíveis de chegar contribuem para os estudos de crenças e atitudes linguísticas.

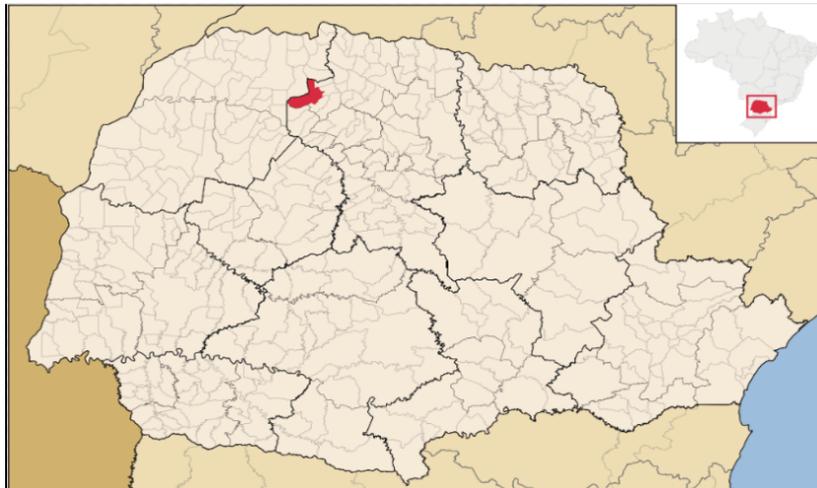
3 HISTÓRIA, LOCALIZAÇÃO E CARACTERÍSTICAS DE NOVA ESPERANÇA E DE BARÃO DE LUCENA

Conhecer a história da colonização de um lugar é importante para compreender a forma como os fenômenos linguísticos ocorrem, ainda mais por se tratar de um local em que ainda não houve um estudo desses fenômenos, como é o caso do distrito Barão de Lucena que pertence ao município de Nova Esperança, no Noroeste do Paraná.

3.1 NOVA ESPERANÇA

Nova Esperança é um município localizado a 471 km de Curitiba. De acordo com o último censo realizado pelo IBGE, o município possui aproximadamente 26 mil habitantes.

Figura 2 – Mapa com a localização de Nova Esperança, no Noroeste do Paraná.



Fonte: Wikimedia https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Nova_Esperan%C3%A7a#/media/File:Parana_Municip_NovaEsperanca.svg

Em 1494, antes mesmo de o Brasil ser descoberto por Portugal, foi firmado o Tratado de Tordesilhas entre Portugal e Espanha. Esse tratado fixava linhas que demarcavam as futuras colônias que os países teriam nos territórios recém-descobertos. O tratado previa que as linhas imaginárias seriam traçadas no sentido norte-sul.

Em 1532, Martin Afonso de Souza recebeu de D. João III uma carta que comunicava sua decisão de dividir o território do Brasil em capitanias devido às invasões francesas que estavam ocorrendo e o medo que havia de perder parte do

território. Houve, então, a divisão do território em 15 faixas de terra que foram destinadas a pessoas de confiança do rei (Ricupero, 2009, p.97).

Geograficamente falando, pelo Tratado de Tordesilhas, o território em que hoje está localizada Nova Esperança fazia parte dos direitos da Espanha. Dentro do sistema de capitanias, o mesmo território pertencia à Capitania de São Vicente e Santo Amaro. Por estar dentro do território pertencente à Espanha, em 1720, as bandeiras setecentistas vieram para expandir o território do Paraná até o Rio Paraná.

Depois de muitas batalhas, em 1750, Portugal e Espanha assinaram o Tratado de Madri, que dava a Portugal o direito de permanecer com as terras que haviam sido conquistadas. Ainda assim, as lutas continuaram e só em 1777 foi dado aos portugueses o direito definitivo das terras conquistadas pelas bandeiras. Esse tratado ficou conhecido como Tratado de Santo Idelfonso.

Nessa época, os bandeirantes já estavam ocupando parte do território brasileiro na intenção de dominar e escravizar os índios que habitavam boa parte desse território. No entanto, antes mesmo da chegada dos bandeirantes, o caminho e a localização do município já eram conhecidos por indígenas, que viviam em locais próximos aos rios Ivaí, Paraná e Piquiri ou que passavam pela região.

Chamavam os índios de Peabiru a um caminho pré-colombiano que se estendia por mais de 200 léguas, da costa de São Vicente ao Rio Paraná, atravessando os rios Tibagi, Ivaí e Piquiri, por onde os povos indígenas se comunicavam com o mar e com as regiões mais distantes do ocidente. Ao poente do Paraná o caminho prosseguia, atingindo o Peru e a costa do Pacífico (Martins, 1995, p. 99).

Figura 3 – Mapa do Caminho de Peabiru



Fonte: <https://altamontanha.com/seminario-internacional-caminhos-do-peabiru-na-triplice-fronteira/>.

O caminho, que também foi chamado de Caminho de São Tomé, foi utilizado posteriormente pelos bandeirantes, como afirma o autor:

Os bandeirantes utilizavam-se do caminho de Peabiru em todas as direções da linha tronco e dos seus ramais. Se vinham pela linha tronco, o itinerário era São Vicente – Piratininga (São Paulo), Sorocaba, Botucatu, Tibagi, Ivaí, Piquiri. Se vinha pelo Tietê, atravessavam o Paranapanema próximo à foz do Pirapó, subiam pela margem deste em direção ao Ivaí, que atravessavam pouco acima do seu afluente então denominado rio da Guia, margeando à esquerda o rio principal, até o atual Campo do Mourão (Martins, 1995, p. 99).

Ao se referirem ao início da colonização do Norte do Paraná, a maioria dos autores descreve um cenário de clareiras abertas em meio à mata virgem, algumas casas de madeira, terra de chão batido e pioneiros que chegavam à região em busca de terras para produzir (conforme Cancián, 1981; Serra, 1992; entre outros).

Antes disso, porém, habitavam essa região os indígenas, que trouxeram contribuições culturais e linguísticas importantes. De acordo com Tomazzi (1999, p. 52), “Muitos estudiosos que contribuíram para o conhecimento da região norte-paranaense, e mesmo aqueles que apenas se referem a ela, entregaram-se ao discurso dominante que omite ou desqualifica a presença indígena na região”. Ainda segundo o autor, ao se tratar da ocupação do Norte do Paraná, deve-se, na verdade, falar em (re)ocupação do território, tendo em vista que este já estava ocupado pelos povos indígenas da região.

No ano de 1924, o governo brasileiro recebeu a visita de um grupo inglês a convite do então presidente, Arthur Bernardes, para estudar a economia brasileira e reorganizar o Ministério da Fazenda. Lord Lovat, especialista em reflorestamento e agricultura, fazia parte do grupo e viajava pelo Brasil em busca de terras férteis para o plantio de algodão (Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná, 1977).

Em 1925, a Companhia de Terras do Norte do Paraná adquiriu 515 mil alqueires de terra; área que englobava as terras pertencentes a Nova Esperança. Devido à localização geográfica, a rota era obrigatória àqueles que pretendiam ter acesso a São Paulo e Mato Grosso do Sul (Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná, 1977).

A partir do ano de 1926, deu-se início à abertura do caminho que ligava Mato Grosso do Sul até Guarapuava por uma empresa de levantamento topográfico.

Alguns viajantes e tropeiros que passavam pela rota visitavam uma capelinha que foi construída na beira do rio Biguá por alguns funcionários dessa empresa.

Durante o período de colonização e

Em 1946, algumas cidades do Norte do Paraná já estavam consolidadas. Outras, recém-criadas, ensaiavam seus primeiros passos rumo ao progresso e ao desenvolvimento. E foi naquele ano que a Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná decidiu pela criação de uma vila a meio caminho entre Maringá e a Colônia de Paranaíba (anteriormente conhecida como Fazenda Velha Brasileira). Dois anos depois, em 1948, já estavam sendo demarcadas as quadras e datas (lotes urbanos) onde seria implantada a vila de Capelinha e feito os loteamentos das glebas ao redor (Boschilia, 2020, p.53).

Quando a Companhia Melhoramentos chegou até o local denominado Capelinha com o intuito de fundar ali uma nova cidade, o objetivo era adentrar à mata e abrir clareiras para que houvesse a possibilidade de passagem ou instalação de locais de abrigo e moradia.

A abertura da clareira aconteceu num dos pontos do caminho que ficava no encontro da estrada que ia até Paranaíba com um picão que levava à chamada estrada Inglesa, uma precária estradinha de terra aberta pelas linhas de cumeada e que serpenteava em meio à mata virgem indo no rumo do Porto São José, divisa com Mato Grosso. Naqueles tempos, em geral, as estradas eram traçadas ao longo dos espigões (linha de cumeada⁸), tal como referido pela própria empresa colonizadora em relato sobre a colonização do Norte do Paraná (Boschilia, 2020, p.53).

Ainda em 1946, José Xavier de Barros e sua esposa, Benedita, chegaram a Capelinha e ocuparam uma casa que estava abandonada, fundando ali uma pensão, que, no ano seguinte, foi transformado em um hotel que abrigava tropeiros e boiadeiros que passavam pela região. A partir disso, o número de pessoas que se estabeleciam no local foi ficando cada vez maior.

⁸ Cumeada é a linha imaginária que une pontos culminantes em um ambiente montanhoso. No contexto da demarcação e medição de cidades realizado pela Companhia de Terras, é uma linha que faz a divisão geográfica de bacias hidrográficas.

Figura 4 – Foto da primeira pensão de Nova Esperança



Fonte: Jornal Noroeste⁹.

O primeiro comprador de um lote urbano chamava-se Artur, e logo chegou José Xavier de Barros e sua esposa Dona Benedita. A partir daí o povoado cresceu assombrosamente, com centenas de famílias chegando e se estabelecendo, tanto na zona urbana quanto na rural (Ferreira, 2006, p. 205).

Em 1948, houve a abertura da colonização da cidade por meio da medição e demarcação de uma futura cidade, realizada pela Companhia de Terras. De acordo com Boschilia (2020, p. 53), “foi a partir dessa medição e demarcação que a vila de Capelinha começou a ser formada, o que se dá a partir de 1948”.

O município começou a ser povoado no final da década de 1950 devido às correntes migratórias vindas de outras regiões brasileiras, de estados vizinhos ou longínquos em busca de colonizar as terras onde hoje está localizada a cidade de Nova Esperança. A variedade de nacionalidades era muito grande no período de colonização: italianos, japoneses, alemães, em sua maioria, e outras etnias em menor número, como árabes e espanhóis.

Correntes migratórias de diversas regiões do Brasil chegaram ao local onde já havia a instalação de 6 serralherias, 2 debulhadoras de milho, 6 máquinas de beneficiar arroz, 1 máquina de café, 5 postos de gasolina, 2 fábricas de móveis, 5 oficinas mecânicas, 3 sorveterias, 2 tinturarias, 1 funilaria, 3 restaurantes, 1

⁹ Essa e as demais fotos foram publicadas no site do Jornal Noroeste em comemoração dos 69 anos do município de Nova Esperança, disponível em: <https://jornalnoroste.com/pagina/regiao/nova-esperanca-completa-hoje-seu-69-aniversario-1>.

relojoaria, 2 casas de ferragem, 12 carros de aluguel, 3 carros particulares, 1 correio particular, 4 médicos, 2 dentistas e 1 engenheiro agrícola.

A comitiva que iniciou o processo de colonização do município era composta por membros da Companhia de Terras Norte do Paraná: Antônio Moraes de Barro, advogado e presidente da companhia, Arthur Thomaz, Gastão de Mesquita Filho, consultor técnico da companhia, Louis Reed, engenheiro, e Heitor Machado, engenheiro construtor responsável pela Nova Estrada de Ferro São Paulo.

A cultura cafeeira era muito forte na região e acelerou o desenvolvimento da economia local, o que contribuiu muito para a instalação do município. De acordo com registros históricos, a cultura cafeeira era tão forte que a primeira praça construída no município levou o nome de um grande produtor de café, Francisco de Mello Palheta, que foi o responsável, inclusive, por trazer mudas de café da Guiana Francesa para o Brasil.

Em 1952, após vigoroso período de crescimento e já dotada de boas casas de moradia e de comércio, em geral construídas com madeira peroba-rosa e com algumas edificadas com alvenaria de tijolos, a vila de Capelinha mostrava ares de urbanidade, quando então se tornou Nova Esperança sendo elevada à sede do recém-criado município de mesmo nome. E dentre o vai-e-vem dos pioneiros, a cidade representava alguns espaços bastante evidentes de maior afluência de público: o cinema, o ponto de ônibus (a rodoviária), as igrejas, as vendas de secos e molhados, os hotéis e pensões, as casas de tecido e as agências bancárias, que por lá se faziam presentes, e até a coreia (zona de baixo meretrício) tinha intensa “freguesia” (Boschila, 2020, p.54).

Entre as décadas de 1940 e 1970, a cultura cafeeira gerou milhares de empregos no eixo Londrina – Apucarana – Maringá – Nova Esperança, o que levou muitas famílias a se deslocarem para essa região e se instalarem nessas cidades. Havia oportunidade de trabalho em todas as etapas da produção de café: na lavoura, com o plantio e a capina; na colheita, com a retirada, abanagem e secagem dos grãos; na comercialização; no transporte do café.

Figura 5 – Foto das primeiras lavouras de café do município de Nova Esperança



Fonte: Jornal Noroeste.

O local ficou conhecido como Capelinha, pois, às margens do rio Bigui, havia uma pequena capela feita de tijolos em que havia, em seu interior, uma imagem do Santo Sagrado Coração de Jesus. O nome sugerido pelo deputado Francisco Silveira Rocha não pode ser oficializado e teve que ser substituído devido à proibição assegurada pela Constituição Federal à época de haver, no país, duas cidades com o mesmo nome. Na Bahia, já havia uma cidade registrada e houve, então, a mudança do nome Capelinha para Nova Esperança, que sugere “esperança de dias melhores”.

Outro ponto importante na escolha do nome, de acordo com uma lenda urbana, foi o fato de que já havia, na região, um povoado com o nome de Esperança (Barão de Lucena). Por estar localizado há aproximadamente 12 km da estrada que dava acesso à Paranaguá, o vilarejo não expandiu em território e população, o que ocorreu com Nova Esperança devido à sua localização.

A ocupação e a expansão do território foram tão rápidas que, em 14 de março de 1951, Capelinha foi elevada à categoria de município com a denominação de Nova Esperança por meio da Lei Estadual n.º 790, criada pelo deputado Francisco Silveira Rocha e sancionada pelo governador Bento Munhoz da Rocha Neto.

Oficialmente, no dia 14 de dezembro de 1954, foram nomeados o primeiro prefeito eleito do município, o médico José Teixeira da Silveira (1918-2009) e 9 vereadores. A comarca de Nova Esperança, que pertencia a Mandaguari, foi instalada no município dois anos depois, em 11 de março de 1954.

3.2 DISTRITO DE BARÃO DE LUCENA

Figura 6 – Imagem de Barão de Lucena atualmente



Fonte: Acervo pessoal da autora.

O município de Nova Esperança possui dois distritos que estão localizados fora do perímetro urbano da cidade: Barão de Lucena e Ivaitinga. O acesso para o distrito é feito pela Rodovia Júlio Zacarias – nome dado em homenagem a um dos pioneiros de Barão de Lucena. São aproximadamente 12 km de distância entre o município e o distrito pela PR-555. O acesso ao distrito de Ivaitinga é feito apenas por estrada de chão, como mostra a imagem.

Figura 7 – Mapa que indica o trecho de acesso aos distritos de Nova Esperança



Fonte: Google Maps

O distrito de Barão de Lucena foi criado pela Lei n.º 62, de 29/05/1954. Antes da criação da Lei, o local era chamado de povoado Esperança, criado pela Lei n.º 790, de 14/11/51. O nome Barão de Lucena foi uma homenagem a Henrique Pereira de Lucena, que foi político, magistrado e nobre brasileiro. Enquanto Presidente da Câmara de Pernambuco, entre 1885 e 1889, fez transitar rapidamente a Lei Áurea e recebeu da Princesa Isabel o título de Barão de Lucena (IBGE, 2022).

No local, havia uma escola rural, uma igreja e uma venda, que, com o passar do tempo, teve um pequeno progresso, mas não tanto quanto a cidade de Nova Esperança, que foi fundada na mesma década, o que fez que o local fosse integrado ao município como distrito e, até os dias de hoje, não houve um crescimento significativo para elevar a categoria do local (IBGE, 2022).

Uma possível explicação¹⁰ para o não desenvolvimento do local para chegar ao nível de município é o fato de que Nova Esperança (quando ainda era Capelinha), por estar na “rota do café”, teve seu desenvolvimento muito acelerado. O fato de passar por ali muitos viajantes, que movimentavam o comércio, e pelo grande número de pessoas que vinham em busca de trabalho fez que Capelinha tivesse um grande desenvolvimento, assim como outras cidades que margeiam a rota, como Maringá, Mandaguçu, Ponta Grossa, Paranavaí e Presidente Castelo Branco.

O mesmo não aconteceu ao distrito de Barão de Lucena, pois o acesso ao local, que é feito pela PR-555, está fora dessa rota e não atraía tantas pessoas para o local.

Na imagem abaixo, há uma comparação da principal rua do distrito, na década de 1980 e 2010, sendo possível observar que as mudanças que ocorreram foram, basicamente, o asfaltamento e a construção e a restauração de algumas moradias no local.

¹⁰ Informações obtidas oralmente por meio de entrevista com um dos participantes da pesquisa.

Figura 8 – Imagens da avenida principal de Barão de Lucena, em 1980 e 2022



Fonte: Acervo da autora

A principal forma de trabalho do distrito é na zona rural, em lavouras de mandioca, uva, milho, cana de açúcar e laranja. Os empregos urbanos são especificamente em prédios públicos, como escolas, creches, posto de saúde e Correio, na limpeza pública do município ou em pequenos comércios que existem no local, como bares, vendas e minimercado. Há ainda aqueles que se deslocam até o município para trabalhar no comércio ou em oficinas mecânicas, em cargos públicos ou em casas de famílias, como diaristas, empregadas ou babás.

No local não há farmácia, posto de combustível, subprefeitura, hospital, banco, lojas de roupas e calçados, e todo acesso a esse tipo de serviço é feito no município. Atualmente, não há linha de ônibus que transporta passageiros para esse lugar e a locomoção é feita por carros particulares, caronas ou táxi, que são solicitados na cidade.

3.3 OS PIONEIROS¹¹

Em algum ponto dessa pesquisa, coube à pesquisadora buscar os nomes dos pioneiros de Barão de Lucena e Nova Esperança. Para isso, foi preciso relacionar os nomes dos primeiros compradores de lotes de terras existentes no distrito para, então, entender quem foram os primeiros que oficializaram sua moradia naquele lugar.

¹¹ Tomazi (1999) questiona o uso do termo “pioneiro”, construção discursiva para sustentar que as cidades do Norte do Paraná foram construídas sobre imenso vazio. Assim, embora se mantenha o uso do termo nesta pesquisa, sabe-se que a região teve uma história de povoamento indígena antes da (re)ocupação.

Boschila (2020) defende que, culturalmente falando, os pioneiros são aqueles vistos como desbravadores, que recebem inúmeros adjetivos enobrecedores, mas, “circunstancialmente falando, se pode adiantar que foram todos aqueles que, por acaso, intenção ou obrigação, estiveram presentes nas terras daquele setentrião à época do seu desbravamento e colonização” (Boschila, 2020, p. 62).

Com a chegada dos trabalhadores da Companhia de Terras e dos primeiros imigrantes na região, pode-se afirmar que eles são os pioneiros de Nova Esperança, que eram pessoas que vinham sob ordens de trabalho ou em busca de melhores condições de vida.

Na categoria pioneiro, portanto, estão incluídos desde os mais humildes e anônimos mateiros, peões de derrubada de matas, serradores, roçadores de coivaras, camaradas contratados para o trabalho na roça, passando pelos picaretas comerciantes de terras, os jagunços que limpavam áreas ocupadas por posseiros, agricultores e fazendeiros, motoristas, carpinteiros, comerciantes e até os profissionais liberais que, em geral, migravam para aquelas paragens por dever de ofícios (padres, pastores, monges etc.) ou em busca de trabalho e de melhores condições de vida, muitos deles em busca de fortuna e de fazer a vida (Boschila, 2020, p. 62).

Tratando-se de Barão de Lucena, os pioneiros são, em sua maioria, descendentes de italianos que vieram de outros estados, como Minas Gerais, São Paulo e Bahia, e outras cidades da região Norte e Noroeste do Paraná. Com aproximadamente 1.500 habitantes, parte da população do lugar mora na zona rural.

Para saber a origem dos pioneiros do distrito, a pesquisadora realizou uma pesquisa no cartório de registros que pertence ao local, que foi inaugurado no ano de 1955 (ano em que foi instaurada a comarca no município) para registrar as pessoas que nascessem no local, além dos outros serviços.

Antes disso, os registros eram feitos nos municípios de Mandaguaçu, Mandaguari, Londrina e Marialva. No entanto, devido à distância e à dificuldade de locomoção, a maioria das pessoas que chegou ao local não registrou seus filhos imediatamente após o nascimento como é feito atualmente.

Nas certidões de nascimento registradas no cartório foi identificada a naturalidade ou nacionalidade dos pais das primeiras 150 crianças registradas, totalizando 398 pessoas que registraram seus filhos a partir da inauguração do cartório no distrito. Como muitas pessoas não apresentavam ou não possuíam

documentos para a realização dos registros, em alguns casos, havia só o nome do estado ou do país, sem menção do nome da cidade de origem dos que faziam o registro dos filhos.

O recorte de tempo em que essas pessoas foram registradas foi de janeiro de 1955 a junho de 1956. No quadro abaixo, está identificada a quantidade de pessoas de cada localidade citada nas certidões de nascimento. As informações foram organizadas de acordo com a quantidade de pessoas de cada lugar, do maior número para o menor.

Quadro 01 – Naturalidade dos primeiros colonos de Nova Esperança e seus distritos entre 1955 e 1956

NATURALIDADE	QUANTIDADE DE PESSOAS
São Paulo	159
Minas Gerais	92
Bahia	42
Ceara	22
Santa Catarina	16
Alagoas	15
Paraná	15
Japão	7
Sergipe	7
Paraíba	5
Rio de Janeiro	5
Espanha	2
Pernambuco	2
Piauí	2
Rio Grande do Norte	2
Rio Grande do Sul	2
Amazonas	1
Itália	1
Iugoslávia	1

Fonte: Cartório Serviço Distrital.

De acordo com relatos das funcionárias do cartório, alguns pais registravam, no mesmo dia, mais de um filho, pois essas crianças ainda não haviam sido registradas. Todas as informações eram passadas oralmente ao escrivão, que redigia as certidões de nascimento. Esse é um dos motivos pelos quais muitas pessoas, na época, tinham os sobrenomes alterados, as datas de nascimento registradas erradas e alguns nomes eram escritos errado em relação à forma como eram grafados.

Os dados obtidos nesta pesquisa por meio no Cartório de Registro Civil de Nova Esperança ratificam os dados expostos por Luz (1999) ao tratar da

naturalidade do Norte Novo de Maringá sobre a microrregião de Maringá, embora seja uma fotografia só do início da região. Em sua pesquisa, Luz (1999) mostra que, ao longo das décadas de 1960, 1970 e 1980, o peso dos paranaenses vai se tornando mais relevante. A razão está nos afluxos migratórios do interior do estado, principalmente fruto dos processos de mecanização do campo que provoca êxodo rural.

Quadro 2 – Norte Novo de Maringá: naturalidade dos cônjuges segundo as principais unidades da Federação – 1944-1980

Naturalidade	Pessoas que se casaram					
	Total		Sexo			
			Homens		Mulheres	
São Paulo	54.131	36,2	28.060	37,5	26.071	35,0
Paraná	49.140	33,0	20.618	27,6	28.522	38,2
Minas Gerais	20.374	13,6	10.979	14,7	9.395	12,6
Bahia	6.903	4,6	4.130	5,5	2.773	3,7
Pernambuco	3.723	2,5	2.142	2,9	1.581	2,1
Alagoas	2.491	1,7	1.399	1,9	1.092	1,5
Santa Catarina	2.279	1,5	1.238	1,7	1.041	1,4
Rio de Janeiro	2.165	1,4	1.159	1,6	1.006	1,3
Ceará	1.926	1,3	1.150	1,5	776	1,0
Espírito Santo	1.350	0,9	705	0,9	645	0,9
Sergipe	771	0,5	482	0,6	289	0,4
Paraíba	747	0,5	441	0,6	306	0,4
Rio Grande do Sul	603	0,4	342	0,5	261	0,3
Outras unidades	741	0,5	426	0,6	315	0,4
Estrangeiros	2.070	1,4	1.443	1,9	627	0,8
Sem declaração	44	0,0	15	0,0	29	0,0
Total	149.458	100,0	74.729	100,0	74.729	100,0

Fonte: Livros de Registro de Casamentos dos Cartórios de Registro Civil, 1944-1980.

4 CORPUS E METODOLOGIA

Esta pesquisa foi elaborada a partir dos princípios teóricos e metodológicos da Sociolinguística e dos estudos de Crenças e Atitudes linguísticas, fundamentada na concepção mentalista desses estudos e nas ideias de López Morales (2004), que faz uma separação dos conceitos de crença e atitude, compreendendo esta última como um dos componentes da crença.

Moreno Fernández (1998) chama a atenção para a necessidade que a concepção mentalista tem de apresentar técnicas de investigação capazes de analisar condutas “não observáveis”. O autor afirma que o falante é capaz de reagir de forma emocional e intelectual e produzir juízo de valor diante de situações sociolinguísticas, expressando suas atitudes (negativas ou positivas), que podem ser abarcadas como “manifestação da atitude social dos indivíduos, distinguida por centrar-se e referir-se especificamente tanto à língua como ao uso que dela se faz em sociedade” (Moreno Fernández, 1998, p. 177).

Dentro da concepção mentalista, são empregados dois métodos de estudo das atitudes linguísticas: o método direto e o método indireto. O método indireto corresponde a técnicas que se aplicam ao informante participantes sem que ele tenha consciência do propósito da investigação. Já o método direto consiste em entrevistas e questionários, com estrutura aberta ou fechada. Para os questionários com estrutura aberta, são elaboradas questões que permitem aos participantes responderem da maneira que julgarem mais adequada, enquanto na estrutura fechada o participante fica limitado a opções que lhes são apresentadas como forma de resposta.

Nesta pesquisa, foi usado o método direto, com questões de estrutura aberta, conforme será explicado na subseção 5.3 deste capítulo.

4.1 O CORPUS

O *corpus* deste trabalho constitui-se de dados recolhidos de amostras de fala obtidas por meio de entrevistas com 16 participantes residentes no Município de Nova Esperança e em um de seus distritos, Barão de Lucena. Esses participantes foram selecionados levando-se em consideração os fatores sociais “sexo”, “faixa etária”, “grau de escolaridade” e “local de procedência”.

Os estudos feitos sobre a variável sexo revelaram que, mesmo não existindo linguagens distintas para homens e para mulheres, ambos apresentam comportamentos linguísticos diferentes. Sobre a diferença no comportamento linguístico, Oliveira (1995, p. 7) afirma que “Se, por um lado, é verdade que em nenhuma sociedade ou língua há ‘linguagens’ separadas para homens e mulheres, por outro lado, a preferência por certos empregos, em função do sexo, parece estar presente em algumas línguas”.

De acordo com Coulthard (1991), essas diferenças aparecem em todos os níveis e têm apontado que as mulheres, de um modo geral, independentemente da classe, usam as formas linguísticas de prestígio em maior porcentagem que os homens. Além disso, os estudos de Coulthard (1991, p. 56) dizem que “acha-se em geral que as mulheres são mais polidas e educadas que os homens”. Assim, procura-se investigar, nesta pesquisa, se há comportamentos linguísticos suficientemente diferenciados entre homens e mulheres de forma que seja possível fazer algumas considerações sobre qual dos sexos se preocupa mais com formas prestigiadas da língua, qual é mais conservador ou mais preconceituoso etc.

Por meio do estudo do fator faixa etária, buscou-se verificar se existem diferenças de avaliação, de pensamento, entre as pessoas mais velhas e mais jovens, e se há diferenças nas crenças dessas pessoas influenciadas por esse fator. As pessoas mais velhas são, em geral, mais conservadoras e mais resistentes a determinados usos, enquanto as pessoas mais jovens são mais inovadoras.

Por meio da variável escolaridade, pretendeu-se, neste estudo, analisar as possíveis diferenças existentes entre as respostas dos participantes com escolaridade até o Ensino Fundamental completo e os participantes com Ensino Superior. Muitos estudos mostram que o nível de escolaridade de uma pessoa pode interferir na forma como ela fala ou se expressa. Botassini (2010) verificou que o fator social mais relevante quanto a questões relacionadas a crenças e atitudes linguísticas é o grau de escolaridade, indicando que os participantes com mais escolarização são menos preconceituosos, enquanto os com menos estudo são os que mais manifestam atitudes de rejeição.

A localidade foi o fator mais relevante nesta pesquisa, considerando que os participantes vivem em locais muito próximos e as diferenças encontradas entre eles

diz muito a respeito de onde vivem e de como se comparam. Em relação às diferenças decorrentes da localidade, Coulthard (1991, p. 7) afirma que

A maioria das pessoas sabe que há diferenças significativas na fala de pessoas de várias regiões do Brasil e de Portugal, embora consideremos a existência de somente uma “língua portuguesa”. Na verdade, é comum as pessoas falarem de *sotaques* e *dialetos* – “ela fala com o sotaque nordestino”; “o sotaque do Rio é o mais bonito”; “no meu dialeto nunca usamos *tu*”.

Apesar da pouca distância entre as duas localidades, é possível observar diferenças na forma como vivem os moradores desses lugares, seja pelo trabalho, pelo estudo, pelo lazer ou pelos objetivos de vida. Além disso, essas localidades têm opiniões diferentes uma em relação à outra.

Todos os participantes foram entrevistados e responderam a um questionário baseado no modelo elaborado por Botassini (2013), com questões abertas referentes à diversidade sociolinguística e questões de crenças e atitudes linguísticas, por meio do qual foi possível compor um *corpus* com mais de oito horas de áudios de entrevistas e mais de cem páginas transcritas.

Segundo Botassini (2013), esse tipo de corpus possibilita verificar e compreender

[...] questões como (i) as mudanças linguísticas ocorridas ou não na fala dos e, por extensão, (ii) as situações de lealdade e deslealdade linguística e, neste último caso, a perda da (iii) identidade linguística; ainda é possível analisar (iv) o preconceito linguístico (Botassini, 2013, p. 115).

4.2 OS PARTICIPANTES

Os participantes da pesquisa foram divididos, igualmente, por localidade (8 de Nova Esperança e 8 de Barão de Lucena), por sexo (8 homens e 8 mulheres), por grau de escolaridade (8 participantes de pesquisa com formação Superior e 8 com Ensino Fundamental, completo ou não) e por faixa etária (8 entre 18 e 35 anos e 8 a partir de 55 anos).

Para a seleção dos 16 participantes, observaram-se os seguintes critérios:

- terem nascido em Nova Esperança ou Barão de Lucena;

- serem filhos de pais também nascidos nessas localidades ou que tenham vindo para essa região ainda bem jovens, preferencialmente na infância;
- não terem morado fora da cidade de seu nascimento no período de aquisição da língua nativa (de 2 a 12 anos).

Preenchidos os requisitos acima, relacionados à procedência, os participantes foram ainda selecionados pelos seguintes critérios: sexo, faixa etária, localidade e grau de escolaridade.

Quanto ao sexo, selecionaram-se 8 homens e 8 mulheres. A faixa etária (FE) foi dividida em duas: FE1 e FE2. Na FE1, estão os participantes com idade entre 18 e 35 anos; na FE2, estão os indivíduos entre 50 e 65 anos. Foram descartados os participantes com idade intermediária (entre 36 e 49 anos) por se acreditar ser uma faixa etária de transição, cujos dados ficariam próximos da primeira ou da FE2, o que já foi abordado por Labov (2008) ao tratar do mecanismo da mudança linguística.

Em relação ao grau de escolaridade, os participantes da pesquisa foram divididos em dois grupos: com formação superior e com formação até o Ensino Fundamental completo. Inicialmente, pensou-se não ser possível encontrar participantes que tivessem apenas o Ensino Fundamental completo, mas, no distrito, é comum que a maioria deles não continue os estudos e tenha o foco voltado para o trabalho. No município, por meio de uma busca mais detalhada, também foi possível encontrar esses participantes.

Apesar de haver a obrigatoriedade do dever de educar os filhos e de matriculá-los na rede regular de ensino (conforme estabelecem os artigos 22 e 55 da Lei 8.069/90, de 13 de julho de 1990, do Estatuto da Criança e do Adolescente), existe também uma cultura de busca pelo trabalho ao invés do estudo, principalmente em relação aos participantes do distrito, já que, para concluir o Ensino Médio, é preciso se deslocar até o município e nem todos optam por isso; a maioria prefere buscar trabalho para que possa contribuir financeiramente com a família ou para adquirir seus próprios bens.

Quanto à naturalidade, todos os participantes nasceram nas localidades ou se mudaram para lá antes de completarem 2 anos de idade, de forma que a aquisição da linguagem ocorreu nesses lugares. Havia também o interesse de que os pais dos participantes fossem nascidos nas localidades; porém, devido ao ano de

fundação do município e do distrito (1951 e 1953, respectivamente), isso não foi possível, considerando que a maioria dos pais chegou à região em meados dos anos 50 e 60, ainda crianças ou adolescentes, vindos de outras regiões do Brasil, principalmente de São Paulo, Ceará e Santa Catarina. Muitos deles moravam em cidades próximas a Maringá e se mudaram para a cidade ou para o distrito devido à abertura de novas cidades feita pela Companhia de Melhoramentos Norte do Paraná.

Para trazer algumas informações sobre a classe social dos participantes desta pesquisa, será apresentado um levantamento das suas profissões. Entre os homens, encontram-se funcionários públicos (professor e gari), representante de vendas, trabalhadores rurais, motorista e engenheiro agrônomo. Entre as mulheres, há dona de casa, professoras, trabalhadoras rurais, secretária, funcionária de frigorífico de frango e psicóloga.

A distribuição detalhada dos participantes pode ser observada no quadro a seguir:

Quadro 3 – Distribuição dos participantes de acordo com as variáveis sociais

N.º do informante participantes	Sexo	Escolaridade	Faixa etária	Procedência
01	Masculino	Ensino fundamental	Primeira	Barão de Lucena
02	Masculino	Ensino fundamental	Primeira	Nova Esperança
03	Masculino	Ensino fundamental	Segunda	Barão de Lucena
04	Masculino	Ensino fundamental	Segunda	Nova Esperança
05	Masculino	Ensino superior	Primeira	Barão de Lucena
06	Masculino	Ensino superior	Primeira	Nova Esperança
07	Masculino	Ensino superior	Segunda	Barão de Lucena
08	Masculino	Ensino superior	Segunda	Nova Esperança
09	Feminino	Ensino fundamental	Primeira	Barão de Lucena
10	Feminino	Ensino fundamental	Primeira	Nova Esperança
11	Feminino	Ensino fundamental	Segunda	Barão de Lucena
12	Feminino	Ensino fundamental	Segunda	Nova Esperança
13	Feminino	Ensino superior	Primeira	Barão de Lucena
14	Feminino	Ensino superior	Primeira	Nova Esperança
15	Feminino	Ensino superior	Segunda	Barão de Lucena
16	Feminino	Ensino superior	Segunda	Nova Esperança

Fonte: Elaborado pela autora.

Conseguir participantes com as características estabelecidas para esta pesquisa não foi uma tarefa fácil, devido ao fato de não serem localidades com número grande de moradores; além disso, muitos dos participantes pré-selecionados não aceitaram participar da entrevista. Para encontrar os participantes da pesquisa, recorreram-se a vários expedientes, como busca em cartório, escola, posto de saúde e, principalmente, consulta com pessoas conhecidas. Entre a primeira entrevista e a última, transcorreram-se 3 meses.

4.3 METODOLOGIA

Para a obtenção dos dados, foram realizadas entrevistas com os participantes. Participaram da entrevista apenas o entrevistador e o entrevistado. O entrevistador dirigiu a entrevista seguindo uma ordem e um conteúdo específicos para que fosse possível obter a maior quantidade de dados úteis para a pesquisa.

Antes de iniciar a entrevista, os participantes assinavam um termo de consentimento livre e esclarecido, autorizando o uso do áudio e das respostas obtidas por meio das perguntas¹².

Apesar de seguir sempre a mesma sequência de perguntas, as entrevistas tiveram tempo de gravação variadas: entre 29 e 83 minutos. Essa variação de tempo depende principalmente da disposição e do interesse do participante informante. Alguns eram mais diretos ao responderem e, mesmo com questionamentos para esclarecer algumas respostas, não se prolongavam muito; outros se estendiam nas respostas, apresentavam detalhes e histórias que estavam relacionadas às perguntas. É importante salientar que, durante a entrevista, não houve interrupção e os participantes podiam responder livremente às perguntas realizadas.

Antes de se realizarem as entrevistas que formariam o *corpus* desta pesquisa, foram feitas duas entrevistas-piloto para que fosse possível ajustar e validar os instrumentos de coleta de dados. Após esse processo, deu-se início às entrevistas efetivamente, as quais foram todas realizadas por esta pesquisadora para que fosse assegurado que a coleta de dados seguiria os critérios de forma igual para todos os entrevistados.

¹² Esta pesquisa, bem como o termo de consentimento livre e esclarecido foram aprovados pelo Comitê de Ética sob o parecer n° 6.331.485.

Para que fosse possível deixar os participantes o mais à vontade possível, desde o primeiro contato para saber o interesse e a disponibilidade em participar da entrevista, foi usado um tom amigável, gentil e espontâneo. Nesse primeiro contato, que foi feito por telefone ou pessoalmente, os participantes recebiam informações importantes de como a entrevista seria realizada, a finalidade da entrevista de compor o *corpus* de uma dissertação de mestrado para estudar a cultura da sua região.

Além disso, os participantes eram informados de que as entrevistas seriam realizadas no local e no horário que fosse mais acessível para eles, e grande parte delas foi realizada nas residências dos participantes e algumas em seu local de trabalho.

Para que fosse possível reunir o máximo de informação possível, antes de iniciar a gravação das entrevistas, os participantes preencheram uma ficha com seus dados pessoais. Enquanto isso, era-lhes esclarecido que a entrevista não buscava medir seus conhecimentos ou domínio de algum conteúdo específico, mas em saber mais, por exemplo, de seu trabalho, sua rotina, seus interesses, suas histórias.

Enquanto a ficha era preenchida, a pesquisadora ia organizando o equipamento para gravação do áudio, sempre mantendo a conversa para que o entrevistado fosse ficando mais à vontade. Foi explicado aos participantes que a gravação do áudio não seria divulgada em nenhum lugar público, que sua identidade seria o tempo todo preservada e que, em nenhum momento, haveria exposição do que estava sendo gravado, com exceção do uso transcrito das entrevistas e que, ainda assim, não teriam seus nomes, localidades ou quaisquer outras informações que os identificassem.

Todas as entrevistas foram gravadas pelo aparelho celular da entrevistadora, um Iphone XR, pelo aplicativo Gravador. Não foi utilizado microfone para que não houvesse mais um item distraindo ou intimidando o participante; no entanto, a qualidade de áudio do aparelho é muito boa e as gravações ficaram muito claras e com muita qualidade. Após cada entrevista, os áudios eram enviados por e-mail e para o WhatsApp da pesquisadora para que não houvesse a possibilidade de perdê-los.

Durante as entrevistas, sempre que havia uma oportunidade, procurava-se ampliar a fala dos participantes, buscando o máximo de informações possível.

Quando o participante informante se desviava do assunto para outro que não estava relacionada à pergunta, discretamente e sem interrompê-lo, a pergunta era repetida até que se obtivesse uma resposta adequada e que respondesse ao que foi perguntado.

Durante as entrevistas, uma das preocupações foi evitar usar uma linguagem acadêmica, principalmente com os participantes menos escolarizados, para que eles não se sentissem intimidados ou constrangidos. Além disso, houve a intencionalidade de usar uma linguagem bastante informal, descontraída e leve para que o entrevistado percebesse que não havia motivo para se sentir “travado”. Diante dos entrevistados com formação superior, manteve-se o mesmo tipo de postura, mas, nesse caso, para evitar que eles se sentissem na “obrigação” de utilizar uma linguagem acadêmica; isso impediria que as informações fossem dadas de forma espontânea.

Para avaliar as crenças e atitudes dos participantes, formularam-se, durante a entrevista, 13 perguntas abertas, ou seja, perguntas às quais os participantes podiam responder livremente desde que apresentassem uma resposta à pergunta. Antes de iniciar as questões do questionário, foi feita aos entrevistados uma pergunta pessoal, com a intenção de que, contando uma história, eles se “desarmassem” e ficassem mais tranquilos para responder às perguntas do questionário.

A pergunta feita a eles inicialmente foi: “Conta para mim um fato que marcou sua vida. Pode ser um fato feliz ou triste”. Diante dessa pergunta, os participantes contavam histórias pessoais que já haviam vivido e, nesse momento, é muito difícil manter uma linguagem monitorada. Eles riam, emocionavam-se e contavam histórias de suas vidas, o que permitiu que a entrevistadora pudesse introduzir, sem ser anunciada, a primeira pergunta do questionário. A conversa era direcionada para que a primeira pergunta fosse feita da forma mais natural possível.

O questionário qualitativo formulado, adaptado de Botassini (2013, p. 127), apresenta 13 questões abertas “para verificar como os participantes avaliam a sua variedade linguística bem como a variedade linguística de outros grupos dialetais”, a saber:

- 1 – Você consegue identificar uma pessoa só pela maneira de falar?
- 2 – Como você acha que falam os nova-esperancenses?

- 3 – Como você consegue identificar que uma pessoa é de Nova Esperança?
- 4 – Como você acha que falam os moradores de Barão de Lucena?
- 5 – Como você consegue identificar que uma pessoa é de Barão de Lucena?
- 6 – Falam melhor as pessoas de Nova Esperança ou de Barão de Lucena?
- 7 – Você acha que as pessoas que moram na zona rural falam da mesma forma que as pessoas que moram na cidade? Como você consegue diferenciá-las?
- 8 – Você acha que fala bem?
- 9 – Alguém já corrigiu a sua fala?
- 10 – E você, já corrigiu a fala de alguém?
- 11 – Você já passou por alguma situação constrangedora devido ao seu modo de falar?
- 12 – Em alguma situação, estando a passeio, a trabalho ou em viagem, você já modificou a sua forma de falar para adaptar à forma de falar das pessoas do lugar onde você estava?
- 13 – Se tivesse oportunidade de se mudar, você se mudaria? Para onde e por que se mudaria?

Após a realização de todas as entrevistas, iniciou-se o processo de transcrição da fala dos participantes. A transcrição das entrevistas foi realizada no site Transkriptor, que transforma os áudios em textos transcritos em arquivo de Word. Após essa transcrição, todas as entrevistas foram minuciosamente revisadas duas vezes para que a transcrição realizada pelo site não deixasse perder nenhuma fala, expressão ou entonação que fosse importante para a análise dos resultados.

5 ANÁLISE DE DADOS

O presente capítulo traz os resultados obtidos por meio das respostas ao questionário qualitativo que foi adaptado de Botassini (2013) e que contém treze questões abertas sobre as quais os participantes discorrem livremente. As questões versam a respeito das crenças e atitudes linguísticas dos próprios participantes, dos moradores de Barão de Lucena e de Nova Esperança, além do reconhecimento da variação linguística existente entre os moradores de ambos os lugares.

Para que a análise qualitativa fosse realizada de forma mais produtiva, apresentaram-se informações numéricas e percentuais que ajudam na compreensão dos dados e na interpretação das informações obtidas por meio das entrevistas. Outro ponto importante desta análise é a exposição de depoimentos dos participantes, que contribuem e enriquecem as explicações, deixando a análise mais esclarecedora.

Todos os participantes dos dois locais analisados responderam às mesmas perguntas, considerando a importância de comparar as respostas obtidas de forma que seja possível compreender a maneira como o participante se vê, como vê aqueles que moram no mesmo local e como vê aqueles que moram em uma localidade próxima, que fazem parte de um todo, apesar da distância.

Antes de iniciar a entrevista com as perguntas específicas do questionário, foi pedido aos participantes que contassem uma história sobre sua vida, algo que os tivesse marcado: “Conte para mim algum fato que marcou sua vida”. Com essa pergunta, pretendia-se, primeiramente, deixar o participante mais tranquilo e à vontade, de modo a levá-lo a produzir uma fala o mais espontânea possível; em segundo lugar, objetivava-se encontrar alguma variante linguística que pudesse caracterizar a identidade de um grupo em relação ao outro.

Não foi identificado fenômeno linguístico algum que diferenciasse especificamente os participantes do distrito e do município. O que se verificou foi que, independentemente das variáveis sociais, ou seja, local de moradia, sexo, faixa etária e grau de escolaridade, a fala dos participantes apresenta-se muito semelhante.

Imaginava-se que fenômenos como o rotacismo (craro, vortava), a iotização (muié, trabaia), a ditongação (veiz, nós), a ausência de marcação de concordância

(tanto verbal quanto nominal), por exemplo, fossem aparecer com mais frequência na fala dos participantes de Barão de Lucena, conforme salientam alguns estudos, que referem a predominância desses processos mais marcados nas zonas rurais, onde, geralmente, as pessoas têm menos estudo. Bortoni-Ricardo (2004) salienta que, ao interagir com brasileiros que nasceram e foram criados na zona rural ou urbana, percebe-se a ocorrência de usos linguísticos típicos desses falares.

A autora afirma que existe uma linha contínua de urbanização e que, em uma dessas pontas, estão localizados os falares rurais que são mais isolados, seja por questões geográficas ou pela falta de meios de comunicação. Na outra ponta, estão os falares urbanos que

[...] ao longo do processo sócio-histórico, foram sofrendo a influência de codificação linguística, tais como a definição do padrão correto de escrita, também chamado ortografia do padrão correto de pronúncia, também chamado ortoépia, da composição de dicionários e gramáticas (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 51).

O que pesa, no entanto, é o espaço que fica entre essas duas pontas, denominada pela autora como zona *rurbana*, formada por migrantes de áreas rurais que mantêm, em seu falar, traços de seus antecedentes culturais.

Os grupos rurbanos são formadas pelos migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semirurais, que estão submetidas à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 52).

Apenas dois aspectos linguísticos se destacaram: o marcador de discurso “tipo assim” e o uso de “num” em lugar de “não” pelos participantes de Barão de Lucena. Em relação à utilização de “tipo assim”, embora seja um item lexical normalmente associado à fala de pessoas mais jovens, seu uso foi observado também por pessoas mais velhas e mais escolarizadas. De acordo com Bittencourt (1999),

[...] pode-se constatar, mesmo sem uma sistematização quantitativa, o seu vigor de uso pelos usuários brasileiros, que não se limitam apenas à faixa etária jovem. Além da sua presença no discurso

adulto, constatamos casos de ocorrência de **tipo (assim)** na língua escrita (Bittencourt, 1999, p. 50).

Das 51 ocorrências de “tipo (assim)”, 44 (86,27%) foram produzidas pelos baronenses e apenas 7 (14%) pelos nova esperancenses.

(1) “Porque onde vamo enfiar tanta foto? Tipo assim, em Nova Esperança não tem os lugares que vende essas coisa, foto, né?” (BFs2)

Quanto à utilização de “num”, encontraram-se 37 ocorrências, das quais 27 (73%) foram produzidas pelos participantes de Barão de Lucena e 10 (27%) foram produzidas pelos participantes de Nova Esperança.

(2) “Ah, porque como diz... num, num adianta quere corrigi porque a gente também fala errado. Então, quer dizer, eu num posso corrigi o outro se eu também, de vez em quando falo errado, então, quer dizer... vamo dexe” (BMf2).

Outro aspecto que se percebeu em relação aos participantes do distrito é que esses apresentavam mais apreensão ao responder as perguntas, tentavam dar respostas mais rápidas e buscavam encurtar o assunto. Os participantes da segunda faixa etária (FE2) ainda eram um pouco mais abertos às perguntas e não tinham muita pressa em responder, mas os participantes da primeira faixa etária (FE1) tentavam encerrar a resposta de forma mais rápida e sem muitos detalhes, mesmo a entrevistadora procurando formas de estender o assunto e obter uma resposta mais completa, sempre de maneira discreta e tranquila, sem parecer que estava sendo insistente, já que isso poderia causar a perda da naturalidade da resposta.

Na sequência, serão apresentadas as análises referentes às respostas dos participantes às perguntas do questionário.

Em relação à primeira pergunta “Você consegue identificar uma pessoa só pela maneira de falar?”, todos os 16 participantes responderam que sim, que é possível identificar de onde vem uma pessoa pela forma como ela fala, pelo seu sotaque, pelo vocabulário e pelo “cantado” da fala. Ainda que não seja possível saber a cidade, ao menos o estado ou a região do país são possíveis de serem identificados.

A maioria dos locais citados foram Ceará, Bahia, Minas Gerais e Rio Grande do Sul e Curitiba (não especificamente o Paraná). As principais características apontadas pelos participantes foram o sotaque “arrastado” e as gírias. Todos os participantes usaram a palavra “sotaque” para justificar a forma como são capazes de identificar a fala de alguém.

De forma mais específica, os participantes¹³ afirmaram que o sotaque nordestino é o mais fácil de identificar, como mostram os trechos a seguir:

(3) “Ah, aí sim. No caso, cê quer dizer que nem tem esses menino aqui no Barão hoje que tá... que veio lá do, do Ceará. Tem só o... o estilo da, da conversa dele a gente já sabe que não é paranaense no caso, né? Tem como identifica sim” (BFs2).

(4) “Se for, vamos supor: se vem uma família lá do Nordeste, a maneira dele, de, ele já vim conversar aqui, você já, você já vê. Na maneira dele conversar, você já percebe. A língua dele, que ele fala mais nordestino a maneira dele conversar, né? [...] esse pessoal do Nordeste não, se ele vim pra cá, você já conhece a maneira dele conversar, dele falar, do jeito, né? Só na maneira dele conversar” (BFs2).

Em algumas respostas, foi possível observar que, de acordo com a opinião dos participantes, o Paraná é um estado que não possui um sotaque específico, a não ser a região mais ao sul e sudoeste, como vemos nos trechos das entrevistas abaixo:

(5) “O paranaense é meio difícil porque, a não ser o do Sudoeste que tem aquele cantado dá pra identificar que é do Sudoeste. É, é o mesmo sotaque do Santa Catarina e Rio Grande do Sul” (NMs1).

(6) “Aqui dentro do, do nosso estado mesmo, só a região ali de... perto de Foz do Iguaçu, Medianeira, então, tem vários sotaques já diferente da nossa região Noroeste aqui” (BMf1).

Em relação à questão “Como você acha que falam os nova-esperancenses?”, no geral, 81,3% dos participantes fizeram uma avaliação positiva, enquanto apenas 18,7% deram uma avaliação negativa para a forma como os nova-esperancenses falam.

A Tabela 01 resume as respostas dos participantes a essa pergunta.

¹³ Os participantes foram identificados neste trabalho por meio de uma sigla colocada logo após a citação direta de cada fala, sendo B para Barão de Lucena, N para Nova Esperança, M para masculino, F para feminino, f para nível Fundamental, s para nível Superior, 1 para a primeira faixa etária e 2 para a segunda faixa etária.

Tabela 01 – Avaliação geral e por localidade em relação à pergunta “Como você acha que falam os nova-esperancenses?”

Respostas	Avaliação geral	Avaliação por localidade ¹⁴	
		NE	BL
Positivas	81,3%	62,5%	100%
Negativas	18,7%	37,5%	0%

Fonte: Elaborado pela autora.

Os participantes de Barão de Lucena, unanimemente, avaliaram como positiva a fala dos participantes nova-esperancenses. Alguns até utilizaram características como “falam bem” e “falam o português bem declarado”.

(7) “Assim, o jeito dela falar? Posso falar assim que eles falam, falam bem assim, né? Português declarado assim, né? Tipo assim, um português bem. Falam português normal” (BFf2).

Um ponto importante a ser destacado é que grande parte dos participantes de Barão de Lucena identificava a fala dos nova-esperancenses igual a fala deles e afirmavam que “a linguagem é a mesma”, “igual a nossa linguagem”, “igual os baronense”. Uma das participantes de Barão de Lucena afirmou que “Ah, eu acho bonito porque, pra mim, é normal, é igual nós fala aqui”. Essas afirmações podem indicar a intenção dos baronenses de se apropriarem do *status* e prestígio que acreditam que a outra localidade possui.¹⁵

62,5% dos nova-esperancenses afirmaram ser positiva a forma como eles falam, enquanto 37,5% avaliaram como negativas as características da fala, indicando a existência de influência paulista e nordestina. Alguns dos participantes do município citaram o R “puxado” (retroflexo) e outros apontaram que a fala é mais arrastada, como afirmam: “Falam errado. Fizemo, falemo, fomo”, “muita gente veio da roça”, “muita fala errada”.

Dois participantes de Nova Esperança com nível superior apontaram que os nova-esperancenses não têm uma característica que os identifica e afirmam:

¹⁴ Nas tabelas, as localidades estão identificadas como seguem: NE = Nova Esperança; BL = Barão de Lucena.

¹⁵ Essa demonstração de intenção de apropriação de *status* e prestígio em relação ao município pode ser observada em depoimentos dos participantes do distrito, como no exemplo 47, na página 88.

(8) “Eu falei essa brincadeira, mas eu acho que Nova Esperança não tem uma questão enraizada que identifique que, assim, você consegue, é... bater o olho, né? E você vê, cê sabe uma pessoa que é de Uberlândia, cê sabe que é de Uberlândia, né? Eh... o sotaque, às vezes, é até diferente do que não é de Uberlândia. Agora aqui, eu acho que a gente não tem nada que nos identifique realmente. “Ah, esse aí é do, é de Nova Esperança”. Tem a questão do “porrrta aberrrrta” e tal, mas isso eu penso que não é de Nova Esperança, é aqui, a parte Oeste do, do Paraná” (NFs1).

(9) “O paranaense não tem, assim, uma um sotaque diferenciado ou, ou que se identifica perante as outras comunidades. Eu acho que ele é bem, bem... trouxe os ancestrais paulista, né? Então, tem pouco sotaque, tem pouca. Difícil, difícil de conhecer ser paranaense ou se é paulista” (NMs1).

Com este último relato é possível observar que há uma naturalização do falar na percepção dos participantes, como se a fala paranaense fosse isenta de qualquer aspecto que, no âmbito do PB, seja caracterizado como variação. Isso pode apontar para a existência da naturalização da variação linguística para os falantes.

Outra justificativa que os nova-esperancenses usavam para explicar as “falas erradas” é a questão da agricultura. Como muitos trabalhos envolvem o trabalho no campo, alguns participantes afirmaram que o local de trabalho interfere na forma de falar. Além disso, uma das participantes, do sexo feminino, da EF1 e com Ensino Fundamental completo, chamou isso de “português antigo”, já que os “mais antigos” vieram da roça e, por isso, “têm muitas falas erradas”, como ela mesma afirma: “Acho que Nova Esperança tem mais gente acostumada com o português antigo. É muito ‘fizemo’, ‘falemo’, ‘fomo’. E até gente nova eu escuto falar isso.”

Outra participante apontou que acha engraçada a forma de falar dos nova-esperancenses e que essa fala mais cômica se deve ao fato de ter ligação com a forma de falar “da roça”.

(10) “Ah, eu acho assim, um jeito, um jeito meio cômico, eu falo é... a maioria do, do povo de Nova Esperança, às vezes, veio da roça, né? Por que tinha muito bicho da seda, né? Então, são bem... esse, principalmente, os mais antigos, eles falam bem, é... como que eu posso dizer? É uma linguagem simples, né?” (NFf2).

Uma resposta que chamou a atenção foi a de um dos participantes de Nova Esperança, da EF1 e com Ensino Fundamental completo, quando ele afirma que cada um vai achar sua fala a correta. Importa destacar, entretanto, que isso só

ocorre quando há lealdade linguística, ou seja, quando a pessoa valoriza, aprecia, defende a própria língua.

(11) “Do modo de ver, é o normal, mas não. É... cada um, cada, cada estado vai achar que o dele está correto, né. Cada, cada região. Tipo, se você falar até outra língua, pode ser japonês, eu achar que o japonês é o correto. Então, é isso, a nossa... vamos achar que o Nova Esperança vai ser o correto, mas não, tem sotaques tanto no país como no mundo inteiro, tudo diferente. E línguas, né?” (BMf1).

Nesse relato, é possível observar que as variações da língua são percebidas pelos falantes, mas há aqueles que vão achar normal e correta a sua forma de falar e há aqueles que vão estigmatizar a própria fala ou a fala de outros.

Tabela 02 – Respostas à pergunta “Como você acha que falam os nova-esperancenses?”, segundo os fatores sociais

Cidade/Resposta	Fatores Sociais ¹⁶					
	F	M	FE1	FE2	EF	ES
Nova Esperança						
Positivas	50%	75%	50%	75%	25%	100%
Negativas	50%	25%	50%	25%	75%	0%
Barão de Lucena						
Positivas	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Negativas	0%	0%	0%	0%	0%	0%

Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação a essa pergunta, os participantes de Nova Esperança, mesmo tendo feito mais avaliações positivas do que negativas sobre a própria fala, mostraram-se mais críticos do que os de Barão de Lucena, que realizaram apenas avaliações positivas ao se referirem à fala dos nova-esperancenses.

Entre todos os fatores sociais, chama a atenção os dados relativos à escolaridade dos participantes do município, que mostrou que 100% dos participantes com Ensino Superior avaliaram positivamente a fala dos moradores de Nova Esperança em comparação a apenas 25% de avaliações positivas de participantes com Ensino Fundamental, o que pode apontar que, quanto maior o nível de escolaridade, mais cautela a pessoa tem ao avaliar a fala do outro.

¹⁶ Nas tabelas, os fatores sociais foram identificados como segue: F = feminino; M = masculino; FE1 = primeira faixa etária; FE2 = segunda faixa etária; EF = ensino fundamental; ES = ensino superior.

Botassini (2013, p. 178), em estudo que avaliou a fala de cariocas, gaúchos e norte-paranaenses, também verificou que os indivíduos mais escolarizados parecem ser menos preconceituosos: “é possível presumir que os participantes mais escolarizados têm uma visão menos preconceituosa em relação às diferenças étnicas, culturais e linguísticas, consequência, provavelmente, do maior conhecimento possibilitado pelo estudo”.

Outro dado interessante ainda em relação aos informantes nova-esperancenses refere-se ao fato de que 75% dos homens da FE2 fizeram avaliações positivas, indicando que os homens dessa faixa etária podem ser menos críticos.

Em relação à pergunta “como você consegue identificar que uma pessoa é de Nova Esperança?”, 69% entre todos os participantes afirmaram que é possível identificar os participantes do município, no entanto as explicações mudavam dependendo dos participantes. Nesse caso, 50% deles apresentaram justificativas positivas para que fosse possível fazer essa identificação e 19% apresentam justificativas negativas.

62% dos participantes de Barão de Lucena afirmaram que é possível identificar que uma pessoa é de Nova Esperança e, desses, 100% apresentam justificativas positivas; alguns afirmavam que identificavam os nova-esperancenses porque as pessoas falam igual a eles ou porque já os conhecem “de vista”.

(12) “Que do mesmo jeito que é... é da mesma região que eu, né. Tem o mesmo jeito de falar que eu. É, eu acho que é assim, sei lá. Eu consigo saber porque eu vou muito pra lá e a gente vê o pessoal que mora aqui” (BMs1).

31% dos participantes de Barão de Lucena disseram não serem capazes de diferenciar ou reconhecer uma pessoa como moradora de Nova Esperança. As explicações para essa negação variaram entre não haver uma característica específica e o costume com a fala e, por isso, não perceber as características.

(13) “Gente, vou ser sincero: identificar, não vou identificar nunca. Só aqueles que eu já conhecia, que continua a,a família ali, então tem bastante, eu sei que é de Nova Esperança. Agora, no geral, identificar como é de Nova Esperança, não” (BFs2).

(14) “Da fala eu acho que não. Eu não sei se é porque sou acostumada já. Pode ser por isso, porque outras pessoas pode ser, de longe, né, que identifica, mas eu não consigo identificar” (BMs1).

(15) “Não identifica porque você acha igual. Então você vê que ela é igual, entende? A fala, então cê num entende a despertar um... assim, achar que ela é de fora. Então você acha que ela é dali da, da região” (BMf1).

Entre os participantes de Nova Esperança, 75% afirmaram que é possível identificar que uma pessoa é de Nova Esperança, e 50% deles apontaram características positivas que possibilitavam essa identificação. Um dos participantes justificou que os nova-esperancenses sabem os pontos de referência, por isso é possível saber que é morador do município.

(16) “Ah, assim, pra... principalmente pelo, pelo jeito de falar, de conversar. Ou é daqui ou é da região, acabou de se mudar. Mas também quando você tenta falar tem, você dá um exemplo, um ponto, fala ‘ah, tal lugar fica próximo disso’, ‘ah não, ali eu sei, fica tranquilo’. Então, é mais situações assim” (NMf1).

50% dos participantes de Nova Esperança que responderam afirmativamente à pergunta apontaram características pejorativas que permitiam fazer essa identificação, como: “pela briga, são muito briguentos, encrenqueiros”, “pelo nariz empinado, chatas”, “pela simplicidade”.

(17) “Você quer mesmo que eu diga? (risos) Nariz empinado, chata. Eu sei que é de Nova Esperança. Ah, eu acho que o nova-esperancense não tem uma questão muito enraizada, né?” (NFs1).

(18) “É que as características que eu tenho não é muito legal (risos) [...] Pela briga. Bastante rixa. Porque quando tem rodeio, festa em outra cidade. ‘Ah, teve briga, adivinha? Era de Nova Esperança’. Aí identifico por isso. Pessoas um pouco encrenqueiras” (NFf1).

(19) “Pela simplicidade. São pessoas muito simples, sem tanto estudo que nem numa cidade maior” (NFf2).

Aqui, é possível observar que os próprios participantes de Nova Esperança dão características negativas para os conterrâneos, o que pode indicar uma deslealdade tanto linguística como local. O termo “simplicidade”, referido por uma das participantes, não é usado para indicar pessoas com uma vida mais simples, mas sim com pouco recurso, pouco estudo.

25% dos participantes de Nova Esperança afirmaram que não conseguem identificar pela aparência ou pela forma de falar e isso só é possível se já fossem

peças conhecidas ou se já conhecessem alguém da família e falassem o nome e o sobrenome.

Um dos participantes de Nova Esperança, com Ensino Superior completo e da EF2, afirma que houve muita mudança na população e está cada vez mais difícil identificar quem é da cidade:

(20) “É, hoje está muito difícil. Primeiro não, cê batia o zóio e falava ‘esse cara mora em Nova Esperança’. Ou por conhecimento, ou, ou como cê se identificou ‘ah, eu sou, sou neta do seu Augusto’, opa. Então era assim, né? Pela família pela família já conhecia. Hoje, hoje tá mais difícil. A própria urbanização e a, e a própria migração, né? Mudou muito, né? Difícil, é difícil distinguir hoje o nova-esperancense” (NMs2).

O fator sexo indicou uma diferença muito grande na apresentação dos motivos que levavam a reconhecer que alguém é morador de Nova Esperança. 50% das mulheres apresentaram justificativas negativas, enquanto nenhum dos homens justificou negativamente o motivo por que é possível identificar um morador de Nova Esperança. Entre aqueles que avaliaram positivamente, 75% eram homens e 25% eram mulheres.

Isso reforça o que já foi apresentado em outros estudos, como os de Labov (2008), Coulthard (1991), Botassini (2013), que apresentaram dados mostrando que as mulheres são mais exigentes em relação à fala do que os homens, inclusive no momento de avaliar o outro.

O fator faixa etária mostrou que 62,5% dos participantes da EF1 apresentaram justificativas positivas para identificar que uma pessoa é de Nova Esperança, enquanto apenas 37,5% dos participantes da EF2 justificaram positivamente. 50% entre todos os participantes da EF2 afirmaram não haver como identificar que uma pessoa é de Nova Esperança.

O fator escolaridade não se mostrou importante para esta pergunta, visto que o resultado se apresentou o mesmo para ambos: 50% dos participantes com Ensino Fundamental e 50% dos participantes com Ensino Superior apresentaram justificativas positivas.

Quando questionados sobre “Como você acha que falam os moradores de Barão de Lucena?”, apenas 6,3% entre todos os participantes apresentaram características positivas para justificar essa identificação, 43,8% apresentaram justificativas com características negativas em relação à fala dos moradores de

Barão de Lucena e 49,9% mantiveram-se neutros, não identificando a fala dos baronenses de forma positiva ou negativa. A Tabela 03 mostra os resultados referentes a essa pergunta.

Tabela 03 – Avaliação geral e por localidade em relação à pergunta “Como você acha que falam os moradores de Barão de Lucena?”

Respostas	Avaliação geral	Avaliação por localidade	
		NE	BL
Positivas	6,3%	0%	12,5%
Negativas	43,8%	50%	37,5%
Neutras	49,9%	50%	50%

Fonte: Elaborado pela autora.

Entre os moradores de Barão de Lucena, 12,5% dos participantes fizeram apontamentos positivos em relação à própria fala, indicando que falam bem e que falam “igual Nova Esperança”.

(21) “Posso falar assim que eles falam, falam bem assim, né? Português declarado assim, né? Tipo assim, um português bem. Falam português normal. Eu acho uma linguagem muito bonita. Eu acho bonita. Eu acho bonito e a gente já é acostumado, assim, tipo assim, né? Todo acostumado. Então, eu acho bonito” (BFF2).

Esse resultado (12,5%) traz indício de uma situação de deslealdade linguística dos baronenses com a própria fala, visto que, ao avaliar a fala dos nova-esperancenses – ou seja, a fala do outro – fizeram 100% de avaliações positivas. A preferência por outra fala que não a sua demonstra deslealdade linguística e pode estar vinculada a um sentimento de inferioridade ou de insegurança em relação à própria fala.

37,5% dos participantes baronenses fizeram apontamentos negativos em relação à fala, justificando que os moradores de Barão de Lucena “falam muito errado”, tem “muitas falas erradas”, “a maioria trabalha na roça e não estudou”, “pessoas da roça falam diferente”.

(22) “Eu acho que às vez muda uma palavra, as vez o jeito que a pessoa... que ela... que nem, trabalha aqui, o pessoal aqui, trabalha mais na roça. Você conversa mais popularzão, né? Não conversa muito certo, cê escuta falar muito errado” (BMs1).

50% dos participantes não se posicionaram apontando características específicas e afirmaram que depende das pessoas, pois “alguns falam bem e outros não”, e o local onde a pessoa mora pesa menos na questão da fala. Houve ainda a justificativa de que pessoas de Nova Esperança também tinham distinção no “certo e errado” da fala, assim como no distrito. Muitos afirmaram que os baronenses falam igual aos moradores de Nova Esperança; entretanto, ao responderem à questão “Falam melhor as pessoas de Nova Esperança ou de Barão de Lucena?”, nenhum participante apontou os baronenses como aqueles que falam melhor.

Entre todos os participantes nova-esperancenses, nenhum apontou características positivas para referir-se à fala dos baronenses; ou fizeram relatos negativos (50%) ou mantiveram-se neutros (50%) em seus posicionamentos. Esse resultado revela preconceito linguístico para com a fala dos moradores de Barão de Lucena e aponta para um possível desprestígio em relação a essa fala.

Já a opção de manter-se neutro (sem apresentar pontos positivos ou negativos, especificamente) pode ser uma estratégia para “camuflar”, para esconder a verdadeira opinião que se tem a respeito do outro, visto que há, muitas vezes, pudor em se posicionar verdadeiramente; um receio de ser mal-interpretado e, assim, ser julgado de forma negativa. Ao se manterem neutros, não se comprometem e, assim, não são vistos como indivíduos preconceituosos. Muitos participantes apenas se referiam à forma de falar como “igual a de Nova Esperança”.

(23) “Do mesmo jeito de Nova Esperança. Bom, eu, eu conheço pouca gente de lá, mas os que eu conheço é a mesma coisa” (NFF1).

Os participantes que apresentaram justificativas negativas, referiram-se à fala mais humilde, simples, informal e coloquial dos baronenses.

(24) “A linguagem deles é mais simples, né? Eles não, eles não usam uma linguagem mais formal, é uma coisa mais informal. É uma linguagem menos culta, uma coisa mais do dia a dia, mais coloquial” (NFs2).

Duas justificativas foram recorrentes entre os participantes de Nova Esperança: a predominância do serviço rural e a escolaridade, considerando que o ensino básico, em Barão de Lucena, é oferecido apenas até o 9º ano do Ensino Fundamental.

(25) “Geralmente, lá no Barão, o pessoal, eles trabalham e eles, eles é... Como se diz, é... Geralmente eles trabalham mais na roça lá, né? É... Tem, tem um... A gente, pra conversar, conversa mais o mais com simplicidade, mais com humildade, né? Eu acho que são bem, bem simples. Então, é... A gente vê com aquela, aquela certa humildade, com aquela certa... Uma diferença no falar, né?” (NFf2).

(26) “Mas como lá tem menos estudo e eles trabaia mais na roça é por isso que eles falam mais errado, mais caipira, né?” (NMf1).

Na Tabela 04, a seguir, apresentam-se os resultados para a mesma questão relativos aos fatores sociais.

Tabela 04 – Respostas à pergunta “Como você acha que falam os moradores de Barão de Lucena?”, segundo os fatores sociais

Cidade/Resposta	Fatores Sociais					
	F	M	FE1	FE2	EF	ES
Nova Esperança						
Positivas	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Negativas	50%	50%	50%	50%	50%	50%
Neutras	50%	50%	50%	50%	50%	50%
Barão de Lucena						
Positivas	25%	0%	0%	25%	25%	0%
Negativas	25%	50%	75%	0%	50%	25%
Neutras	50%	50%	25%	75%	25%	75%

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao analisar os fatores sociais separados por localidade, constatam-se, para os participantes de Nova Esperança, resultados idênticos, independentemente da variável: nenhuma avaliação positiva, 50% de avaliações negativas e 50% de avaliações neutras. Esse resultado já é esperado em vista dos resultados gerais constantes da Tabela 03.

Quanto aos resultados relativos aos fatores sociais dos participantes de Barão de Lucena, verificou-se uma situação distinta. Em relação à variável sexo, observou-se que os homens não fizeram avaliação positiva alguma: 50% colocaram-se de forma negativa e 50%, de forma neutra. Já entre as mulheres, 25% fizeram avaliações positivas, 25%, avaliações negativas e 50%, neutras. Assim, para esta pergunta, essa variável mostrou-se pouco produtiva.

A variável faixa etária revelou que os participantes mais jovens não fizeram avaliação positiva a respeito da própria fala; ao contrário, 75% fizeram avaliações

negativas e 25%, neutras. Esses resultados parecem indicar que os participantes da FE1 são menos receosos em se posicionarem, já que foram os que menos apresentaram respostas neutras. Já os participantes da FE2 fizeram 25% de avaliações positivas e 75% de avaliações neutras e nenhuma avaliação negativa. Bergamaschi (2006) esclarece que os membros mais velhos de um grupo, especialmente os que moram em zonas rurais, são mais conservadores, o que pode explicar a ausência de avaliações negativas em relação à própria fala.

Em relação ao fator escolaridade, apenas participantes com EF fizeram avaliações positivas da fala dos baronenses; por outro lado, também foram os que mais fizeram avaliações negativas (50% contra 25% dos participantes com ES). A maioria dos participantes com ES posicionou-se de forma neutra (75%), sem trazer características positivas ou negativas sobre a fala dos baronenses. enquanto 38% dos participantes com Ensino Fundamental e 50% com Ensino Superior manifestaram características negativas.

(27) “Ah... Como que fala? É normal. Eu acho que é a normal a linguagem deles. A não ser esse pessoal, que nem acabei de falar pra você, que veio de fora, né? Mais Barão e Nova Esperança praticamente é... igual” (BMf2).

(28) “A região do distrito é a questão da fala. Muitas vezes, sai igual, vários pontos errados, tipo você falar “o fio” ou não sei o quê, então é mais essa, essa e a, a questão de, de pais, mães e avós que falam essas falas errada, né? Então, a gente percebe essas falas” (BMf1).

(29) “Os moradores de Barão de Lucena fala a mesma coisa que os de Nova Esperança. Agora, como eu, tem várias pessoas descendentes de italiano, tá? Conversa mais do que a boca. E não adianta falar que não”

(30) “Ah, tem umas pessoas, tipo, no vocabulário, que elas... como elas são mais, assim, eu acho que elas são mais da roça, elas falam diferente das pessoas de Nova Esperança, que trabalha na cidade. Que, tipo assim, é diferente porque trabalha, tipo, em Nova Esperança. A maioria do pessoal aqui, eles trabalham a maioria na roça, né?” (BFs1).

(31) “Igual nós. Tem alguma, pensando na forma como eles falam, você acha que tem alguma coisa assim que poderia diferenciar daqui? Não. A cada quinze dias eu vou lá, né, porque eu trabalho lá e não consigo achar uma coisa que seja diferente da gente” (NFs1).

(32) “Porque a maioria não tem, tipo assim, que tá na roça, muitos tem estudo, mas a maioria não tem. Né? Às vezes nem terminou o ensino médio, né? Muitas vezes deixa de estudar porque precisa trabalhar. Às vezes nem quer. Tipo assim, e, como os pais também não tem condição de dar, aí vai trabalhar por causa disso, pra conseguir” (BFs1).

Em relação à pergunta “como você consegue identificar que uma pessoa é de Barão de Lucena?”, 25% entre todos os participantes disseram não serem capazes de identificá-los, sendo que isso só é possível porque já conhecem o morador do distrito. 37,5% entre todos os participantes apresentaram justificativas positivas para fazer essa identificação e 37,5% entre todos os participantes afirmaram que é possível identificar um morador, no entanto as justificativas foram negativas.

(33) “Ah, aí só perguntando o endereço da onde veio mesmo, assim... Por outro motivo eu não consigo identificar. Só se eu saber que mora lá.” (NMf1).

(34) “Tem pessoas que são mais simples, mais aqui, aqui no, na cidade a gente também tem pessoas que são mais simples, não dá pra separar que é... Eu entendo como sendo uma parte daqui, igual, entendeu? Eu sei que é de lá quem eu já conhecia antes.” (NFs1).

(35) “Do Barão de Lucena, eu acho que seria até por isso, porque ali é uma cidade que ela depende da agricultura, então muitas pessoas ali moram no sítio, eles vivem ali, o trabalho deles é em torno ali de é... plantação de mandioca, laranja, então eu acho que, que a maneira deles falarem e, e ali em Barão eles têm uma cultura diferente, né? Eles têm uma maneira diferente, apesar de ser pertinho, mas eles têm uma, não sei te falar, assim, o que define, mas que eles são diferentes. Tem uma coisa diferente ali.” (NFs2).

12,5% dos participantes de Nova Esperança apresentaram características positivas aos moradores de Barão de Lucena e 37,5% apresentaram justificativas negativas, indicando que são pessoas mais humildes e que “pessoas mais do sítio tem uma maneira mais deles de falar”. Quando questionados se era possível identificar um morador de Barão de Lucena pelo modo de falar, 50% dos entrevistados afirmaram que não: “Hoje não mais. Antes sim, dava pra identificar”; “se eu conhecer. Se não, só se ela falar mesmo”; “só se eu perguntar o endereço”.

Os hábitos dos moradores de Barão de Lucena também foram apontados por um dos entrevistados de Nova Esperança como característica das pessoas que moram no distrito, que relatou:

(36) “Então, eles têm uma liberdade lá no Barão, acho que aqui de repente pessoas não entendem, né? Que há vizinhança, né? Tem horário pra fazer as músicas altas. Então, assim, depende da região que a pessoa mora, igual elas tão acostumadas que a cidade é bem pequenininha lá, né... Eles falam mais alto, cê tá acostumado a falar, porque todo mundo se conhece acho que lá no Barão, né?” (NMs1).

(37) “E... mais assim, tem o costume de, de procurar fazer uma compra na cidade maior, tipo Nova Esperança ou Maringá, eles se locomovem pra região de Maringá ou, até mesmo, muitos aqui no comércio de Nova Esperança” (NMf1).

O fator sexo apontou que 62,5% entre todas as participantes mulheres apresentaram características positivas e apenas 12,5% dos homens fez o mesmo. 50% dos homens apresentaram características negativas para os moradores do distrito. Esses dados mostram que as mulheres

Em relação à faixa etária, 37,5% dos participantes da FE1 e também da FE2 afirmaram que identificam um morador de Barão de Lucena, principalmente porque já os conhecem.

(38) “Quando eu conheço, que é dos antigos, porque eu sei, onde mora, porque aqui a gente sabe onde mora todo mundo. A não ser uns que chegaram depois, né? Teve gente que chegou do Ceará, então não sei não. Mas os outros, a gente sabe até onde mora, né? Porque sabe o apelido até” (NFs2).

(39) “É que aqui, a gente, todo mundo mais se conhece, né? Então, a gente vê na rua, a gente já sabe quem é e já fala “ah, é do Barão”. Então, não tem como eu falar assim ‘ah é por causa disso, é por causa daquilo’, porque a gente olha, assim, e já conhece a pessoa, e já sabe que é daqui” (BFs1).

(40) “Barão de Lucena, normalmente porque a gente já mora aqui, então a gente já conhece todo mundo praticamente, né? Então, a gente já percebe que samos daqui. E a gente tem muito tempo aqui, nossa... Moradora véia aqui” (BFf2).

Entre os participantes da FE1, 50% apontaram características que, para os participantes, eram negativas:

(41) “Ah, porque aqui é, tipo assim, é um lugar onde é uma zona rural. Zona rural é uma pessoa simples, né? Mais simples. Jeito de sotaque mais simples, eu acho, de fala” (BFf1).

(42) “Sem preocupação com formalidade, porque... e aí, nesse caso, igual como eu comentei antes, aí vai em questão da influência da, do estudo, né? Que pra eles, às vezes, nem tanto estudo tem lá. Aí, às vezes, pra você se formar lá, em Barão, a pessoa tem que trabalhar, tá acostumado lá. Nova Esperança tem tanto emprego, então as pessoas fica naquele ambiente e não tem tanto estudo” (NMs1).

Em relação ao fator escolaridade, 37,5% dos participantes com EF e 37,5% com ES apresentaram características positivas para identificar os moradores de Barão de Lucena. 50% dos participantes com ES apresentaram características

negativas, enquanto os participantes com EF foram 25%. Não conseguiram identificar os baronenses 37,5% dos participantes com EF e 12,5% dos participantes com ES.

Foi perguntado aos entrevistados se “Falam melhor as pessoas de Nova Esperança ou de Barão de Lucena?”. A Tabela 05, a seguir, resume as respostas dos participantes.

Tabela 05 – Avaliação geral e por localidade em relação à pergunta “Falam melhor as pessoas de Nova Esperança ou de Barão de Lucena?”

Respostas	Avaliação geral	Avaliação por localidade	
		NE	BL
Nova Esperança	31,3%	25%	37,5%
Barão de Lucena	0%	0%	0%
Falam igual	68,7%	75%	62,5%

Fonte: Elaborado pela autora.

68,7% entre todos os participantes afirmaram que ambos falam igual, 31,3% afirmaram que os moradores de Nova Esperança falam melhor e nenhum dos participantes respondeu que os moradores de Barão de Lucena falam melhor – nem mesmo os próprios moradores do distrito.

Em relação aos participantes de Barão de Lucena, 37,5% afirmaram que os moradores de Nova Esperança falam melhor do que os do distrito e 62,5% afirmaram que “é a mesma coisa” e que “a língua é a mesma”, o que pode indicar a intenção de tomar para si o *status* e o prestígio dos moradores do município.

Entre aqueles que responderam que falam melhor os nova-esperancenses, as justificativas estavam relacionadas principalmente ao meio de trabalho e à escolaridade.

(43) “A região de Barão de Lucena, então, é um pessoal, maioria são os lavradores, então trabalha serviços rurais. Então, foge um pouco do intuito do estudo. Então é na onde você vê os erros, a fala, as mesmas conversas dali na cidade, sobre quais praticamente os mesmos assuntos, sobre lavoura, enfim. Então, a gente nota isso daí [...] infelizmente, acaba saindo várias palavras erradas” (BMf1).

É possível afirmar que há uma percepção negativa entre os moradores de Barão de Lucena para com eles mesmos. Nem mesmo os participantes do distrito

apontam características positivas da sua fala, colocando-se como melhores falantes. Espera-se uma lealdade linguísticas dos moradores de um determinado local e isso não ocorre com os moradores de Barão de Lucena.

Os entrevistados do distrito que afirmaram que a fala é igual disseram que “a linguagem é a mesma” e que há uma impressão de que a pessoa fala melhor porque “se deu melhor na vida”, mas, na verdade, não há distinção.

(44) “Mas a linguagem é a mesma. Não... só não muda, como eu acabei de falar pra você, tipo, se alguém muda daqui, de repente se dá melhor na vida, aí já quer achar que o outro, que o outro ficou pra trás já, né? Mas isso aí é a mesma coisa, a linguagem é a mesma, não muda em nada” (BMf2)

(45) Não, eu, eu acho que, que as fala são igual. Eu acho que não tem diferença, né? É que nem eu acabei de falar, é a diferença pode ser assim, é um cara que tem mais um conteúdo e o que não tem. Tem essa diferença, mas eu acho que pra falar são igual” (BMs1).

Seria possível entender esse posicionamento de “fala igual” como um tipo de lealdade linguística? Pois, ao dizer que sua fala é igual a do outro que detém mais prestígio, pode-se trazer esse prestígio também para si.

Entre os participantes de Nova Esperança, 75% responderam que a fala dos moradores de ambos os locais é igual: “Pra mim é igual, não tem diferença: “Pra mim não, porque as pessoas que eu conheço falam tudo igual” (NMf1). Um dos participantes afirmou que o que muda normalmente é o assunto, mas a forma de falar é a mesma.

(46) “Conheço algumas pessoas sim, mas nunca vi diferença, mais é claro eles falam assim... igual, eu conheço gente que trabalha no sítio e tal, o foco dele sempre é na agricultura, ‘ah, é meu sítio, meu trabalho’. Mas nada de diferente não” (NMf2).

Outro ponto que contribui para que os informantes considerem a fala de ambos os lugares igual pode ter relação com o fato de Nova Esperança situar-se no meio da escala rural x urbano, considerando as definições de rural, urbano e rurano de Bortoni-Ricardo (2004). Em algum momento, é possível separar as localidades como urbano e rurano; no entanto, observando a semelhança existente entre as duas localidades, compreende-se que ambas estão dentro da escala rurano. Talvez isso explique a similitude de fala e de percepção da fala.

O trabalho voltado para a lavoura também foi algo apontado pelos entrevistados, que indicam esse fator como relevante na forma como os moradores de Barão de Lucena se comunicam. Uma das entrevistadas descartou a questão da educação, considerando que é algo regional e que todos têm acesso.

(47) “A educação em si que é fornecida, fornecida pra lá... Porque a regional é mesmo da, da educação, né? A questão mais mesmo do pessoal muito ligado a zona rural lá, né? Então, eles pode falar um pouquinho mais arrastadinho, um linguajar mais simples, mais informal. Entendeu? Não tem tanto essa linguagem do formal, né?” (NFs2).

Como o município fica na beira da BR-376, o seu desenvolvimento e o contato com cidades próximas e que não têm acesso a essa rodovia foram citados por um dos entrevistados de Nova Esperança, já aposentado, mas que trabalhou por muito tempo com vendas na região. Ele afirma que:

(48) “Nova Esperança, né? É pelo fluxo, né? É pelo comércio, é pela influência. Nova Esperança, quer queira, quer não queira, é um tronco comercial de, de Floráí, de Paranacity, de Uniflor, de Atalaia, Alto Paraná, entendeu? E ainda vem aqui, vem mais do fundão, vem Inajá, vem Colorado. Todas elas que estão ladeiradas. Então eles caem aqui. Então isso faz com que o discernimento e o entendimento, a conversa com as pessoas se torne um pouco mais, não discriminando ninguém, mas é a força do hábito. É um fato. Aqui tem maior comércio do que no Barão, tem mais comércio do que na Ivaitinga e isso traz, traz influência, né?” (NMs2).

Houve uma preocupação por parte de uma das entrevistadas de mostrar não estar discriminando os moradores de Barão de Lucena. Ela afirma que “em Nova Esperança tem, tem muita gente que são mais culto, né? No Barão também existe gente culta. Senão, nada, num tô discriminando, num quero discriminar o Barão” (NFf2). É possível observar que há, nesse relato, uma tentativa de não se mostrar preconceituosa, mas, na verdade, o que ocorre é uma preocupação de preservação da face, buscando esconder o que verdadeiramente se pensa para não ser malvista.

Tabela 06 – Respostas à pergunta “Falam melhor as pessoas de Nova Esperança ou de Barão de Lucena?”, segundo os fatores sociais

Cidade/Resposta	Fatores Sociais					
	F	M	FE1	FE2	EF	ES
Nova Esperança						
Nova Esperança	0%	50%	25%	25%	0%	50%
Barão de Lucena	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Falam igual	100%	50%	75%	75%	100%	50%
Barão de Lucena						
Nova Esperança	25%	50%	75%	0%	50%	25%
Barão de Lucena	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Falam igual	75%	50%	25%	100%	50%	75%

Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação ao fator sexo, observou-se que a maioria das mulheres acreditam que falam igual os nova-esperancenses e os baronenses (100%, segundo as participantes de Nova Esperança, e 75% segundo as participantes de Barão de Lucena). Já entre os homens, independentemente da localidade, 50% acreditam que falam melhor os nova-esperancenses, e 50% afirmaram que falam igual. Essa variável, portanto, não se mostrou fator condicionante.

O fator idade mostrou resultados iguais tanto FE1 quanto FE2 nas respostas dos participantes de Nova Esperança: 25% relataram que falam melhor as pessoas de Nova Esperança, e 75% disseram que falam igual. Em relação aos participantes de Barão de Lucena, os resultados mostraram-se mais relevantes, pois 75% dos participantes da FE1 afirmaram que falam melhor os informantes de Nova Esperança contra nenhuma resposta dos participantes da FE2. Estes, em sua totalidade (100%), declararam que falam igual os moradores de ambas as localidades. Isso pode significar que os mais velhos têm menos preocupação com a fala e fazem menos julgamento da fala dos outros, ou, talvez, menos percepção das diferenças linguísticas entre os moradores das duas localidades, sobretudo se tratando de moradores de Barão de Lucena.

Em relação ao fator escolaridade, 100% dos participantes de Nova Esperança com EF e 50% com ES acreditam que os moradores do distrito falam igual aos de nova-esperancenses; já 50% dos participantes de Barão de Lucena com EF e 75% com ES tem a mesma opinião. Os entrevistados que não reconheceram uma diferença na fala entre os moradores da cidade e do distrito

apontam justificativas com a intenção de defender o local onde vivem, como vemos no relato dessa participante:

(49) “Ah, não sei... eu acho que... Ah, eu acho que é igual, depende de quem é. Tem pessoas daqui que falam bem, igual pessoas de lá, depende de onde trabalha, com quem trabalha, sabe... Em Nova Esperança, as pessoas que eu conheço não falam muito chique (risos)” (BFf1).

Aqueles que responderam que falam melhor os nova-esperancenses (em sua maioria pessoas com ES) apresentaram justificativas que estão relacionadas ao estudo e ao convívio das pessoas, considerando que o distrito é pequeno, com uma população menor e que se conhecem, gerando assim uma intimidade maior e um menor monitoramento da fala.

(50) “Por causa da, do ensino... Porque, por exemplo, uma pessoa que ela mora em Nova Esperança, ela procura uma faculdade, ter mais ensino, a procura maior de você estudar, entendeu? E Barão de Lucena, infelizmente, a, a antiguidade era mais serviço de lavoura, então as crianças ali elas ficam tanto hoje, né, com a modernidade, acabam estudando, mais é... demora um pouco mais de pegar aquele hábito da, da fala correta, né” (BMf1).

(51) “É que aqui a gente convive bastante, né? Então, a gente, às vezes, escuta as pessoas fala de um jeito errado ou xingar, né? A gente escuta bastante eles conversar, xingar, falar alto. Lá em Nova Esperança eu não vejo muita gente assim que eu convivo, sabe” (BFs1).

(52) “Tem mais gente daqui que fala melhor eu acho, porque aqui todo mundo tá no comércio, nas loja, nas... assim, convivendo com mais gente, sei lá” (NFF1).

Esses relatos mostram que existe uma intenção de justificar e explicar a diferença na fala, mas é possível perceber que é em defesa dos falantes, pois as explicações apontam para uma busca pela “fala correta” ou que essa “fala de um jeito errado” se dá pelo convívio; é um ambiente informal para eles, por isso não veem a necessidade de se policiar na fala.

Em relação à questão número 7, “você acha que as pessoas que moram na zona rural falam da mesma forma que as pessoas que moram na cidade? Como você consegue diferenciá-las?”, 69% dos participantes responderam que não e 31% entre todos responderam que sim, afirmando que, atualmente, não existe mais uma diferença na fala de moradores da zona rural e da zona urbana. A tabela 07 resume as respostas a essa pergunta.

Tabela 07 – Avaliação geral e por localidade em relação à pergunta
 “Você acha que as pessoas que moram na zona rural falam
 igual às pessoas que moram na cidade?”

Respostas	Avaliação geral	Avaliação por localidade	
		NE	BL
Sim	31%	25%	37,5%
Não	69%	75%	62,5%

Fonte: Elaborado pela autora.

31% de todos os participantes acreditam que a fala rural e a fala urbana são iguais. Esse resultado mostra-se significativo e pode ser consequência de os participantes deste estudo morarem em uma região com características muito rurais; afinal, Nova Esperança é uma cidade pequena e bastante dependente da agricultura. Esse resultado pode, ainda, estar relacionado ao fato de os moradores do município e do distrito terem um contato muito frequente. Em relação especificamente aos participantes de Nova Esperança, essa percepção de igualdade pode estar relacionada com a origem de seus pais, muitos dos quais são ou foram moradores da zona rural. Conforme visto anteriormente, Bortoni-Ricardo (2004, p.52) explica que os grupos rurbanos se constituem de pessoas que vieram da zona rural e “ainda preservam muito de seus antecedentes culturais”.

Entre os moradores de Barão de Lucena, 62,5% afirmaram que a fala dos moradores da zona rural e da zona urbana são diferentes, enquanto 37,5% defendem que ambas as falas são iguais. Já os nova-esperancenses percebem mais essas diferenças (75%). Esse resultado parece indicar que os participantes de Barão de Lucena têm menos percepção das diferenças existentes entre essas falas. Talvez isso se deva ao fato de eles serem moradores do distrito, que, no contínuo de urbanização, caracteriza-se como uma zona rurbana.

Uma das justificativas usada para indicar que as falas não têm diferença é o acesso à tecnologia, que permite que as pessoas estejam informadas tanto no meio rural quanto urbano, como afirma um dos moradores de Barão de Lucena:

(53) “Eu, eu acho assim que não é porque ela mora, hoje, ela mora na, na cidade e outra mora lá no meio rural, mas aquela do meio rural ele tá bem instruído, ele tá assistindo televisão direto, né? Então, ele tem a... é, assim ele... o mesmo acesso que Nova Esperança tem, que lá também ele tem por que ele mora lá no meio rural, lá no sítio, lá no meio do, do pasto, no meio do, da amora, no meio do café, mas ele tem a mesma, a mesma que o cara sabe lá em Nova Esperança ele também sabe lá, porque ele assiste

mais televisão, e o cara de Nova Esperança talvez ele tenha um... mora ali na cidade, vai num lugar, vai ni outro, né? Então, ele talvez ele assiste o jornal. O cara que tá lá morando no sítio talvez ele mora ali no sítio ali e ele, o jornal dele, das sete e meia, das sete, ele é sagrado, ele, ele não deixa de não assistir. Então, eu acho que a diferença é isso daí” (BMs2).

Uma das participantes descreveu o fato de que os hábitos, os horários e a rotina são diferentes, mas a fala é a mesma.

(54) “Assim o viver é, assim, é tipo, mais um pouco deferenti, né? Mas o falar, eu acho que é o mesmo. Pra mim, é o mesmo. Até o jeito deles manterem assim é diferente. Que lá eles tem uma criação, tem uma pranta, tem outra ali, daí é outra diferente, né? Espaço já pra plantar, um espaço pra colher, né? Então, já é, já muda nessa parte aí” (BF2).

Em relação às diferenças, os participantes baronenses ainda relatam que até mesmo a forma de se vestir é diferente entre os dois lugares, mostrando que a avaliação das diferenças ultrapassa a questão meramente linguística.

(55) “Ah, o jeito dele se vestir, eu acho que é bem diferente. E quanto a fala, eu falo... eu acho eles falam de um jeito mais simples, sabe? Não é um jeito muito... Como se diz? Arrumado, sabe? Não é... eles fala de um jeito mais... Eles conversa de um jeito mais simplesinho” (BMf1).

O acesso à cultura e ao conhecimento também foi usado como justificativa para apontar a diferença na fala, fator que contribui na forma como as pessoas se relacionam e se comunicam, de acordo com os entrevistados.

(56) “A fala é diferente, porque, na verdade, é... dentro da cidade, além de você assim algumas pessoas terem mais conhecimento, elas também tem gírias, né, que, no, na lavoura já tem outras gírias. Acaba, muitas vezes, quem mora na cidade, assim acabando falando um pouco mais assim mais correto, mas no sítio tem a questão de daquelas pessoas que, igual falam, que vinheram pela antiguidade a falar errado, né, com gírias antigas” (BMf1).

(57) “Eu acredito que é o pessoal que mora na cidade, né? Pelas informação, pela a cultura, porque, tipo, a gente que é da roça, dia a dia a gente... tipo... Nós já não teve tanto estudo, né? Teve pouco estudo. Então, a tendência é o quê? Ficar pra trás. E o pessoal que está na cidade é o quê? É... ter mais informação e cada vez crescer mais, né? E da roça vai ficar sempre daquele jeito ali mesmo, não vai mudar nada. Então, quer dizer, o que, que tá na cidade, Nova Esperança no caso, tem mais de oportunidade de... é... falar melhor do que nós que tá aqui em Barão de Lucena” (BMf2).

Dentre as diferentes características da fala dos moradores da zona rural e da zona urbana, fez-se menção ao fato de que a fala rural é menos monitorada, que

as pessoas falam do jeito que querem e não se corrigem, como mostra o relato abaixo.

(58) “A diferença, a fala um pouquinho, um pouco errado, né? As pessoas que moram lá não estudaram muito, né? Então, assim, num, num se incomodam muito de, de na pronúncia, né? Mesmo que está errado, não tenta se corrigir, né? Diferencia pelo jeito de falar, pelo jeito de vestir, né?” (NFf2).

Um dos moradores de Barão de Lucena defendeu aqueles que vivem na zona rural, dizendo que “É, mais não que também da cidade tem muitos conversa pior do que os que está no sítio né? Tem muita gente no sítio que é mais inteligente que quem tá na cidade” (BMs2). Esse comentário demonstra que existe uma intenção de defender a forma de falar dos moradores do distrito, apontando para uma lealdade linguística.

Em relação aos participantes de Nova Esperança, 25% responderam que os moradores da zona rural e da zona urbana falam igual, e 75% apontaram existir distinção na fala, explicando que essa diferença depende mais de fatores como a profissão, as relações familiares e, sobretudo, o estudo dos falantes do que do lugar em que se vive.

De acordo com uma participante, “Ah, acho que os que falam na cidade falam um pouco mais polidas, né?”.

(59) “Depende até da profissão que ela exerce, eu vejo. Como nós aqui, a gente tem bastante gente que vem da agricultura. As pessoas que moram na zona rural, eles falam, eles têm uma maneira de falar diferente de quem mora na cidade. É... até as gírias, é... o emprego do verbo, às vezes eles falam, né, de uma forma, assim, que é, por exemplo, é... ‘nóis plantemos’, ‘nóis colhemos’, então, assim, é uma prova que é de quem, né, mora mais ali na zona rural” (NFs2).

Um dos participantes apontou o fato de que antigamente era possível identificar essa distinção no modo de falar dos moradores do meio rural, mas isso foi se perdendo com o tempo e atualmente a forma de falar não se distingue de um lugar para o outro, como mostra o relato abaixo:

(60) “Ó, hoje em dia, sim, hoje em dia é igual. Antigamente aquele, aquela questão de sotaque, que é... mas hoje em dia, quem vem, não, eu não sinto diferença não. Sinto mais diferença de quem vem de outro estado do que de quem vem do sítio” (NMs2).

Apesar de haver diferença na forma de viver, nos hábitos e nas atividades do meio rural, os moradores desses lugares têm acesso a toda tecnologia que existe no meio urbano e isso dissipa muito a diferença que antes existia e diferenciava os dois grupos.

(61) “Veja bem, a simplicidade ainda existe na zona rural. Sempre vai existir. A pessoa que vive no meio rural é outra realidade, só que hoje, com o poder de informação da informática, das telecomunicações, também a cultura e o, e o falar chega lá também. Então, como a, a influência de, de, cultura entre um grande centro para um pequeno, também há essa influência da cidade com a zona rural. Até porque eles não vivem lá encasulado, né? Eles têm televisão, têm telefone celular, têm Sky, têm, têm tudo isso” (NMs2).

Entre a descrição das características da fala, o termo “caipira” foi citado por alguns participantes, tanto de Nova Esperança como de Barão de Lucena, o qual foi usado para descrever a forma como falam os moradores da zona rural:

(62) “Ah, eu acho que do da zona rural eles tem um, um jeito caipira de conversar né? Assim, modo de dizer. Agora na cidade não, já é mais... acho que aperfeiçoado, né, a conversar ali. Conversando constantemente, toda hora, trabalho, é... estudo. Agora, da zona rural não, né. O cara, as veiz trabaia lá sozinho no sítio, sei lá, aí não conversa muito” (BMs1).

(63) “Acho que que o pessoal do rural eles só são um pouquinho mais, mais caipira, né? Mais praticamente a mesma pronúncia, só arrasta um pouquinho” (Nff1).

A tabela 08 apresenta as respostas relativas a essa pergunta segundo os fatores sociais.

Tabela 08 – Respostas à pergunta “Você acha que as pessoas que moram na zona rural falam da mesma forma que as pessoas que moram na cidade?”, segundo os fatores sociais

Cidade/Resposta	Fatores Sociais					
	F	M	FE1	FE2	EF	ES
Nova Esperança						
Sim	12,5%	12,5%	12,5%	12,5%	50%	0%
Não	87,5%	87,5%	87,5%	87,5%	50%	100%
Barão de Lucena						
Sim	50%	12,5%	0%	87,5%	12,5%	50%
Não	50%	87,5%	100%	12,5%	87,5%	50%

Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação a variável sexo, os resultados referentes aos participantes de Barão de Lucena apontam que os homens parecem ter uma percepção maior dessas diferenças (87,5%) em comparação com as mulheres (50%), resultado que contraria a expectativa de serem as mulheres as mais atentas às diferenças linguísticas. Para Nova Esperança, os dados não revelaram diferenças entre homens e mulheres.

A variável faixa etária apresentou um resultado relevante em relação aos participantes baronenses: 100% dos participantes da FE1 declararam que falam diferente os moradores da zona rural e da zona urbana, contra 12,5% da FE2, ou seja, um resultado praticamente inverso. Essa diferença pode ter relação com o fato de os participantes mais jovens saírem de Barão de Lucena para estudarem, trabalharem ou para atividades de lazer em Nova Esperança ou em cidades maiores. O contato com esses centros urbanos e o retorno ao distrito podem deixar mais evidente as diferenças entre fala urbana e fala rural. Já os participantes mais velhos não têm essa mobilidade e, mesmo quando se deslocam para trabalhar, mantêm-se no ambiente rural. Para Nova Esperança, os dados não revelaram diferenças entre as faixas etárias.

A variável grau de escolaridade revelou que 100% dos participantes de Nova Esperança com Ensino Superior percebem diferenças entre a fala urbana e a fala rural, enquanto essa percepção é indiferente em se tratando de participantes com Ensino Fundamental: 50% responderam sim e 50%, não. Esse resultado parece indicar que quanto mais instrução o indivíduo possui mais ele identifica a variação existente na fala. Esse resultado se inverte quando se analisam as respostas dos baronenses: 87,5% dos participantes com Ensino Fundamental percebem as diferenças entre a fala urbana e a fala rural, contra apenas 50% dos participantes com Ensino Superior. Esses dados parecem indicar que o fator escolaridade pouco interfere quando os participantes são de Barão de Lucena, pois mesmo aqueles que possuem Ensino Superior e, conseqüentemente, receberam mais instrução ainda assim não observam a variação existente entre os falares urbano e rural.

Após avaliarem a forma como as pessoas falam, os participantes passaram a avaliar a sua própria forma de falar. Quanto à pergunta “Você acha que fala bem?”, 43,8% de todos os participantes afirmaram que não falam bem e 49,9% deles disseram que sua fala é “mais ou menos”, ou seja, 93,7% de todos os

participantes não acham que falam bem, mesmo em se tratando de fazer referência ao domínio de sua língua materna. Apenas 6,3% entre todos os participantes responderam que sim, que acham que falam bem, e é importante destacar que essa afirmação foi feita por participantes de Nova Esperança com Ensino Superior completo.

Na sequência, apresenta-se a tabela 09, que resume os resultados relativos a essa pergunta.

Tabela 09 – Avaliação geral e por localidade em relação à pergunta “Você acha que fala bem?”

Respostas	Avaliação geral	Avaliação por localidade	
		NE	BL
Sim	6,3%	12,5%	0%
Não	43,8%	62,5%	25%
Mais ou menos	49,9%	25%	75%

Fonte: Elaborado pela autora.

Entre os participantes de Barão de Lucena, 25% disseram que não falam bem. Em suas respostas, as justificativas eram que há trocas de letras, tem pouco estudo, são muito tímidas e falam pouco. 75% disseram que sua fala é “mais ou menos” e que estão acomodados com o lugar onde vivem, por isso não há tanta preocupação com a forma de falar, como afirma uma das moradoras. Ressalta-se o fato de que nenhum dos participantes do distrito afirmou que fala bem. Fazer essa afirmação pode revelar um preconceito com a própria fala, mais acentuado do que o dos participantes do município.

Um dos participantes, apesar de ter sido diretor de escola e ser professor aposentado, não sente segurança na forma de falar e afirma que “pelo que eu estudei, fui diretor de escola, eu acho que eu não sou assim um cara que falo muito bem. Eu falo mais ou menos. Não vou falar que eu falo muito bem” (BMs2).

Outra participante afirmou que fala muito errado porque foi assim que aprendeu com os pais, e isso a incomoda muito. Ela afirma que:

(64) “Uma coisa que eu tenho muita dificuldade de falar, que eu tenho que, tipo assim, eu tenho que aprender porque eu sou professora, eu vou ser professora, né? Ainda não tô na área lá, tô como agente de apoio, mas é o P e o R, o P e o L, sabe? Aí eu falo errado, aí eu tenho que pensar, então

vou falar problema, eu tenho que pensar, senão sai tudo com R. Entende? Principalmente nisso. Nossa, eu não falo bem. Mas estou sempre me corrigindo, sabe? Eu sempre tento pensar, estou tentando melhorar. Pra depois falar as palavras que eu tenho dificuldade” (BFs1).

As pessoas que responderam não falar bem são pessoas que apresentam certo incômodo com isso e buscam formas de justificar e explicar a razão pela qual isso acontece, principalmente o fato de se policiar na fala e “tentar melhorar”, como mostra o relato abaixo em que a necessidade de estudo e leitura é apontada pela participante para que o seu “problema de fala” seja resolvido.

(65) “Eu tento falar o máximo o correto possível, né? Porque a gente acaba o dia a dia, a gente acaba se corrigindo, mas acaba também falando várias palavras erradas, enfim, e o costume, né? O costume ele vem do, do que você tem no dia a dia, então se você tem um acompanhamento de estudo de, de fala, de ler de tudo então você acaba tendo o intuito de melhorar a sua fala e a escrita também, né? Então, agora a pessoa que ela não se... não acompanha essa, essa, esse diálogo de você ler, de escrever, de fazer tudo um dia, então acaba perdendo, né... o foco” (BMf2).

A questão do estudo foi sempre bastante mencionada pelos entrevistados, que julgam ser um fator importante para se falar bem e melhorar a fala. De acordo com alguns participantes, quanto mais estudada a pessoa é, melhor ela fala. No entanto, algumas pessoas com nível superior concluído não acham que falam bem, mostrando que a insegurança na fala não está necessariamente ligada aos estudos.

Entre os moradores de Nova Esperança, 62,5% afirmaram não falar bem, 25% responderam que sua fala é mediana e 12,5% acham que falam bem. É importante destacar que todos os participantes que afirmaram que falam bem possuem curso superior.

Esses resultados surpreenderam, pois esperava-se que os participantes do distrito fizessem mais avaliações negativas em relação à própria fala, considerando que, em perguntas anteriores, avaliaram melhor a fala alheia. Em comparação com os participantes de Barão de Lucena, os nova-esperancenses apresentaram mais que o dobro de respostas afirmando que não falam bem: 62,5% contra 25% dos baronenses. Talvez, afirmar que não fala bem não signifique exatamente que a pessoa não tem domínio linguístico; isso pode apenas indicar que se trata de pessoa muito crítica, preocupada em relação à própria fala.

Alguns dos aspectos apontados pelos participantes para afirmarem que não falam bem foram a falta de concordância dos verbos, a pressa na hora de falar, a

necessidade de enriquecer o vocabulário e de organizar mais as ideias no momento de se expressar.

Uma das participantes de Nova Esperança disse que, na maioria das vezes, nem se incomoda com isso. Ainda que saiba que está “falando errado”, ela não se corrige e relata que, mesmo sendo cobrada, não se importa e não modifica sua fala.

(66) “Às vezes, você nem se incomoda em se corrigir. Às vezes, o meu marido mesmo fala pra mim, né? ‘Você está falando errado, você tem que tentar se corrigir’. Às vezes, você passa despercebido mesmo, você não vê que você está falando errado” (NFf2).

A Tabela 10 traz os resultados referentes aos fatores sociais.

Tabela 10 – Respostas à pergunta “Você acha que fala bem?”, segundo os fatores sociais

Cidade/Resposta	Fatores Sociais					
	F	M	FE1	FE2	EF	ES
Nova Esperança						
Sim	0%	25%	25%	0%	0%	25%
Não	100%	25%	50%	75%	75%	50%
Mais ou menos	0%	50%	25%	25%	25%	25%
Barão de Lucena						
Positivas	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Negativas	25%	25%	50%	0%	0%	50%
Mais ou menos	75%	75%	50%	100%	100%	50%

Fonte: Elaborado pela autora.

Os resultados constantes da Tabela 10 evidenciam que os participantes de Barão de Lucena, independentemente do sexo, da faixa etária e do grau de escolaridade, não acreditam que falam bem. Esse dado é revelador e traz à tona uma situação de preconceito para com a própria fala.

Quanto aos participantes de Nova Esperança, as variáveis influenciaram nas respostas. A variável sexo apresentou-se relevante visto que 100% das mulheres responderam que não falam bem, enquanto apenas 25% dos participantes do sexo masculino deram a mesma resposta. Isso parece indicar que as mulheres têm mais “cuidado” com a fala e se preocupam mais com a forma como são vistas nesse aspecto, sendo, por isso, mais críticas. Esse dado é importante e vai ao encontro da análise feita por Botassini (2013), que, ao analisar fatores que indicam uma

linguagem de mais prestígio, aponta que são as mulheres as mais preocupadas em fazer uso desses recursos.

O fator faixa etária mostrou que a maioria dos participantes de Nova Esperança não acham que falam bem. Apenas um participante, da FE1 e com ensino superior incompleto, afirmou que fala bem, mas sua explicação é que o “falar bem” está relacionado a adequar sua fala dependendo das pessoas com quem se comunica, como mostra a resposta abaixo.

(67) “Se eu acho que eu falo bem. Olha, eu falo, eu, eu tento falar, eu falo com as pessoas como elas falam comigo. Eu me expresso com as pessoas como ela se expressam comigo. Você fala com a pessoa bem simplesinha, eu falo com ela da maneira dela. Se eu estou na faculdade ou num ambiente mais formal, eu tento um linguajar mais formal. Agora, eu sempre me preocupei em ter uma boa fala, uma boa escrita, mas a fala depende do ambiente com quem você, com quem você tá conversando” (NMs1).

Geralmente, as pessoas da EF2 não avaliam positivamente a forma como falam, principalmente porque estão afastados da escola há mais tempo, como afirma uma das informantes que relatou ter parado os estudos porque se acomodou com o trabalho e isso interfere em sua fala.

(68) “Eu acho que eu precisaria sim, é... ordenar mais as ideias na hora de falar, sabe? Até mesmo enriquecer mais o vocabulário, nesse sentido, mas eu procuro assim, sabe? Eu tento falar bem, falar melhor” (NFs2).

Ainda aqueles que julgam ter uma fala “mais ou menos” consideram que falam de um jeito simples, sem um vocabulário “com palavras difíceis” ou com “palavras técnicas”, julgando não falarem bem por esse motivo, como mostram os relatos abaixo:

(69) “Às vezes, algumas concordâncias que eu falo, quando eu vejo já falei errado. Eu falo mais... eu não falo muito técnico, muito polido. Acredito que a minha fala tenha mais uma conexão mais com, mais com o popular do que com o técnico” (NFs1).

Essa é uma preocupação das pessoas que julgam precisar melhorar a fala para ser mais bem vistas, mais respeitadas até mesmo no ambiente de trabalho. Além disso, alguns participantes disseram que não falam bem porque o português é um idioma muito difícil, como afirma uma das entrevistadas, quando questionada se fala

bem, que responde: “Ah, com certeza não, porque a língua portuguesa é uma língua difícil, né?” (NMf1).

Uma das participantes chega a apontar que é preciso estudar mais para saber falar a nossa língua, que é tão bonita apesar de ser difícil.

(70) “Eu acho, eu acho que é a nossa língua, a língua portuguesa, a gente tem que saber falar ela corretamente por mais difícil que ela seja. Eu acho o português mais difícil do que o inglês, por exemplo. Então assim, mas eu entendo que é preciso estudar mais pra falar mais corretamente” (NFs1).

A análise do fator escolaridade mostra que os participantes de Nova Esperança com Ensino Fundamental não acreditam falar bem (0%), 75% disseram não falar bem e 25%, mais ou menos. Já 25% dos participantes com Ensino Superior indicaram falar bem, 50% disseram que não falam bem e 25%, mais ou menos. Esses resultados parecem mostrar que, para os participantes de Nova Esperança, a maior escolaridade interfere na maneira como as pessoas avaliam a própria fala.

Quando questionados se “Alguém já corrigiu a sua fala?”, 87,5% entre todos os participantes responderam que sim e apenas 12,5% responderam que não. Entre os participantes de Nova Esperança e Barão de Lucena, houve o mesmo índice de resposta: em ambos os lugares, 87,5% dos participantes responderam que, em algum momento, já foram corrigidos por alguém, e 12,5% disseram que não. A Tabela 11, a seguir, resume os resultados relativos à pergunta “Alguém já corrigiu a sua fala?”.

Tabela 11 – Avaliação geral e por localidade em relação à pergunta “Alguém já corrigiu a sua fala?”

Respostas	Avaliação geral	Avaliação por localidade	
		NE	BL
Sim	87,5%	87,5%	87,5%
Não	12,5%	12,5%	12,5%

Fonte: Elaborado pela autora.

As pessoas apontadas como aquelas que mais corrigiram os participantes foram os cônjuges, seguido de professoras e chefes. De acordo com um dos

participantes, ele ficou constrangido, porque a professora o corrigiu no meio de outros colegas numa aula de laboratório.

(71) “Olha... numa aula de laboratório, na faculdade, eu falei ‘pranta’. Aí o professor falo ‘um futuro agrônomo falar pranta?’ Eu num esqueço disso até hoje. Eu falei sem querer, pranta. “Você vai chegar num produtor e falar pranta?” (BMs1).

Duas participantes de Barão de Lucena relataram que as chefes (moradoras de Nova Esperança) corrigiram suas falas. Em ambos os casos, as participantes relataram que elas “fizeram isso para ajudar”.

(72) “Só ela no tal do ‘problema’, sempre ela está me corrigindo. E eu, tipo, falava pra ela me corrigir mesmo. Que é, que aí eu ia lembrar por causa dela que eu lembro sabe? Às vezes você nem você fala errada e você não percebe” (BFs1).

(73) “Ah, ela não gosta que eu falo ‘ponha’. Ela gosta que falo ‘coloca’. E outra coisa, ela não gostava que eu, que eu falava é... ‘estou caçando’ (risos). Ela odiava isso. Aí, agora, eu vou... consegui arrumar essa parte. A outra também estou conseguindo devagarzinho” (BFf1).

Uma das participantes relatou ser corrigida pela mãe, que é professora, e sempre que lê os textos que ela posta em suas redes sociais, a corrige e pede para que arrume, porque “onde já se viu uma psicóloga escrever errado essas concordâncias? Que vergonha você me faz passar”. Além disso, ela relatou que algumas pacientes dela, advogadas, geralmente a corrigem quando leem algo com algum erro de português.

(74) “As advogadas, elas escrevem corretamente, assim, pelo menos as que eu atendi, né? Tudo certinho, ponto e vírgula, né? Que elas escrevem pro juiz, então, acabam colocando tudo bem certinho. E aí, às vezes, elas veem alguns erros nos meus textos que, pra elas, é gritante, né. E aí elas me pontuam, mas eu não fico brava. Vou lá, corrijo, agradeço que eu não tinha visto” (NFs1).

Dois professores, um de Nova Esperança e outra de Barão de Lucena, relataram que são corrigidos até hoje e constantemente devido ao tom de voz e à expressividade. De acordo com os relatos, as pessoas se incomodam com a forma de falar e pedem que falem mais baixo, como mostram os relatos a seguir:

(75) “Já fui corrigido por professores, desde, desde o colegial até a universidade. Na universidade mesmo, tava apresentando um projeto uma vez, de equipe, e, e também da maneira que eu me expressei alto o, o mestre chamou atenção. ‘Olha, você pra se comunicar não precisa falar alto’. Isso é um corrigir, né?” (NMs2).

(76) “De eu falar, não, agora deu falar alto, já. Porque a hora que eu começo a fala muito alto ‘eita, não sou surda, abaixa o tom’. Isso daí já. Eu dava aula lá embaixo, lá de cima já assistiam minha aula, não precisava ninguém nem ir lá embaixo. ‘Nossa, mas cê fala alto’, ‘ah, é bom, assim cês tão ouvindo a aula que eu tô dando’. De eu falar alto, sim, já, já disseram pra mim “cê fala muito alto” (BFs2).

Na Tabela 12, observam-se os resultados obtidos com as repostas de acordo com os fatores sociais.

Tabela 12 – Respostas à pergunta “Alguém já corrigiu a sua fala?”, segundo os fatores sociais

Cidade/Resposta	Fatores Sociais					
	F	M	FE1	FE2	EF	ES
Nova Esperança						
Sim	100%	75%	75%	100%	100%	75%
Não	0%	25%	25%	0%	0%	25%
Barão de Lucena						
Sim	100%	75%	100%	75%	100%	75%
Não	0%	25%	0%	25%	0%	25%

Fonte: Elaborado pela autora.

A variável sexo mostrou, para ambas as localidades, que 75% dos homens e 100% das mulheres disseram que já foram corrigidos. A afirmação de que todas as participantes já passaram por essa situação pode indicar a preocupação maior das mulheres com a correção linguística (conforme relatado por diversos estudiosos), levando-as à percepção de estarem sendo corrigidas em mínimas situações que talvez nem fossem casos de correção.

Em relação à faixa etária, 75% dos participantes da FE1 de Nova Esperança e 100% de Barão de Lucena responderam afirmativamente à pergunta; enquanto, para os participantes da FE2 de Nova Esperança esse índice sobe para 100% e cai para 75% em relação aos participantes de Barão de Lucena, ou seja, há uma inversão dos resultados; apesar disso, os índices continuam muito elevados, revelando que a grande maioria das pessoas já teve sua fala corrigida em algum

momento e mostrando que a faixa etária não se apresentou como um elemento diferenciador.

No que diz respeito à escolaridade, independentemente da localidade, 100% dos participantes com Ensino Fundamental afirmaram já terem sido corrigidos, enquanto 75% dos participantes com Ensino Superior deram a mesma resposta. Esse resultado parece revelar que o menor grau de escolaridade favorece mais situações de correção. Por sua vez, pessoas mais escolarizadas e que estiveram mais tempo expostas ao ensino da língua talvez sejam mais favorecidas nesse aspecto.

Em contraponto, foi perguntado aos entrevistados: “E você, já corrigiu a fala de alguém?”. 68,8% entre todos os participantes relataram já terem corrigido a fala das pessoas e 31,2% responderam que não. Na Tabela 13, apresentam-se os resultados relativos a essa questão.

Tabela 13 – Avaliação geral e por localidade em relação à pergunta “Você já corrigiu a fala de alguém?”

Respostas	Avaliação geral	Avaliação por localidade	
		NE	BL
Sim	68,8%	62,5%	87,5%
Não	31,2%	37,5%	12,5%

Fonte: Elaborado pela autora.

Entre os participantes de Barão de Lucena, 87,5% afirmaram já terem corrigido alguém. Quando pedido para relatar as correções que já foram feitas, duas participantes contaram que corrigem as crianças, para não as deixar “falar errado”, mas que os adultos, por respeito, não corrigiam.

(77) “Eu já corriji, mas assim, não de adulto. Mesmo cê sabendo que aquilo que a pessoa estava falando... Mesmo na escrita, já corriji na escrita. A escrita ok, né? Mas a fala de adulto não. Agora, de criança, a gente é obrigado a corrigir. Se você deixar ele falar, ‘ah, é criança’... Vai seguir o resto da vida falando daquele jeito aí. Então, já criança já corriji sim; de adulto, não. Mesmo sabendo que estava falando, não era pra ser usado aquilo, nunca, jamais eu fiz isso. Respeito. Mas igual a criança, já corriji muito” (BFs2).

Uma das participantes relatou ter passado a corrigir as pessoas depois de também ser corrigida no trabalho. Ela afirma que “depois que ela começou a me

corrigir, eu comecei a corrigir também. Hmm... meu marido, por exemplo, que ele fala igual eu” (BFf1).

(78) “Ah, porque como diz... num, num adianta quer corrigi porque a gente também fala errado. Então, quer dizer, eu não posso corrigi o outro se eu também, de vez em quando, falo errado, então, quer dizer... vamo dexá” (BMf2).

Entre os participantes de Nova Esperança, 62,5% responderam positivamente à pergunta, e 37,5% negaram já terem corrigido alguém. Os principais relatos de correção ocorreram com cônjuges e crianças (em casa ou no trabalho), sempre com a intenção de “ajudar a pessoa a falar melhor” ou “pra não cometer o mesmo erro que o meu”.

(79) “O meu marido, ele é uma pessoa que ele veio da zona rural. Então, assim, ele tinha esses níveis de linguagem, e é... algumas palavras, ele achava que ele estava falando correto e aquilo me incomodava um pouco. Então, por exemplo, ele falava eu ‘di’. Então, aquilo me incomodava. É... ele trocava muito L pelo R. ‘Ah, de onde você é’, ‘Sou de Froraí’. Mas é porque ele foi criado dessa forma. E aí um dia eu falei pra ele, eu falei ‘olha, tem algumas palavras que você, né, pronuncia errado. Se eu te falasse, você ficaria chateado?’ Ele falou não, daí eu falei ‘ó, não é di, é eu dei. Não é froraí, é Floraí, é com L’. E aí ele foi se policiando” (NFs2).

(80) “Só dos alunos. Eu procuro corrigir os alunos. Assim, não exijo que eles falem nada certinho, porque, dependendo da série também, do ano, não vai ter o linguajar correto. Entendeu? Mas no... dentro do possível, eu sempre faço a correçãozinha” (NMs1).

Aqueles que responderam negativamente à pergunta justificaram que não têm o costume de fazer isso porque acham “feio ficar corrigindo” ou por insegurança da forma como falam, como mostra o relato abaixo. E essas mesmas justificativas foram dadas pelos moradores de Barão de Lucena.

(81) “Não, não, não, porque, primeiro, eu acho que isso é muito pessoal. Muito pessoal. Corrigir alguém, cê tem que tá bem acima do nível normal. Então isso é muito difícil, né? Nunca, nunca, nunca, que me lembro não” (NMs2).

(82) “Não, porque, às vezes, você nem se incomoda em se corrigir. Às vezes o meu marido mesmo fala pra mim, né? Você está falando errado, você tem que tentar se corrigir” (NFf2).

A Tabela 14 traz os resultados referentes aos fatores sociais.

Tabela 14 – Respostas à pergunta “Você já corrigiu a fala de alguém?”, segundo os fatores sociais

Cidade/Resposta	Fatores Sociais					
	F	M	FE1	FE2	EF	ES
Nova Esperança						
Sim	75%	50%	50%	75%	75%	50%
Não	25%	50%	50%	25%	25%	50%
Barão de Lucena						
Sim	75%	75%	100%	50%	50%	100%
Não	25%	25%	0%	50%	50%	0%

Fonte: Elaborado pela autora.

Os resultados relativos à variável sexo ratificam a preocupação maior das mulheres em relação à correção da fala: 75% delas, independentemente da localidade, já corrigiram alguém, contra 50% dos homens de Nova Esperança e 75% de Barão de Lucena.

A variável faixa etária mostrou resultados inversos dependendo da localidade. Para os participantes da FE1 de Nova Esperança, 50% disseram que já corrigiram a fala de alguém, contra 75% da FE2; para os participantes da FE1 de Barão de Lucena, 100% asseveraram já terem corrigido a fala de alguém, contra 50% da FE2. Isso se deve, provavelmente, pelo fato de os participantes mais novos do distrito terem contato com pessoas de cidades próximas, inclusive Nova Esperança, e perceberem as variações nas falas; além disso, pela mobilidade, acabam estando mais sujeitos a situações de correção, como já descrito por alguns participantes e, assim, acabam “aprendendo” a corrigir também, lembrando que, conforme relatado, tais correções não incomodam, ao contrário, são tidas como positivas, como forma de “melhorar” a fala do outro. Assim, corrigir o outro pode ser entendido como algo bom, como uma forma de contribuição.

Em relação à escolaridade, para Nova Esperança, os dados mostram que corrigem mais os participantes com Ensino Fundamental (75%), resultado contraditório ao que se esperava, tendo em vista que se supõe que pessoas menos escolarizadas têm menor domínio linguístico, o que pode causar insegurança para corrigir o outro. Já entre os participantes de Barão de Lucena, corrigem mais aqueles que têm Ensino Superior (100%). Desses já se esperava tal resultado, pois a escolaridade mais alta pode trazer mais segurança ou, ainda, a necessidade de

corrigir outras pessoas e, de acordo com as justificativas, isso acontece para “ajudar a melhorar a fala”.

Respondendo à pergunta “Você já passou por alguma situação constrangedora devido ao seu modo de falar?”, apenas 31,3% dos participantes responderam que sim e 68,7% responderam que não. Na Tabela 15, resumem-se os resultados referentes a essa pergunta.

Tabela 15 – Avaliação geral e por localidade em relação à pergunta “Você já passou por alguma situação constrangedora devido ao seu modo de falar?”

Respostas	Avaliação geral	Avaliação por localidade	
		NE	BL
Sim	31,3%	62,5%	0%
Não	68,7%	37,5%	100%

Fonte: Elaborado pela autora.

100% dos participantes de Barão de Lucena responderam que não, que nunca se sentiram constrangidos devido a sua forma de falar; mesmo nos casos em que disseram já terem sido corrigidos por alguém, ainda assim não houve constrangimento. Esse resultado nos faz questionar se essas pessoas nunca se sentiram constrangidas ou se elas não percebem as situações em que pôde ter havido constrangimento em relação à fala.

(83) “Cara, eu acho que não. Não sei, às vez... No trabalho, não também... Eu trabalhei na usina aqui, conversava, assim... em reunião, assim, mais eu acho que não. Não me lembro não. Não de chamar atenção, assim... de falar errado” (BMs1).

(84) “Ah, que eu saiba não, tá? Que eu saiba, nunca passei por ter falado uma coisa assim, né? Ninguém nunca me... como diz o outro, não sei se por respeito, alguma coisa também, não sei. Mas eu acho que não. Por causa do jeito de eu falar, não. Constrangedora não” (BFs2).

Entre os moradores de Nova Esperança, 62,5% afirmaram que já passaram por situações constrangedoras devido à sua fala. Isso pode mostrar que a preocupação com a fala é maior na cidade do que no distrito e parece sugerir, ainda, que os moradores de Nova Esperança têm mais percepção de cuidado e modificação da fala em relação aos moradores de Barão de Lucena, os quais, mesmo em possíveis situações de constrangimento, talvez não se deem conta disso.

Uma das moradoras de Nova Esperança relatou que o maior constrangimento que passou foi no seu trabalho, onde era constantemente corrigida pelos patrões e, em determinada situação, sentiu-se envergonhada pelo que havia dito.

(85) “Já. É... eu já trabalhei com, com pessoas assim de uma classe social maior que a minha e daí eu, é... ia sentar pra, é... jantar, né, com o pessoal pra quem eu trabalhava e daí eles todos conversando formalmente e aí eu, sem querer, né, sem perceber também, acabei soltando um erro de português só que eu não consigo lembrar que que era e daí todo mundo ficou assim olhando pra minha cara até que alguém corrigiu. Foi bem chato” (NFf1).

Estando em outro estado, um dos participantes relatou já ter sentido constrangimento porque as pessoas desse lugar faziam chacotas pelo r “puxado”, típico da região em que ele mora.

(86) Assim, quando eu fui em outro estado, só por causa do sotaque, de puxar o R. Mas por outra ocasião pra nunca fui não [...] Em estado de São Paulo, que a família que eu tava era bastante nordestino, né? Então, pra mim falar porta, portão, eles ficava ‘Pra que arrastar tanto isso? Pra que falar assim?’” (NMf2).

Ainda uma das participantes relatou já ter se sentido constrangida devido ao tom de voz e gesticulação que ela tem durante a fala, o que a faz sentir-se mal devido à reação que isso causa nas pessoas que estão próximas ouvindo a conversa.

(87) “Ah, já. Hum. Às vezes, as pessoas interpretam assim como se eu, como o meu tom de voz é alto e a minha maneira de falar é, assim, mais imponente, às vezes tem gente que acha que eu estou brigando, que eu estou... entendeu? E na verdade não é, é a maneira mesmo de, de falar de falar, né” (NFs2).

A Tabela 16 apresenta os resultados referentes a essa pergunta segundo os fatores sociais.

Tabela 16 – Respostas à pergunta “Você já passou por alguma situação constrangedora devido ao seu modo de falar?”, segundo os fatores sociais

Cidade/Resposta	Fatores Sociais					
	F	M	FE1	FE2	EF	ES
Nova Esperança						
Sim	50%	75%	50%	75%	75%	50%
Não	50%	25%	50%	25%	25%	50%
Barão de Lucena						
Sim	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Não	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaborado pela autora.

Para os participantes de Barão de Lucena, os resultados demonstram que, independentemente das variáveis, todos negam terem passado por situações constrangedoras relacionadas à fala e, sobre isso, já se hipotetizou anteriormente.

Para os participantes de Nova Esperança, o fator sexo mostrou que a maior incidência de constrangimento ocorreu com os homens, sendo que 75% afirmaram que sim, enquanto 50% das mulheres responderam que já se sentiram constrangidas devido ao seu modo de falar. É possível que o menor índice de respostas “sim” para as mulheres seja consequência de maior preocupação com *status*, levando-as a não revelar situações de constrangimento pelas quais já passaram.

O fator faixa etária indicou que as pessoas mais velhas de Nova Esperança podem ter passado por mais situações constrangedoras em relação à fala (75%) do que as da FE1 (50%), para as quais os resultados mostraram-se indiferentes.

O grau de escolaridade revela, para os participantes de Nova Esperança, que aqueles que possuem Ensino Fundamental passaram por mais situações constrangedoras relacionadas à fala (75%) do que os que possuem Ensino Superior (50%), resultado compatível com o nível de instrução desses participantes.

(88) “Já. É... eu já trabalhei com, com pessoas assim de uma classe social maior que a minha e daí eu, é... ia sentar pra, é... jantar, né, com o pessoal pra quem eu trabalhava e daí eles todos conversando formalmente e aí eu, sem querer, né, sem perceber também, acabei soltando um erro de português só que eu não consigo lembrar que que era e daí todo mundo ficou assim olhando pra minha cara até que alguém corrigiu” (NFf1).

A penúltima pergunta foi “Em alguma situação, estando a passeio, a trabalho ou em viagem, você já modificou a sua forma de falar para adaptar à forma de falar das pessoas do lugar onde você estava?”. Como resposta a essa pergunta, apenas 31,3% dos participantes responderam que sim, e 68,7% responderam que não. A Tabela 17 traz os resultados referentes a essa pergunta.

Tabela 17 – Avaliação geral e por localidade em relação à pergunta “Em alguma situação, estando a passeio, a trabalho ou em viagem, você já modificou a sua forma de falar para adaptar à forma de falar das pessoas do lugar onde você estava?”

Respostas	Avaliação geral	Avaliação por localidade	
		NE	BL
Sim	31,3%	50%	12,5%
Não	68,7%	50%	87,5%

Fonte: Elaborado pela autora.

Entre os participantes de Barão de Lucena, 87,5% responderam que não modificaram sua forma de falar para se adaptar a outros lugares, porque a maioria não vai para outros lugares. Como relatou uma das participantes, “eu não saí daqui praticamente”.

Mesmo aqueles que saem eventualmente para alguma viagem não ficam tempo suficiente e convivem com as pessoas que viajam junto, por isso não há interferência na fala, como mostram os relatos abaixo:

(89) “Não, porque, tipo, longe do Paraná que eu fui, outra cidade, foi São Paulo. Então, tipo assim, eu fiquei pouco tempo lá. Fui na Aparecida do Norte só. Aí foi pouco tempo. E na verdade, eu também não tive muito convívio com as outras pessoas, entendeu? Fiquei mais com o pessoal que foi daqui também. Acho que por isso, né?” (BFs1).

(90) “A gente ia, quando era diretor da escola, a gente ia muito em reunião. Então, você conversava com esse pessoal da região Sul, assim, eles têm aquele sotaque diferente, mas eles conversava da maneira deles, e a gente conversava da maneira da gente. Então, nós não tinha esse negócio de eu corrigir eles ou eles me corrigiram? Então, é assim, sotaque deles era aquele e o meu era esse” (BMs2).

Entre os 12,5% dos participantes que responderam que já mudaram a forma de falar para se adequar a algum lugar, um deles afirmou que foi devido a sua profissão; como ele trabalha com transporte de pessoas, sente que isso influencia, principalmente devido à religião daqueles que ele transporta.

(91) “Já porque o modo de falar, além das línguas, tá... um, tem, por exemplo a religião, tá? A religião, muitas vezes, você acaba mudando o seu tom de falar, o jeito de falar, o jeito de cumprimentar. Então, isso também age de mudar a maneira” (BMf1).

Entre os moradores de Nova Esperança, 50% responderam que já mudaram sua forma de falar para se adaptar e 50% responderam que não. Ao confrontar esses resultados com os dos participantes de Barão de Lucena, verifica-se uma diferença bem interessante. Os baronenses praticamente não modificam sua maneira de falar (87,5%), enquanto metade dos nova-esperancenses a modificam. Esses dados revelam, mais uma vez, a preocupação maior dos participantes de Nova Esperança com a fala e com a aceitação dela por outras pessoas; lembrando que a aceitação da fala é, também, a aceitação do indivíduo que a produz.

Os principais relatos dos entrevistados para explicar essa mudança no seu modo de falar estão relacionados a viagens feitas para outros estados quando visitavam a família, quando adultos ou crianças.

(92) “A família da minha mãe é toda de Santa Catarina [...] E, às vezes, quando, quando a gente era criança, que a gente ficava um, um período lá, a gente acabava pegando esse sotaque. Então, quando chegava aqui, às vezes, a gente já estava com “tu vais”, “tu vens” (NFs2).

(93) “Ah, às vezes, no interior de São Paulo, a minha a minha prima, ela fala meio puxado o R e eu mesma pra tentar adaptar com elas, né, às vezes, até fiquei com aquele com aquele sotaque deles lá do interior” (NFf2).

Um fato interessante relatado por uma das participantes foi que ela percebe que há uma mudança na fala do filho mais velho quando ele está no meio rural, falando com os amigos ou com as pessoas com quem trabalha, e quando ele está fora desse lugar. De acordo com ela,

(94) “Meu mais velho também vive nesse meio de, de agricultura. Ele sabe falar, mas, às vezes, quando tá ali no meio do pessoal, é tão interessante, como ele se, né... É uma gíria, parece que eles têm uma gíria própria ali do meio. [...] É igual caminhoneiro, eles têm uma linguagem, um dicionário próprio deles, né? E eles entendem” (NFs2).

Pelo relato, parece haver uma mudança na fala para adaptação e aceitação no local onde ele está inserido. Essa mudança na fala é intencional e feita para que haja um entrosamento mais amigável no grupo em que ele está. Assim como afirma Labov (2008), existe uma adaptação na fala que está relacionada aos fatores sociais

que permeiam a vida do falante. No caso dos jovens mencionados pela entrevistada, essa adequação se torna evidente pelo relato, que permite uma tentativa de adequação de fala a depender do contexto em que o falante está inserido.

A Tabela 18 apresenta os resultados referentes aos fatores sociais.

Tabela 18 – Respostas à pergunta “Em alguma situação, estando a passeio, a trabalho ou em viagem, você já modificou a sua forma de falar para adaptar à forma de falar das pessoas do lugar onde você estava?”, segundo os fatores sociais

Cidade/Resposta	Fatores Sociais					
	F	M	FE1	FE2	EF	ES
Nova Esperança						
Sim	75%	25%	25%	75%	25%	75%
Não	25%	75%	75%	25%	75%	25%
Barão de Lucena						
Sim	0%	25%	25%	0%	25%	0%
Não	100%	75%	75%	100%	75%	100%

Fonte: Elaborado pela autora.

O fator sexo mostrou resultados distintos relacionados ao sexo feminino a depender da localidade: 75% das mulheres de Nova Esperança já adaptaram a fala para se adequar a algum lugar, enquanto nenhuma mulher de Barão de Lucena realizou essa adaptação. Quanto ao sexo masculino, os resultados são iguais para ambas as localidades: 25% já adaptaram sua fala contra 75% que nunca o fizeram. Tem-se, para as mulheres nova-esperancenses, uma situação que aponta a preocupação com a aceitação (modificação para se adaptar à fala de um grupo e, assim, ser aceita por ele) e com o *status* que a fala de alguns lugares pode possuir.

O fator faixa etária apontou que 75% dos participantes da FE1 de ambas as localidades nunca adaptaram a fala. Com os participantes da FE2 essa porcentagem cai para 25% para os participantes de Nova Esperança e 100% para os participantes de Barão de Lucena. Isso pode indicar que os falantes com faixa etária maior se preocupam menos com o julgamento da própria fala; talvez isso seja consequência de esse grupo já estar em uma fase da vida em que não há mais tanta preocupação em agradar os outros. Nessa faixa etária, as pessoas normalmente já estão aposentadas e passam a ter outras prioridades.

Em relação ao fator escolaridade, 75% dos participantes de Nova Esperança com Ensino Superior afirmaram já ter mudado a forma de falar para adaptar ao lugar

em que estavam, o que pode indicar que os participantes com mais escolaridade têm mais preocupação com julgamentos da própria fala, porque, provavelmente, têm mais consciência das variações linguísticas e do prestígio que algumas possuem. Contrariamente, nenhum participante de Barão de Lucena com Ensino Superior realizou essa adaptação e apenas 25% dos baronenses com Ensino Fundamental o fizeram. Parece, então, que a possibilidade de adaptação da fala para os baronenses está mais relacionada à localidade do que propriamente ao grau de escolaridade.

A última pergunta do questionário foi “Se tivesse oportunidade de se mudar, você se mudaria? Para onde e por que se mudaria?”. 81,3% dos participantes responderam que sim, se pudessem, mudariam para outro lugar, contra 18,7% que disseram que não. A Tabela 19, a seguir, resume os resultados referentes à última pergunta do questionário.

Tabela 19 – Avaliação geral e por localidade em relação à pergunta “Se tivesse oportunidade de se mudar, você se mudaria? Para onde e por que se mudaria?”

Respostas	Avaliação geral	Avaliação por localidade	
		NE	BL
Sim	81,3%	100%	62,5%
Não	18,7%	0%	37,5%

Fonte: Elaborado pela autora.

Em Nova Esperança, todos os participantes (100%) responderam que sim e, em Barão de Lucena, 62,5% deram a mesma resposta. Os motivos apontados pelos participantes foi, na maioria das vezes, buscar lugares onde houvesse mais acesso aos recursos dos quais precisam, como médicos, universidades e até mesmo trabalho. Alguns relatos mostram que esses motivos estão relacionados à facilidade de acesso a recursos em locais maiores. Além de Maringá, outras cidades citadas foram Curitiba, Maceió e interior de Santa Catarina.

(95) “Então, é por isso que eu, a preferência minha é Maringá. E por quê? Porque cê vai no médico, tá ali, cê vai no oculista ali, cê vai... tudo que cê pensar de... você já tem ali em Maringá, né? Se você não já morar em Nova Esperança, cê já tem que sair de de Nova Esperança e se deslocar pra Maringá. Então, certo, pra mim, era melhor Maringá” (BMs2).

Em relação aos 37,5% de participantes que responderam que não se mudariam, todos são de Barão de Lucena. A principal explicação foi que seus parceiros não aceitariam sair dali para morar em outro local, mesmo que isso fosse facilitar o acesso aos recursos.

É interessante destacar que todos os participantes que responderam negativamente à pergunta pertencem ao grupo da EF2, todos de Barão de Lucena. Sabe-se que, em geral, as pessoas com mais idade, sobretudo as residentes em zona rural, são mais apegadas às suas raízes e têm mais dificuldade para deixar o local a que já estão acostumadas. Uma das moradoras afirmou que nem se pudesse, ela não tem a mínima vontade de sair de Barão de Lucena, porque quer viver lá até quando morrer.

(96) “Eu disse pra muitas pessoas que já conheço e vou dizer pra você agora: daqui da minha casa, do Barão, eu só saio para a São José¹⁷. Aí um dia me perguntaram, né, onde é São José? Falei, você não mora aqui, nós sabemos muito bem. Daqui só sai pra mim... num tem vontade nenhuma, porque tem bastante gente que mora aqui, mas fala ‘ai, gostaria de tá morando em Maringá’. Não tenho vontade nenhuma de morar lá não. Tá tão bom aqui, é pertinho, um sossego na minha vida, vou procurar o quê? Não é verdade? A gente tem o teto da gente, foi uma vida aqui. Pra quê? Não, não tem” (BFs2).

Outro morador de Barão de Lucena afirmou que lá existe sossego, além do fato de estarem acomodados no lugar.

(97) “Se eu pudesse, falar a realidade, eu não sairia daqui não. Aqui a gente, sei lá, a gente custumo e, e pelo sossego, né? Dá mais tranquilidade. Eu memo, a minha, a minha muié sempre fala, antes falava de nós mora em Nova Esperança, e eu, não... Custumo num lugar assim e, como diz o ditado, se acomoda, né. Eu não sairia daqui não” (BMf2).

A Tabela 20 traz as respostas relativas aos fatores sociais.

¹⁷ O Cemitério Municipal de Nova Esperança fica localizado na Avenida São José em Nova Esperança e é comum que os moradores se refiram à avenida com essa conotação.

Tabela 20 – Respostas à pergunta “Se tivesse oportunidade de se mudar, você se mudaria? Para onde e por que se mudaria?”, segundo os fatores sociais

Cidade/Resposta	Fatores Sociais					
	F	M	FE1	FE2	EF	ES
Nova Esperança						
Sim	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Não	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Barão de Lucena						
Sim	75%	50%	100%	25%	75%	50%
Não	25%	50%	0%	75%	25%	50%

Fonte: Elaborado pela autora.

Os fatores sociais não condicionaram as respostas dos participantes de Nova Esperança, visto que, independentemente do sexo, da faixa etária ou do grau de escolaridade, 100% deles afirmaram que se mudariam se houvesse oportunidade.

Para Barão de Lucena, em relação ao fator sexo, 75% das mulheres responderam que se mudariam para outro lugar, enquanto 50% dos homens responderam afirmativamente. Entre os que não se mudariam do local onde vivem, os homens são a maioria. Isso pode indicar que eles são menos propícios a se aventurarem em novos lugares e mais apegados ao seu lugar de origem.

Comparando as faixas etárias, 100% dos participantes baroneses da FE1 responderam que se mudariam para outros lugares, contra apenas 25% da FE2. Já se esperava que os participantes da FE1 desejassem mudar para outros lugares, considerando que, no distrito, não há universidades, shopping, cinema, teatro, festas. A maioria dos jovens que decidem estudar presencialmente precisam se deslocar aproximadamente 50 km até a universidade mais próxima. Também há poucas oportunidades de emprego que não sejam no meio rural ou no serviço público.

75% dos baronenses da FE2 asseveram que não se mudariam, mesmo que tivessem oportunidade. As justificativas estão relacionadas ao fato de já estarem acostumados com o lugar, conhecer todas as pessoas, ser um local sossegado e, também, que houve uma melhora na infraestrutura do lugar, o que permite um deslocamento mais fácil e seguro até as cidades vizinhas, como afirma um dos participantes:

(98) “Olha, é... eu já moro aqui (mostrando a casa em que está) já faz cinquenta anos já e sempre, sempre, a Vilma, minha esposa, “ah, nós podia mudar pra Nova Esperança”. Tá, mas nós tamo morando aqui no Barão e agora tem asfalto, vou dar pra ela mais a mesma coisa” (BMs2).

(99) “Ah, assim Maringá. Ah, porque eu acho um, é uma cidade muito boa assim, né? Lugar de bastante serviço. Bastante... tem muita assim, deslocamento, né? Pra pessoa trabalhar, motivo do serviço e tal. Que tem bastante. Que onde a gente já mora já é mais fraco, né, de serviço” (BFf2).

A variável grau de escolaridade revelou que os participantes de Barão de Lucena com Ensino Fundamental são mais propensos a deixarem seu local de origem do que os participantes com escolaridade superior, respectivamente: 75% e 50%. Embora a diferença percentual seja pequena, o fato de as pessoas com menos escolaridade objetivarem se mudar mais do que aqueles que possuem formação superior talvez seja reflexo da necessidade de buscar melhores empregos em cidades maiores, já que, no distrito, as oportunidades de emprego se limitam praticamente ao trabalho rural e, na cidade, para aqueles que não têm uma boa formação, ao trabalho doméstico e ao comércio.

CONCLUSÃO

Este estudo buscou verificar as crenças e atitudes linguísticas dos moradores de Nova Esperança e de Barão de Lucena em relação a si mesmos e em relação ao outro.

A hipótese que se levantou neste estudo foi a de que a diferente organização social existente entre o Município de Nova Esperança e o Distrito Barão de Lucena poderia refletir-se na maneira como os indivíduos se relacionam e se expressam, trazendo à tona, de um lado, o senso de superioridade, *status* e prestígio e, de outro, o sentimento de inferioridade e de desprestígio nas relações entre os indivíduos.

Essa hipótese foi parcialmente confirmada, visto que, embora se tenha percebido que existe um sentimento de desprestígio e de inferioridade dos moradores de Barão de Lucena quanto à própria fala, esse sentimento está velado, pois os baronenses não dizem explicitamente que se sentem desprestigiados em relação aos nova-esperancenses, mas os resultados da pesquisa apontam que sim. Observa-se que os baronenses valorizam a fala dos moradores de Nova Esperança e, quando dizem que sua fala é igual à dos nova-esperancenses, é possível que haja a intenção de apropriação de *status* e prestígio que o município detém em comparação com o distrito.

Também de acordo com os dados, nenhum informante participante indica que a fala de Barão de Lucena é melhor do que a de Nova Esperança. Além disso, os próprios baronenses não apresentam defesa para a própria fala como a melhor, o que indica uma deslealdade linguística.

Já os participantes de Nova Esperança não se mostraram declaradamente superiores; ao contrário, parecem ter um cuidado especial ao se referirem à fala dos baronenses, talvez porque assim se sintam, ou talvez por uma questão de pudor e de respeito, ou ainda para não parecerem preconceituosos. Deve-se lembrar que esses participantes residem muito próximos, o que possibilita a relação entre ambos os locais, existindo, assim, uma preocupação em não deixar explícito o real sentimento que existe pelos moradores do distrito. Alguns convivem entre si e isso pode interferir na forma como enxergam o outro e como se relacionam com ele.

Na sequência, resumem-se os resultados mais relevantes referentes aos

fatores sociais.

Em relação à variável sexo, os resultados obtidos na pesquisa não se mostraram suficientemente relevantes para se afirmar que se trata de um fator condicionador, ao menos para a realidade desta pesquisa. Para algumas perguntas, as mulheres mostraram-se mais críticas e/ou mais atentas às questões relativas à língua; enquanto, para outras perguntas, a situação se inverte e são os homens que demonstram mais preocupação com as questões linguísticas.

Quanto à faixa etária, parece haver um apego maior dos mais velhos à sua origem e, conseqüentemente, à sua região e à sua língua. Há também menos preocupação com a fala se comparado aos mais jovens. Apesar de se esperar que pessoas mais jovens sejam mais inovadoras, com os moradores de Barão de Lucena isso não foi identificado. Pelo contrário, todos os participantes da primeira faixa etária apresentavam respostas tão conservadoras quanto os participantes da segunda faixa etária. Também se observou que todos os participantes mais jovens têm o desejo de sair do local de onde vivem, o que pode ser justificado pela intenção de buscar novas oportunidades de estudo e de trabalho.

Em relação ao grau de escolaridade, os participantes com mais instrução mostram-se menos preconceituosos, apresentando, no geral, mais avaliações positivas e neutras do que os participantes menos escolarizados, o que pode ser resultado de uma conscientização da existência de variações linguísticas ou, ainda, trata-se de uma estratégia para não se revelar preconceituoso.

Deve-se salientar também que, ao buscar um fenômeno linguístico que se destacasse na fala dos participantes do município e do distrito, não se observou um elemento específico que pudesse identificar os moradores de cada localidade. As características linguísticas do município e do distrito são muito parecidas. O que se observou foram os usos de dois aspectos linguísticos mais presentes na fala dos moradores de Barão de Lucena: o “num” quando a intenção é falar “não”, e o “tipo assim”.

Na fala das duas localidades, encontraram-se falta de marcação de concordância verbal e nominal, rotacismo, ditongação, iotização, dentre outras características, independentemente do sexo, da faixa etária e, inclusive, do grau de escolaridade. Ainda assim, conforme as respostas obtidas por meio das entrevistas, a fala dos moradores de Nova Esperança parece ter mais prestígio do que a de

Barão de Lucena. Pode-se dizer que isso se deve ao fato de que, por ser um município, tem mais *status* do que o distrito, considerando a facilidade de acesso aos serviços essenciais, trabalhos mais prestigiados e facilidade de locomoção para cidades maiores que ficam ao redor. Conseqüentemente, se a fala tem mais *status*, as pessoas têm mais *status*. Isso mostra o que já é visto em outros estudos de crenças e atitudes de que a crença que se tem em relação à língua é a crença que se tem em relação aos falantes dessa língua.

Por fim, acredita-se que esta dissertação atingiu os objetivos a que se propôs, possibilitando verificar o quanto as diferenças de uma localidade podem interferir nas crenças e atitudes linguísticas em relação aos seus moradores, permitindo esclarecer questões relativas ao prestígio e ao preconceito linguístico nessas localidades e, por fim, trazendo contribuições para os estudos de crenças e atitudes linguísticas de uma região do Noroeste do Paraná que ainda não havia sido estudada.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v. 1. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 23-50.
- ALVES, Maria Isolete Pacheco Menezes. **Atitudes linguísticas de nordetismos em São Paulo: uma abordagem previa**. 1979. 220 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1580108>. Acesso em: 7 dez. 2023.
- APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. **Bilinguismo y contacto de lenguas**. Barcelona: Ariel, 1996.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- BARBOSA, Adriana de Oliveira. **Brasilienses e a ideia do não-sotaque no processo de formação de identidade linguística**. 2002. 82f Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1591697>. Acesso em: 7 nov. 2023.
- BARBOSA, J. B.; CUBA, D. L. de. Crenças e atitudes linguísticas de alunos do Ensino Médio em escolas públicas de Uberaba. **Todas as Letras - Revista de Língua e Literatura**, [S. l.], v. 17, n. 1, 2015. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/7710>. Acesso em: 1 dez. 2023.
- BARONAS, Joyce Elaine de Almeida; MARQUES, Taciane Marcelle. Crenças e atitudes linguísticas na sala de aula. **REVISTA LINGUASAGEM**, [s. l.], v. 24, ed. 1, 2015. Disponível em: <https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/154>. Acesso em: 15 nov. 2023.
- BATTISTI, Elisa; OTHERO, Gabriel de Ávila; FLORES, Valdir do Nascimento. **Conceitos básicos de linguística: sistemas conceituais**. São Paulo: Contextos, 2022.
- BEM, D. J. **Convicções, atitudes e assuntos humanos**. Trad. Carolina Martuscelli Bori. São Paulo: EPU, 1973.
- BERGAMASCHI, Maria Cristina Zandomeneghi. **Bilinguismo de dialeto italiano-português: atitudes linguísticas**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul - RS, 2006.
- BITTENCOURT, Vanda Oliveira. **Gramaticalização e discursivização no português oral do Brasil: o caso "tipo (assim)"**. Scripta, v.2, n.4, 1999, 39-53.

Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10275>. Acesso em 01 de nov. 2023.

BORGES NETO, José. **Ensaio da filosofia da linguística**. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BOSCHILIA, Emilio Carlos. **O jeito de falar dos “pé vermeio”**. Curitiba: Ed. do Autor, 2020.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. **Crenças e atitudes linguísticas**: um estudo da relação do português com línguas de contato em Foz do Iguaçu. Revista Línguas & Letras, Cascavel, v. 11, n. 20, 1.º semestre de 2010.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. **Crenças e atitudes linguísticas**: um estudo dos róticos em coda silábica do norte do Paraná. 2013. 218 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

BRIGHT, William. As dimensões da sociolinguística. In: FONSECA, Maria Stella V.; NEVES, Moema F. (org.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 17-23. BUENO, Francisco da Silveira. *Gramática de Silveira Bueno*. 20. ed. São Paulo: Gloral, 2014.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAMARA JR., J. M. **História da Linguística**. Tradução Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1975.

CANCIAN, N. A. **Cafecultura paranaense**: 1900/1970. Curitiba: Grafi par, 1981.

COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. **Colonização e desenvolvimentos do Norte do Paraná**. Publicação comemorativa do cinquentenário da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP). São Paulo: 1977.

CORTEZ, Angélica Margaret Barbosa; BUSSE, Sanimar. Crenças e atitudes linguísticas de sujeitos fronteiriços com diferentes nacionalidades. **VERBUM**, [s. l.], v. 9, ed. 2, p. 212-224, setembro 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/49405>. Acesso em: 14 nov. 2023.

COULTHARD, Malcon. **Linguagem e sexo**. Tradução de Carmem Rosa Caldas-Coulthard. São Paulo: Ática, 1991.

ESPÍNDOLA, Michele Ribeiro. **"Dize-me como falas que te direi quem és"**: crenças e atitudes linguísticas de discentes e docentes no espaço escolar. 2019. Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Santa Catarina,

Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Letras, Florianópolis, 2019

FERREIRA, João Carlos Vicente. **Municípios paranaenses**: origens e significados de seus nomes. Cadernos Paraná da Gente n. 5. Curitiba: Secretaria do Estado da Cultura, 2006.

FROSI, Vitalina Maria *et al.* Da estigmatização à solidariedade: atitudes linguísticas na RCI. In: FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani. **Estigma**: cultura e atitudes linguísticas. Caxias do Sul: EDUCS, 2010, p. 15-42.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Biblioteca digital do IBGE**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=34205&view=detalhes>. Acesso em: 26 ago. 2023.

LABOV, William. **Sociolinguistique**. Paris: Éd. De Minuit, 1976.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LAMBERT, William Wilson; LAMBERT, Wallace Earl. *Psicologia Social*. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1972.

LÓPEZ MORALES, Humberto. **Sociolingüística**. 3 ed. Madrid: Gredos, 2004.

LUZ, France. Maringá: A fase de implantação. In: DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo (org.). **Maringá e o norte do Paraná**. Estudos de história regional. Maringá: EDUEM, 1999.

MARTIS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

MELLO, Angelyna da Rocha. **Crenças e atitudes linguísticas no falar de Fortaleza: elevação das vogais médias pretônicas**. 2022. 102 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

MIRANDA, A. L. A.; VIEIRA DOS SANTOS, V.; CARVALHO DA SILVA, F. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os maranhenses sobre sua fala. **Revista de letras** - Juçara, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 112–128, 2018. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/1610>. Acesso em: 12 nov. 2023.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2021, p. 9-14.

MORALIS, Edileusa Gimenes. **Dialetos em contato**: um estudo sobre atitudes linguísticas. 2000. 100p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de

Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1589336>. Acesso em: 7 dez. 2023.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de sociolingüística y sociología dellenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

OLIVEIRA, Maria Thereza Indiani de. Apresentação. In OLIVEIRA, Maria Thereza Indiani de e LOPES, Célia Regina dos Santos (Orgs.). **Sexo – uma variável produtiva**. Vol. 4, Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 1995.

ROSSA, Rosana Taís. **Crenças e Atitudes Linguísticas de descendentes de imigrantes italianos de Pinho De Baixo**, Irati, Paraná. 2017. 146 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava - PR.

SERRA, E. Os primeiros processos de ocupação da terra e a organização pioneira do espaço agrário do Paraná. In: **Boletim de Geografia**. Departamento de Geografia, Universidade Estadual de Maringá, ano 10, n. 10, dezembro de 1992, p. 61-93.

SILVA, Gabriele Maria Muniz da.; FURTADO, Raquel Maria Silva Costa. As crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes sobre os ideofones da variedade linguística do português falado em Cametá-PA. **MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**, [s. l.], ed. 55, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/9150>. Acesso em: 14 nov. 2023.

SILVA, Greize Alves da. Crenças e Atitudes Lingüísticas de falantes da região sul paranaense. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALTINO, Fabiane; AGUILERA, Vanderci de Andrade. (Org.). **Atlas Lingüístico do Brasil: Descrevendo a língua, formando jovens pesquisadores**. Londrina - PR, 2009, v. 1, p. 01-13.

SILVA, Helen Cristina da; AGUILERA, Vanderci de Andrade. Poder de uma diferença: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas. **ALFA**, São Paulo, v. 58, n. 3, p. 703-723, Junho, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/kymhBpzQ37Pn6JWZJqZbJFz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 11 nov. 2023.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1990.

TOMAZI, N. D. Construções e silêncios sobre a (re)ocupação da região norte do estado do Paraná. In: DIAS, R. B.; GONÇALVES, J. H. R. (Org.). **Maringá e o Norte do Paraná**. Maringá: EDUEM, 1999.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.